

OS TRABALHOS PARA CASA NUMA ESCOLA DE 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO

Carina da Silva Antunes

Dissertação apresentada ao Instituto Politécnico de Castelo Branco para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, realizada sob a orientação científica do Doutor, Ernesto Martins Candeias, professor adjunto, da unidade técnico-científica das Ciências Sociais e Humanas e do Doutor, Joaquim José Manteigas Picado, professor requisitado, da unidade técnico-científica das Ciências Sociais e Humanas da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco

Dedico este trabalho:

Aos meus irmãos: Sónia, Gabriel, Liliana e Miguel,
aos meus pais e ao David.

Agradecimentos

Virada a última página do presente trabalho de investigação, gostaria de assinalar o meu profundo apreço e agradecimento a todos aqueles que, de diferentes formas, me apoiaram na sua concretização.

Em primeiro lugar, ao Professor Joaquim Picado e ao Professor Ernesto Candeias, que associado ao rigor científico, sempre demonstraram uma total disponibilidade para me ouvir, aconselhar e corrigir, tendo sempre uma palavra de estímulo e coragem nos momentos mais difíceis deste percurso.

A todas as pessoas do Agrupamento da escola que direta ou indiretamente, colaboraram neste estudo: crianças, professores, assistentes operacionais, assistentes administrativos e pais.

A todos os professores que participaram na minha caminhada académica e contribuíram para o meu desenvolvimento pessoal e académico.

Às colegas de curso pelo seu apoio e amizade durante todo o percurso.

A todos os familiares e amigos que manifestaram o seu apoio, incentivo, ajuda e presença no momento certo.

Finalmente, às pessoas mais especiais na minha vida, aos meus pais e irmãos (Sónia, Gabriel, Liliana e Miguel), pelo seu incansável apoio e motivação transmitidos em todos os momentos. E claro, ao meu companheiro, o David, pela constante presença efetiva em todos os momentos tendo revelado muita paciência, compreensão, amor e carinho.

A todos, um grande bem-haja.

Palavras-chave

Trabalhos de casa, TPC, Técnicas de Aprendizagem, Relação escola-família

Resumo

Com o presente relatório de estágio pretendeu-se desenvolver uma investigação sobre os Trabalhos Para Casa, vulgo TPC. Houve que definir objetivos e percorrer várias etapas. No que concerne aos objetivos, procurou-se compreender como é que os alunos e os professores do 1º ciclo do ensino básico de hoje vivem e sentem os TPC.

O trabalho decorreu na cidade de Castelo Branco, numa escola de 1º ciclo. Foram aplicados inquéritos a 73 crianças das quatro turmas da escola e a todos os professores de 1º ciclo, com turma no agrupamento. Foi ainda feita a análise documental dos cadernos de casa das 4 turmas de 1º ciclo da sede do Agrupamento em estudo e das planificações dos TPC dos professores.

Ao longo deste relatório de estágio foi possível verificar que os TPC são uma estratégia de ensino que continua a prevalecer nesta escola de 1º ciclo de uma forma muito ativa, fazendo parte do quotidiano diário dos alunos e das suas famílias.

O tipo de TPC mais solicitado aos alunos são as fichas, as leituras, os cálculos e as cópias. Os trabalhos em grupo, o desenho, a pesquisa e a ilustração de textos são os TPC que os alunos gostavam de ter como TPC.

Os TPC solicitados mudam consoante os conteúdos trabalhados na sala de aula ou o reforço dos mesmos, tendo em conta a especificidade de cada aluno, isto é, os TPC não são iguais para todos. Dentro da mesma turma existem níveis de aprendizagem diferentes ou por se tratar de turmas heterogéneas, ou por ter alunos com NEE.

Uma das funções dos TPC é servir a instituição que os determina e neste sentido os alunos habituam-se a fazê-los para “*Aprender*”, como referem muitos dos alunos, obedecendo assim às ordens dos professores sem as contestar.

Os alunos sabem que são alvo de muita expectativa por parte dos pais e principalmente do seu professor e por isso esforça-se para atingir os objetivos propostos por este, sendo esta ideia bem visível nas justificações dadas pelos alunos.

Keywords

Homework, TPC, Learning Techniques, School-family relationship

Abstract

With the present internship report it was intended to develop a research on homework, aka TPC. The goal it was to set goals and go through several steps.

Regarding the goals, sought to understand how students and teachers of the first (1st) cycle of basic education, today live and feel de TPC.

The study took place in the city of Castelo Branco, in the school of first (1st) cycle Group.

It was made a documentary analysis of the notebooks of the four classes of the first (1st) cycle of the Group of Schools in study, as well as the teachers plan for homework.

Through this internship report it we observed that the homework is a teaching strategy that continues to prevail in this first cycle school, in a very active part of the daily routine of the students and their families.

The work group, the drawing, the research and the illustration of texts, are the homework that students liked to have as homework.

The homework requested change depending on the contents worked in the classroom or strengthening them, relying on the specificity of each student that means that the homework isn't equal for everyone.

In the same class there are different levels of learning, because there are heterogeneous classrooms, or by having students with Special Education Needs.

One of the functions of the homework are to serve the institution that determines them, in this sense the students get used to do them in order to "learn", as mentioned by many of the students, thus obeying the order of the teachers without a discussion.

Students know they are subject to high expectations from parents and especially their teacher, and it strives to achieve the objectives proposed by their teacher. This idea is clearly visible on the justifications given by the students.

Lista de abreviaturas e siglas

ATL - Atividades de Tempos Livres

NEE - Necessidades Educativas Especiais

TPC - Trabalho Para Casa

PEE - Projeto Educativo de Escola

PCT- Projeto Curricular de Turma

Índice geral

Dedicatória.....	ii
Agradecimentos.....	iii
Resumo.....	iv
Abstract.....	v
Lista de abreviaturas e siglas.....	vi
Índice geral.....	vii
Lista de quadros.....	ix
INTRODUÇÃO.....	1
Capítulo I - REVISÃO DA LITERATURA.....	5
1. 1. Vozes a favor dos TPC.....	6
1. 2. Vozes contra os TPC.....	10
Capítulo II - METODOLOGIA.....	13
2.1. Tipo de investigação.....	13
2.2. Escolha do terreno.....	15
2.2.1. Os alunos.....	16
2.2.2. Os professores destes alunos.....	18
2.3. Instrumentos e técnica de recolha de dados.....	18
2.3.1. Inquérito.....	18
2.3.2. Análise documental.....	19
2.4. Tratamento dos dados recolhidos.....	20
2.4.1. Análise de conteúdo.....	20
2.4.2. Triangulação de dados.....	21
2.5. Procedimentos de aplicação.....	22
2.5.1. Inquéritos aos alunos.....	22
2.5.2. Inquéritos aos professores.....	23

2.5.3. Os cadernos de casa e Planificação de TPC.....	24
2.6. Organização e apresentação dos dados	24

Capítulo III - ANÁLISE DESCRITIVA E INTERPRETATIVA DOS RESULTADOS

3.1. Apresentação e análise dos dados obtidos	25
3.2. Apresentação dos sujeitos do estudo.....	26
3.2.1. Alunos	26
3.2.2. Professores	27
3.3. Apresentação da análise das questões	28
3.3.1. Tipo de TPC.....	28
3.3.2. O gosto dos alunos relativamente aos TPC que lhes são propostos.....	33
3.3.3. O que os alunos gostam de fazer como TPC	38
3.3.4. Quem ajuda e quando nos TPC.....	39
3.3.5. Tempo gasto semanalmente para a realização de TPC	43
3.3.6. Tempo livre para fazer outras atividades depois dos TPC	46
3.3.7. Opinião de alunos e professores sobre a funcionalidade dos TPC	48

Capítulo IV - CONCLUSÕES/COMENTÁRIOS

4.1. Algumas reflexões.....	51
-----------------------------	----

Capítulo V - Bibliografia

5.1. Referências bibliográficas	56
---------------------------------------	----

ANEXOS

<u>Anexo 1</u>	58
Inquérito aos Alunos	
<u>Anexo 2</u>	60
Inquérito aos Professores	
<u>Anexo 3</u>	62
Análise dos inquéritos dos alunos	
<u>Anexo 4</u>	75
Análise dos inquéritos dos professores	
<u>Anexo 5</u>	79
Análise dos cadernos de casa	
<u>Anexo 6</u>	82
Análise das planificações dos professores	

Lista de Quadros

Quadro nº 1 - Número de alunos que frequentam o 1º ciclo na sede do Agrupamento da escola e o número de professores de 1º ciclo do Agrupamento.

Quadro nº 2 - Caracterização dos níveis de estrato social.

Quadro nº 3 - Caracterização das habilitações literárias dos encarregados de educação.

Quadro nº 4 - Caracterização das habilitações literária e dos anos de serviço das professoras que lecionam na escola.

Quadro nº 5 - Caracterização dos alunos através do ano de escolaridade, do género e idade.

Quadro nº 6 - Caracterização dos professores, através do género, idade, habilitações literárias e anos de serviço.

Quadro nº 7 - Tipo de TPC solicitados pelos professores.

Quadro nº 8 - Pesquisa em casa.

Quadro nº 9 - Gosto dos alunos do 2º ano relativamente aos TPC que lhes são propostos.

Quadro nº 10 - Gosto dos alunos do 3º ano relativamente aos TPC que lhes são propostos.

Quadro nº 11 - Gosto dos alunos do 4º ano *A* relativamente aos TPC que lhes são propostos.

Quadro nº 12 - Gosto dos alunos do 4º ano *B* relativamente aos TPC que lhes são propostos.

Quadro nº 13 - O que os alunos gostam de fazer como TPC.

Quadro nº 14 - Se os alunos têm ajuda na resolução dos TPC.

Quadro nº 15 - Quem ajuda e quando são ajudados os alunos do 2º ano na realização dos TPC.

Quadro nº 16 - Quem ajuda e quando são ajudados os alunos do 3º ano na realização dos TPC.

Quadro nº 17 - Quem ajuda e quando são ajudados os alunos do 4º ano *A* na realização dos TPC

Quadro nº 18 - Quem ajuda e quando são ajudados os alunos do 4º ano *B* na realização dos TPC.

Quadro nº 19 - Tempo gasto semanalmente para a realização de TPC das quatro turmas.

Quadro nº 20 - Quadro referente à questão se os alunos demoram muito tempo a fazer os TPC.

INTRODUÇÃO

Quando me lembro do tempo em que eu andei na escola primária veem-me à memória boas recordações e outras menos boas. Lembro-me do medo que sentia quando a minha mãe me acordava para ir para a escola, tinha medo dos miúdos crescidos, e já sabia que ia deixar a minha irmã Sónia a chorar, porque ela com menos dois anos que eu também queria ir à escola.

Lembro-me, perfeitamente, do primeiro dia de escola em que a minha mãe me foi ensinar o caminho. Tinha-mos de atravessar a ponte da ribeira e depois subir a serra, seguir o caminho pelo pinhal até encontrar as primeiras casas da próxima aldeia. Aí existia um cão enorme, para mim aquele cão parecia um “urso”. Rezava todos os dias ao Jesus para que o cão não aparecesse a correr e a ladrar à minha frente. Ainda me mordida, ou comia o meu almocinho.

No primeiro dia fui com a mãe e no segundo já fui sozinha, pensava eu, até ver a minha mãe escondida atrás de uns arbustos, aí fiquei mais tranquila, não tinha de enfrentar o “urso” sozinha. E assim, no terceiro dia já consegui fazer o percurso de uma hora até chegar à escola, sozinha, e depois às três horas regressar a casa sã e salva. A minha mãe fez-me uma festa dizendo “Já tenho uma menina crescida!”.

E assim, foram as minhas primeiras experiências na escola primária.

Depois de algum tempo comecei outra rotina. Levantar, arranjar-me, tomar o pequeno-almoço, fazer o caminho para a escola, ir para a sala, almoçar na escola, ir para a sala e esperar com ansiedade que chegassem as três horas para poder ir para casa.

No caminho de volta para casa, ia mais tranquila, sabia que tinha todo o tempo do mundo para chegar a casa. E pelo caminho, inventava histórias, cantava, escondia pequenos tesouros (pedrinhas brilhantes) nas cepas dos pinheiros, apanhava flores para dar à mãe, chapinhava na ribeira, até chegar a casa e levar um raspanete da D. Otilia.

A mãe já estava à minha espera com muita ansiedade, isto porque, o tempo necessário para uma menina de seis anos fazer o percurso escola-casa, em vez de ser uma hora, na parte da tarde passavam a ser duas horas, quando não eram mais.

Quando chegava a casa comia o pão com tuli creme e, não me podia esquecer de fazer as tarefas que a mãe me tinha dito para fazer quando à tarde chegasse a casa.

Depois das tarefas concluídas, chegava a hora de fazer os TPC que a professora Lídia marcava.

Quando se tratava de cópias, frases, e até mesmo ditados, as coisas corriam bem, mas quando se tratava de contas, problemas, aí sim tinha muitas dores de cabeça.

A minha mãe depois de um dia de trabalho no campo, de tratar de toda a bicharada, de fazer o jantar e tudo o que isso implica e ainda de se organizar para deitar os três filhos, lá encontrava um tempinho para me ajudar.

Lembro-me bem das “noitadas” na mesa da minha sala, onde a mãe explicava, explicava e eu continuava sem perceber nadinha de nada. Lembro-me bem da cara de desespero da minha

mãe. Mas ela não desistia, enquanto eu não fizesse a conta sozinha e percebesse o que estava a fazer não me ia deitar.

Mais tarde, com a professora Rosa vieram as tabuadas para decorar na ponta da língua, e lá continuávamos nós nas nossas “noitadas”.

Quando já, finalmente, me tinha habituado a esta rotina e não precisava de ajuda nos TPC, chegou a hora de ir para uma escola nova, o Colégio, já ia para o quinto ano.

Lembro-me de chorar nas férias de verão e dizer que não queria ir para o Colégio. Tinham-me contado histórias “horríveis”. Existiam miúdos muito crescidos que já andavam no 12º ano que magoavam os pequeninos, e eu tinha muito medo. Mas tudo passou e com a ajuda da mãe adorei o primeiro dia de colégio. Agora tinha mais TPC.

No decorrer dos anos a minha mãe tinha mais dificuldade em me apoiar nos TPC, visto eu estar numa etapa académica, onde ela nunca conseguiu chegar porque a proibiram. Mesmo assim, sempre que precisei de ajuda, alguém me ajudou.

E assim, quando cheguei ao 9º ano, sentia-me completamente independente no que se refere aos TPC e aos estudos, fazendo o percurso até ao 12º ano e depois a licenciatura em Educação de Infância.

O interesse por compreender como as crianças e os professores vêem os TPC surgiu de vários fatores, isto é, inicialmente da própria experiência como aluna na escola primária. De seguida, porque tenho atualmente um irmão a frequentar o 3º ano do ensino básico e conheço bem a sua rotina diária, muito diferente da minha quando andava na escola. Tenho observado quais os TPC que lhe são pedidos, qual a sua frequência e também o seu desempenho e motivação para os fazer, ouvindo sempre com muita atenção os seus desabafos relativamente aos TPC.

Durante a minha prática como Educadora de Infância, tive a oportunidade de acompanhar um grupo de crianças com 5 anos.

Segundo as orientações da diretora pedagógica da Instituição onde trabalho, as crianças no último ano de pré-escolar em Janeiro começam a contactar com os TPC.

Existe uma mochila específica onde as crianças têm um estojo e um caderno para os TPC. A Educadora manda todos os fins-de-semana TPC que poderão ser grafismos, desenhos para colorir, escrever o nome, desenhar os números e as letras vogais, fichas, entre outras. Esta prática na Instituição fez-me refletir muito.

Tendo em conta, que este mestrado dá formação para trabalhar no 1º ciclo do Ensino Básico, era imprescindível a unidade curricular de *Prática Supervisionada no 1º Ciclo do Ensino Básico*, para formação como professora de 1º Ciclo de Ensino Básico.

Esta unidade curricular teve por objetivo a iniciação tutelada da competência pedagógica, no 1º Ciclo do Ensino Básico, numa perspetiva de continuidade com a prática supervisionada em Educação Pré-Escolar, tendo um carácter articulado, sistemático e de progressiva autonomia, mobilizando conhecimentos e habilidades adquiridas, potenciando a experiência e os processos de observação, reflexão e ação sobre a prática.

A intervenção dos estagiários nas salas de 1º ciclo regeu-se pela realização das atividades diárias de um professor.

Numa primeira fase o conhecimento das crianças, do meio, do funcionamento da instituição escolar e da relação escola-família e comunidade. Depois deste conhecimento prévio ser capaz de planificar, executar e refletir sobre a sua prática.

O estagiário em todo este processo realizou uma intervenção pedagógica e educativa de qualidade e simultaneamente construiu, de forma contínua e gradual, processos individuais e coletivos de desenvolvimento profissional.

O estágio foi organizado em grupos constituídos por dois elementos. Cada par de estagiários foi integrado numa sala de 1º ciclo de Ensino Básico. Eu e a colega de estágio fomos integradas na sala de 2º ano numa escola de 1º ciclo do ensino básico.

A prática supervisionada decorreu entre os meses de Outubro de 2010 e Fevereiro de 2011 num total de dezasseis semanas.

As primeiras duas semanas de estágio foram essencialmente de contacto com a sede do agrupamento, a escola, a professora cooperante e a turma. Nestas duas semanas fizemos a recolha de informação necessária para o início dos trabalhos de intervenção e para a elaboração do Projeto de Estágio. No final de cada semana fizemos uma reflexão sobre o que observávamos ao longo da semana, as dúvidas encontradas e as dificuldades observadas.

Depois destas duas semanas, realizámos uma semana de trabalho em grupo e de seguida semanas de trabalho individual.

Em cada semana, alternadamente, cada estagiária teria de planificar, executar e refletir sobre a sua prática pedagógica. Enquanto a colega que observava a prática da executante e a auxiliava quando fosse necessário, também tinha de fazer uma reflexão sobre a mesma.

Todas as semanas a professora cooperante fornecia a planificação à estagiária a trabalhar daí a quinze dias. A estagiária a trabalhar na semana seguinte teria de mostrar todos os guiões e material didático. A fim de serem avaliadas todas as semanas ambas as estagiárias entregavam as reflexões da semana anterior sobre a ação didática.

Quanto ao professor supervisor, competiu a este coordenar as atividades da disciplina, observar os alunos estagiários em diversas fases e momentos de estágio, dinamizar as sessões de apoio e reflexão em cada escola e depois com todos os grupos na Escola Superior de Educação. Cada par de estagiárias organizou um dossiê de estágio onde se colocaram todos os guiões de trabalhos, material didático e reflexões, que ficou ao dispor de todos os intervenientes da ação educativa, até ao final de estágio, na sala onde estava a decorrer a prática pedagógica. No final, este dossiê foi entregue ao supervisor em suporte digital C.D.

A avaliação da prática supervisionada teve por base o processo contínuo de registos durante os diversos momentos de prática e o Relatório de Estágio.

Com a prática supervisionada numa turma do 1º ciclo no âmbito do mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, intensificou-se a necessidade de saber mais sobre a técnica de ensino-aprendizagem, talvez mais antiga, os Trabalhos Para Casa.

Assim sendo, **como é que os alunos e os professores do 1º ciclo do ensino básico, de hoje, vivem e sentem os TPC?**

Para tal, a investigação vai tentar responder às seguintes questões:

1. Que tipos de TPC pedem os professores aos alunos?
2. Quais são os TPC preferidos dos alunos?
3. Quem ajuda e quando é que os alunos fazem os TPC?
4. Qual o tempo gasto semanalmente para a realização de TPC?
5. Existirá tempo para outras atividades?
6. Qual é a opinião dos alunos e professores sobre a funcionalidade do TPC?

Para a realização da investigação, pelas razões que mais à frente apresentaremos, optámos por uma metodologia de investigação do tipo estudo de caso. O objetivo que orienta o desenvolvimento deste estudo encontra concretização no propósito de estudar o relacionamento entre as opiniões dos professores e a sua prática, com as opiniões dos alunos e a sua experiência como aluno que realizam TPC.

A partir das opiniões dos professores, dos alunos, da observação dos cadernos de casa dos alunos e das planificações de TPC dos professores, pretende-se verificar as convergências e divergências entre quatro fontes de dados.

Para uma melhor compreensão desta temática estruturamos o nosso trabalho da seguinte forma:

Introdução - Na introdução são apresentadas as razões pelas quais se decidiu estudar a problemática dos TPC.

Capítulo I - Enquadramento teórico, em que se apresentam diversas perspetivas sobre a temática que se interligam com o problema em estudo.

Capítulo II - Neste capítulo referimo-nos ao processo metodológico que seguimos na condução do estudo. É feito também a descrição do grupo em estudo de acordo com alguns indicadores.

Capítulo III - É realizada a análise descritiva e interpretativa dos resultados.

Capítulo IV - Neste capítulo, para além das conclusões, são apresentados algumas recomendações que achamos ser pertinentes no sentido de melhorar esta técnica de aprendizagem.

Capítulo V - São apresentadas as referências bibliográficas utilizadas para o desenvolvimento deste estudo.

Capítulo I - REVISÃO DA LITERATURA

Neste capítulo apresenta-se a síntese da revisão da literatura efetuada para servir de orientação a este estudo. Ele pretende caracterizar concepções e práticas relativamente aos Trabalhos Para Casa no nosso Sistema Educativo.

A declaração dos direitos da criança define que “*A criança terá ampla oportunidade para brincar e divertir-se, visando os propósitos mesmos da sua educação; a sociedade e as autoridades públicas empenhar-se-ão em promover o gozo deste direito.*” (Araújo, 2009 p.16)

Desde sempre, os TPC são uma fonte de polémica, causando grandes “dores de cabeça” aos pais, professores, explicadores, amas e principalmente para muitas crianças.

Para denominar o trabalho escolar que os alunos fazem fora das paredes da escola, isto é, em casa ou em ATL, utilizam-se diferentes designações como por exemplo: trabalhos de casa, deveres, trabalhos da escola, trabalho para casa, a sigla TPC, entre outras designações.

Segundo Araújo (2009, p.62) utilizam-se diferentes designações para designar os trabalhos escolares que as crianças e jovens fazem fora da sala de aula, isto é, em casa, na escola durante a disciplina de estudo acompanhado ou em ATL. “Trabalho de casa” é a expressão mais corrente, seguida de “deveres”. A sigla *TPC* (Trabalho Para Casa), conhecida no universo de todos, é muito utilizada pelas crianças para brincar e inventar outras designações: *trabalho para carecas, trabalho para cábulas, trabalho para camelos, tortura para crianças, trabalho p’ra chatear etc.*, o que pode ser um indicador de uma reflexão crítica relativamente ao que significa este tipo de trabalho, para elas monótono, difícil, sem sentido e sem qualquer atrativo, roubando-lhes, inclusive, o tempo de brincar.

TPC é a expressão utilizada pelos alunos e pelos professores do 1º ciclo da escola em estudo e por esse mesmo motivo iremos utilizar esta sigla quando nos referirmos a Trabalhos Para Casa.

Já no tempo dos nossos avós, que ao sair da escola se ia para casa fazer mais do mesmo, isto é, continuar a escola em casa. Já nesse tempo a escola invadia o espaço familiar todos os dias inclusive ao fim de semana, feriados e férias através dos TPC.

Por este motivo os TPC sempre foram fonte de desentendimento entre a escola e as famílias, mas que para o bem e para o mal eram muitas vezes a única ligação entre as duas partes.

Tal como, no tempo dos nossos avós, as crianças de hoje continuam a não só fazer TPC escolares, mas agora também TPC da catequese e de aulas extra curriculares, sendo evidente um acréscimo do seu volume.

Neste sentido torna-se necessário que se reflita sobre este assunto como refere Araújo (2009, p.12) “*A educação diz respeito a todos e este assunto interessa aos pais, professores e aos próprios miúdos. É bom que seja conversado em conjunto.*”

Devido ao regime do Estado Novo e tudo o que isso implicou, Portugal esteve durante décadas afastado do resto da Europa e do mundo, ficando afastado de todas as mudanças científicas, tecnológicas, económicas e culturais que caracterizam o mundo atual. Por tudo isto afirma-se que as escolas do 1º ciclo de hoje muito se assemelham em alguns pontos às escolas do antigo regime.

Os TPC são uma estratégia de ensino que continua a prevalecer nas escolas de hoje, tal como no antigo regime.

1.1. Vozes a favor dos TPC

Como sugerem vários estudos, o impacto dos TPC no aproveitamento escolar nos primeiros anos de escolaridade é pouco visível em termos estatísticos ao contrário dos anos de escolaridade mais avançados onde é notório que o tempo gasto com TPC apresenta um impacto significativo no aproveitamento escolar.

Os alunos ao fazerem as tarefas de TPC, como refere Villas-Boas (1998), têm a possibilidade de adquirir o tempo e a experiência necessárias à maturação das matérias e dos assuntos que aprendem na escola, cada um ao seu ritmo e sem os constrangimentos que as aulas impõem. Assim, ao longo do tempo o aluno vai adquirir competências para conseguir lidar com os erros e as diversas dificuldades inerentes às várias aprendizagens escolares.

Epstein e Van Voorhis (2001) afirmam que a realização de TPC poderá ser uma boa forma do aluno aprender a gerir o seu tempo, de fortalecer ou construir o seu sentido de responsabilidade ou até mesmo descobrir o sentido da valorização do esforço e da perseverança no alcançar dos objetivos.

A realização dos TPC poderá ainda dotar os alunos de competências de autonomia, de serem capazes de controlar o tempo, de utilizar os manuais escolares ou de pedir ajuda quando sentem alguma dificuldade.

Assim, o estabelecimento de bons hábitos de estudo, a organização e gestão do tempo, a responsabilização pessoal e a promoção da autonomia são os objetivos que os TPC se propõem alcançar no decorrer do 1º ciclo. Contudo é extremamente importante que estes objetivos sejam acompanhados da colaboração entre professores, alunos e pais.

Nas sociedades contemporâneas, diversos sociólogos e especialistas em educação, como Musgrave (1979), afirma que “ os agentes cruciais da socialização, são a família, a escola, os grupos e os meios de comunicação de massa”.

Tendo em conta as grandes transformações ocorridas nas famílias da sociedade moderna a escola ganhou um papel fundamental na educação das crianças. Pois é ela que oferece às crianças um ensino dirigido, durante um período de tempo mais ou menos longo e com objetivos determinados. (Worsley, 1979).

Mas ainda como refere Musgrave (1979), é à família que como principal agente de socialização, continua a pertencer à função educativa. Isto porque a família sendo o meio natural da criança, tem o dever de lhe dar o apoio e o estímulo indispensáveis ao seu

desenvolvimento, proporcionar-lhes um bom clima afetivo, e uma base de estabilidade necessária, a um processo de crescimento que se deseja pleno.

Benavente e al. (1991) referem que se aceitamos que as imagens dos pais são importantes para o desenvolvimento da criança, logo consideramos os professores como sendo os adultos que depois do pai e da mãe têm mais influência no universo da criança, é fundamental harmonizar a intervenção de uns e de outros.

Indo além desta ideia, Marques (1988) considera que, sendo o “ mundo ecológico” da criança constituído pela família, a escola e os grupos de amigos e vizinhos, deverá existir comunicação entre estes vários grupos, sob pena de poder acontecer a rutura, tão nefasta.

Tal como referem os autores, atrás citados, é de extrema importância haver entre a família e a escola uma colaboração real, pois estas duas instituições devem coexistir em sintonia, completando-se.

É verdade que a família e a escola são diferentes, mas como afirma Brandão (1988, p.29) “têm interesses, objetivos e preocupações comuns, relativamente aos seus educandos, sendo por isso, complementares.”

Os TPC não podem ser vistos como uma relação única e exclusiva professor-aluno, o envolvimento dos pais e encarregados de educação é fundamental. Desta forma é necessário reforçar a importância do envolvimento escola-família como forma de prevenção de insucesso escolar.

O grande objetivo deste envolvimento escola-família é que todos ajudem os alunos a adquirir um conjunto de capacidades e comportamentos que permitam o sucesso académico e, simultaneamente, auxiliem o professor a cumprir o longo currículo formal.

Os professores sentem a necessidade do apoio dos pais para lidar com a diversidade dos alunos e com a extensão dos programas, por outro lado, os pais, face às exigências do quotidiano, não conseguem responder às solicitações do professor.

Todas as crianças em algum momento sentem alguma dificuldade, que poderá ser no próprio processo de aprendizagem escolar, ou nos TPC que lhes são exigidos e a família faz de tudo para melhorar as oportunidades de sucesso do seu filho. Relativamente à participação dos pais na realização dos TPC, Villas-Boas (1994, p.14) admite que o “sucesso escolar pode resultar do interesse dos pais pelo trabalho dos filhos”.

No entanto, Villas-Boas admite que muitos pais têm dificuldade em apoiar os seus filhos nos estudos. Por vezes, ambos os pais trabalham e quando chegam a casa estão demasiado cansados para dar apoio aos seus filhos, mesmo que tenham um grau académico, delegando a educação escolar única e exclusivamente para o professor.

A mesma investigadora, Villas-Boas (1994, p.26), afirma “que as escolas deveriam desenvolver ações de sensibilização aos pais independentemente do seu nível socioeconómico com vista à otimização da sua intervenção nos TPC, dado que admite ser preponderante a influência parental tanto no desenvolvimento cognitivo da criança como no seu aproveitamento em geral.”

Villas-Boas afirma que o envolvimento dos pais é extremamente importante quer nas atitudes e na qualidade da sua interação com os filhos, como também na necessidade efetiva de trabalharem conjuntamente em casa.

Villas-Boas (2001) referindo-se às dificuldades sentidas por pais e professores na relação escola-família, considera que estas impõem uma alteração das mentalidades, para o que é necessária uma aproximação e um maior conhecimento mútuo que tenha em atenção o ponto de vista dos alunos.

É importante compreender o modo como os alunos aprendem e as condições necessárias para a aprendizagem, pelo que daremos agora uma breve perspetiva das teorias de aprendizagem.

Perspetiva behaviorista

De um ponto de vista behaviorista, ensinar é treinar os alunos para que manifestem determinados comportamentos e, para tal, o reforço assume papel de destaque.

Reforço positivo quando se manifesta o comportamento desejado e reforço negativo quando aparece o comportamento indesejado. Aqui enquadrámos a teoria do Condicionamento Operante de Skinner, em que segundo Ramón e Díez (1998, p. 35) “ *o modelo de ensino subjacente é um modelo que ao condicionar facilita a aprendizagem*”, o processo ensino/aprendizagem converter-se-ia num mero processo de “amestrar-condicionar” (Ramón e Díez, 1998, p.35) baseado no princípio de estímulo/resposta/reforço, o qual estabelece que o comportamento depende do meio.

Segundo esta perspetiva, o comportamento está sujeito a mecanismos de controlo através de estímulos e reforços que provocarão ação como resposta.

Perspetiva cognitiva

Um dos aspetos principais da teoria cognitivista é o fomento da aprendizagem racional, valorizando a “*aprendizagem significativa*” sobre a “*aprendizagem memorística*” (Benavente, 2001). No entanto, também aqui se realça o papel da memória, não no sentido do afastamento da compreensão, mas sim como meio de recuperar as representações da realidade por parte dos alunos, o que é muito importante, já que partimos do princípio de que devem ser criadas condições para que os alunos possam desenvolver experiências de aprendizagem significativas, dentro do âmbito do processamento da informação, núcleo fundamental do cognitivismo.

Neste marco teórico, referimos que a aprendizagem significativa de Ausubel (1978) acontece quando as tarefas apresentadas ao aluno estão relacionadas de forma congruente e este, como construtor do seu próprio conhecimento, relaciona os novos conceitos com as estruturas conceptuais que possui, constrói novos conhecimentos a partir de conhecimentos que adquiriu anteriormente, ou relaciona os novos conceitos com a experiência que possui. A nova informação interage assim com uma estrutura específica do conhecimento a que Ausubel denomina “subsumer”.

A aprendizagem pela descoberta de Bruner (1998) é outro pilar a ter em conta já que supõe que a resolução de problemas depende de como estes são apresentados aos alunos e nisso consiste o desafio. Cabe ao aluno descobrir por si mesmo a estrutura daquilo que vai aprender com base em dois importantes pressupostos, o processo de procura e o processo de seleção.

A descoberta pode fazer parte de qualquer estratégia de aprendizagem, no entanto, as funções da descoberta dependem das condições em que se faz a aprendizagem. A aprendizagem pela descoberta é tanto uma forma de aprender como um objetivo de aprendizagem.

Perspetiva construtivista

Nesta perspetiva podemos dizer que as teorias que a integram têm um marcado carácter cognitivista, como é o exemplo da teoria Genética de Piaget.

Consideremos então o construtivismo de Piaget (1974) que nos seus estudos sempre encarou a aprendizagem como uma construção através da observação e da ação sobre os elementos da natureza, considerando que o desenvolvimento cognitivo depende da adaptação do indivíduo ao meio e de uma socialização intelectual da criança que favorece o desenvolvimento da aprendizagem. Neste sentido, a inteligência desenvolve-se por assimilação da realidade e pela acomodação a ela.

Relacionando os estádios de desenvolvimento definidos por Piaget como o nosso público-alvo, encontramos-nos perante o período das operações concretas (7-11 anos), em que a criança começa a conceptualizar e a criar estruturas lógicas para explicar as suas ações. Depreende-se, deste modo um conceito fundamental que é a aprendizagem ativa fundamental na construção do conhecimento.

Perspetiva sócio construtivista

Esta perspetiva, à semelhança da perspetiva anterior, também se reveste de um carácter cognitivista, enfatizando o papel da interação social ao longo do processo de aprendizagem.

Vygotsky (1979) deu um importante contributo, tanto através da teoria sociocultural como do conceito de “zona de desenvolvimento proximal” (ZDP), tendo este último uma grande importância para a pesquisa da aprendizagem, privilegiando a interação social para o desenvolvimento cognitivo.

A “zona de desenvolvimento proximal” refere-se à distância entre o nível real de desenvolvimento de um indivíduo, determinado pela sua capacidade para resolver individualmente um problema, e o nível de desenvolvimento potencial que demonstra a capacidade para solucionar um problema recorrendo à interajuda.

Os fundamentos inerentes a estas teorias são muito importantes, embora consideremos os contributos das perspetiva construtivistas e sócio construtivista essenciais para o nosso estudo.

O modelo sócio construtivista indica-nos que as crianças aprendem a ser alunos através das interações com os adultos, através de tarefas com significado, quer dentro ou fora da escola.

Os TPC para este modelo são vistos como um processo temporal composto por três etapas. A primeira etapa acontece dentro da sala de aulas quando o professor destina quais as tarefas a fazer em casa, ou os TPC. A segunda etapa é a realização das próprias tarefas e a última será a correção das tarefas existindo sempre um feedback do aluno.

Nestas três etapas existe uma infimidade de acontecimentos e fatores que poderão não levar o aluno a aprender, isto é, a atribuir significados às tarefas que levou para fazer como TPC.

O ambiente onde os TPC são realizados muitas vezes não é o mais indicado, muitos dos alunos não têm qualquer tipo de apoio para a realização dos TPC, fazendo com que se desperdice um bom momento para existir de fato alguma aprendizagem.

Várias investigações, nos últimos anos tem contribuído para aprofundar o conhecimento e a compreensão de como é que as crianças e os jovens se motivam para as aprendizagens.

1.2. Vozes contra os TPC

Muitas vezes se têm levantado contra a prática dos TPC, entre elas, Araújo (2009). Para esta autora os TPC que os professores solicitam aos seus alunos, hoje, são excessivos como se pode ler, no seu livro “Crianças Ocupadas”, no qual colocou na ordem do dia o tema dos TPC.

Araújo (2009, p. 89) refere aquilo que não concorda relativamente aos TPC e aquilo que lhe mostra a sua experiência. Para esta autora o ato de fazer os TPC surge para as crianças como um ritual diário que é facilmente confundido com o ato de estudar.

“Como todos sabemos, à maioria das crianças são propostos como “trabalhos de casa” tarefas que incluem cópias de textos, repetições de palavras (várias vezes), fichas com contas e problemas diversos que na maior parte das vezes se limitam a reproduzir os conteúdos dos livros ou o que eventualmente foi feito e explicado na aula. Para muitas crianças, os “trabalhos de casa” consistem no acto de abrir a pasta, tirar os cadernos, os livros e os lápis, fazer o que a professora mandou, fechar o caderno e voltar a guardar. Este ritual é para muitas crianças, sobretudo para as mais pequenas, tudo o que elas conhecem como próprio do acto de estudar”.

Para Araújo (2006, p.25) os TPC são cada vez mais excessivos e as crianças ficam com pouco tempo livre para o lazer e para outras atividades que lhes permitam realizar atividade física, socializar com outras crianças e descansar.

“Para a criança ou para o adolescente, o trabalho escolar, com tudo o que ele comporta de actividade, representa o exacto equivalente ao trabalho profissional de vida de um adulto. Mas, enquanto a duração do trabalho profissional exige um grande descanso para a maioria dos adultos, o trabalho escolar é cada vez mais desenvolvido tanto dentro como fora da sala de aula. Há mais de 20 anos que se denuncia este excesso de trabalho e os consequentes malefícios físicos, psicológicos e morais para as crianças.”

Já existe regulamentação em vários países sobre a quantidade de trabalho que as crianças podem levar para casa e do tempo que devem disponibilizar para a realização destas atividades.

Como podemos observar no site na Netprof num artigo publicado por Isabel Leiria (2004) recuperado a 17 de Junho de 2010, http://www.netprof.pt/netprof/servlet/getDocumento?TemalD=NPL0120&id_versao=13647 muitos países já tomaram medidas no que se refere aos TPC.

“Há quatro anos, o pequeno distrito escolar de Piscataway, em New Jersey, EUA, foi notícia de capa de jornais de todo o país por ter tomado a decisão de pôr um travão aos trabalhos que os miúdos podem levar para fazer em casa. A medida foi aplaudida por alunos, sindicatos de professores e pais, que afirmavam que os TPC consumiam a vida dos filhos e a sua.”

O mesmo artigo refere que a Bélgica, em 2001, publicou um decreto de lei onde prescreve a duração da realização dos TPC, assim como, a sua variação conforme o nível de ensino.

“A decisão foi tomada em 2001, com a publicação de um decreto-lei sobre a duração dos TPC, os tipos de trabalhos possíveis e o seu peso na avaliação final. A intenção do ministro da Educação da Bélgica francófona era suprimir os trabalhos de casa, tal como já fora feito na Flandres. A oposição dos partidos da direita e associações de pais fê-lo retroceder. A nova legislação determinou que não deviam ser passados TPC aos meninos dos 1º e 2º anos. Quanto aos estudantes dos 3º e 4º, a lei estabeleceu um máximo de 20 minutos por dia.”

O mesmo artigo aponta para outros países europeus que já tomaram medidas relativas aos TPC como podemos ver de seguida:

“Finlândia, Dinamarca, Luxemburgo, França, Grécia e alguns estados federais alemães já legislaram sobre o mesmo assunto, fazendo recomendações para reduzir as tarefas ou proibindo os TPC. Em Portugal não existe qualquer legislação e cabe aos professores decidir o que querem que os alunos façam em casa.”

Em Portugal, também já se levantaram vozes contra os TPC, como podemos verificar no artigo publicado pelo Diário de Noticias, recuperado a 18 de Outubro de 2011, em http://www.dn.pt/inicio/interior.aspx?content_id=641735&page=2, no ano de 2006, em Portugal, Maria de Lurdes Rodrigues, a Ministra da Educação na altura, manifestou a intenção de acabar com os TPC.

Esta intenção surgiu da criação da nova área de enriquecimento curricular, designada de Estudo Acompanhado no 1º ciclo do Ensino Básico a funcionar no ano letivo 2006/2007.

Segundo a ministra da altura os TPC são sobretudo uma forma de “reprodução das desigualdades sociais”, apontando para a falta de apoio que alguns alunos têm em casa.

Desta forma, a área do Estudo Acompanhado seria um meio “para que a escola seja mais igual”, onde nos 90 minutos semanais os TPC seriam transformados em “trabalhos individual nas

escolas com apoio dos recursos lá existentes”. A ideia era que “os alunos progredissem sozinhos, mas acompanhados pelos professores de forma a desenvolverem as suas capacidades de aprendizagem.”

Apesar desta tentativa para acabar com os TPC em Portugal a verdade é que quase nada mudou e os professores continuam a mandar tarefas para as crianças fazerem fora da escola, sendo estas feitas em casa com a ajuda dos pais ou de quem está mais perto, ao contrário da intenção de Maria de Lurdes Rodrigues.

Capítulo II - METODOLOGIA

Neste capítulo apresentamos as opções metodológicas que optámos para esta investigação, descrevendo, a forma como os dados foram recolhidos, organizados e apresentados.

Após a revisão de literatura é essencial explicarmos as nossas opções metodológicas tomadas, tendo presentes as questões de investigação e o enquadramento teórico da problemática.

1. Que tipos de TPC pedem os professores aos alunos?
2. Quais são os TPC preferidos dos alunos?
3. Quem ajuda e quando é que os alunos fazem os TPC?
4. Qual o tempo gasto semanalmente para a realização de TPC?
5. Existirá tempo para outras atividades?
6. Qual é a opinião dos alunos e professores sobre a funcionalidade do TPC?

2.1. Tipo de investigação

Apesar de neste relatório de estágio se utilizar técnicas da investigação qualitativa e quantitativa e destas se cruzarem variadas vezes, entendemos que esta é uma investigação essencialmente qualitativa.

A investigação qualitativa não pretende abstrações universais, mas sim concretas e específicas provenientes do estudo e comparação de estudos de casos (Martins, 1996b). Substitui a resposta pela construção, a verificação pela elaboração e a neutralidade pela participação. O investigador entra no campo com o que lhe interessa investigar, no qual não supõe o encerramento no desenho metodológico de somente aquelas informações diretamente relacionadas com o problema explícito à priori no projeto, pois a investigação implica a emergência do novo nas ideias do investigador, processo em que o marco teórico e a realidade se integram e se contradizem de formas diversas no curso da produção teórica (González, 1998).

No que diz respeito ao tipo de estratégia de investigação optámos por uma investigação de tipo estudo de caso, uma vez se tratar de uma investigação de cariz exploratório e descritivo.

Yin, citado por Carmo e Ferreira (1998 p. 216) define um estudo caso como uma abordagem empírica que investiga um fenómeno atual no seu contexto, quando os limites entre determinados fenómenos e o seu contexto não são claramente evidentes e no qual são utilizadas muitas fontes. O estudo caso é particularmente indicado sempre que o investigador se encontre perante questões de “como” e “porquê”, em situações em que o investigador possui reduzido controlo sobre os fenómenos e ainda em situações em que a investigação se foca em acontecimentos atuais.

Consideramos importante definir os principais contornos da metodologia “estudo de caso” e simultaneamente estabelecer um confronto entre as vantagens e limitações a ela subjacente, justificando a pertinência atual da utilização deste tipo de metodologia.

O estudo de caso é um método de investigação qualitativa que se baseia na observação, com o objetivo de descrever de forma precisa o comportamento do “caso” em observação. Regra geral, existe um local próprio de observação, sendo os comportamentos previamente determinados, onde o investigador surge como interveniente na observação, podendo inclusivamente fazer ajustes ou alterações no seu comportamento, de forma a avaliar o que lhe suscita interesse (Pinto, 1990).

Existem diversos passos de investigação quando se fala de estudo de caso, que vão desde a colocação de questões a investigar, ao estabelecimento de unidades de análise, até às fases de recolha, tratamento e interpretação da informação relativas às questões iniciais, através de múltiplas técnicas de recolha de dados (inquéritos, questionários, observação, entrevistas...).

Yin, citado por Carmo e Ferreira (1998 p. 218) apresenta-nos a ideia de uma análise em profundidade, através da qual se procura captar a “totalidade” do que se investiga, reconhecendo as particularidades que tornam o caso num caso único. Por outro lado, remete-nos ainda para o papel do investigador e para a natureza do fenómeno. Ora, este último constituindo-se elemento da realidade estudada em contexto real, acarretando toda uma série de contingências próprias deste tipo de situações, não permite ao investigador o controle sobre os acontecimentos. Aliás, qualquer tentativa de controlo de manipulação significaria a distorção do fenómeno, descontextualizado do seu ambiente, convertendo-se num outro caso.

Relativamente a limitações e fragilidades inerentes ao estudo de caso, podemos afirmar que este exige do investigador grande dispêndio de tempo e energia, já que implica a recolha e o tratamento de muita informação.

No que concerne aos sujeitos, não podemos ignorar as possíveis interferências de características pessoais, capazes de provocar possíveis enviesamentos da informação recolhida pelo investigador.

Tendo em conta as limitações que são atribuídas ao estudo de caso esta é a estratégia metodológica mais apropriada para o nosso estudo *“Classificada como mais rica, real e holística do que a obtida pelos métodos quantitativos. Preserva também a dimensão temporal da observação e consegue, assim, apanhar a história do contexto”* (Morais, 1994, p.132).

Para a recolha de dados optámos pela utilização de inquéritos aos alunos que estão a frequentar o 1º ciclo na sede de agrupamento e ainda a todos os professores de 1º ciclo do agrupamento em estudo.

Faremos ainda recolha documental isto é, recolheremos alguns cadernos de casa nas quatro turmas da sede de agrupamento, assim como as planificações de TPC dos professores.

2.2. Escolha do terreno

A escolha do terreno onde desenvolvemos a nossa investigação recaiu numa escola de 1º ciclo na Cidade de Castelo Branco onde fizemos a prática supervisionada numa turma de 2º ano do 1º ciclo, no âmbito do 2º ciclo de Estudos/Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico. Consultando o Projeto Educativo (2007-2010) este refere que a Escola Básica Integrada situa-se numa:

“zona residencial com elevada densidade populacional, cujos habitantes se inserem num nível social de classe média e média-baixa. Está rodeada de bairros sociais abrangendo um de habitação cooperativa e dois construídos pelo Fundo de Fomento à Habitação. Nestes dois vivem famílias de diversas etnias, prevalecendo a etnia cigana”.

A nossa investigação recaiu sobre o grupo de crianças a frequentar o 1º ciclo na sede do agrupamento, e ainda todos os professores de 1º ciclo a lecionar em todo o agrupamento.

Depois de recolhidos os dados necessários para a definição do grupo em estudo na secretaria da sede do Agrupamento isto é, o número total de turmas de 1º ciclo de todo o Agrupamento de Escolas e ainda o número de turmas a frequentar o 1º ciclo na sede de agrupamento, tal como o número total de alunos de cada turma, definimos o grupo de alunos e de professores.

A escolha desta amostra recaiu sobretudo no fato de ter estado a fazer prática supervisionada na turma do 2º ano na sede do Agrupamento tornando-se assim mais fácil a aplicação dos inquéritos às quatro turmas, como se pode observar nos quadros seguintes:

As crianças que frequentam o 1º ciclo		Número de professores de 1º ciclo de todo o Agrupamento de Escola	
Turma	Nº de Alunos:	Professores	Nº de professores:
2º ano	17	Professores com turma	25
3º Ano	23	Professores sem turma	10
4º Ano A	26	Professores de atestado	2
4º Ano B	25		
Totais:	91		37

Quadro nº 1 - Número de alunos que frequentam o 1º ciclo na sede do Agrupamento da escola e o número de professores de 1º ciclo do Agrupamento.

No que concerne aos alunos que frequentam o 1º ciclo na sede do Agrupamento desta escola, estes estão distribuídos por quatro turmas.

Assim, existe uma turma de 2º ano de escolaridade com 17 alunos, uma turma de 3º ano de escolaridade com 23 alunos e duas turmas de 4º ano. Relativamente a estas optámos por identificar como 4º ano A, a turma composta por 26 alunos e por 4º ano B, a turma composta por 25 alunos. Desta forma, existe um total de 91 alunos a frequentar o 1º ciclo na sede do Agrupamento.

Relativamente aos professores optámos por seleccionar os 35 professores de 1º ciclo com turma no Agrupamento. É de destacar que dois professores estavam de licença médica, não podendo portanto fazer parte deste estudo.

Desta forma, pretendemos obter um vasto leque de opiniões de professores de 1º ciclo com diferentes anos de serviço, no sentido de verificar a sua opinião relativamente aos TPC.

2.2.1. Os alunos

A caracterização dos 91 alunos do estudo é indispensável, pois o estrato sociocultural dos alunos, parece ser um fator que influencia a abordagem aos TPC.

Para a determinação do estrato sociocultural realizado através das habilitações literárias dos encarregados de educação utilizamos as propostas de Cardoso (1986) e de Simões (1990), que definem três níveis:

Nível alto	Ensino Superior e equivalente	Profissões liberais e patrões
Nível médio	>2º ciclo (6º ano) e secundário (12ºano)	Profissões técnicas
Nível baixo	N/s ler = 2º ciclo (6º ano)	Profissões manuais

Quadro nº 2 - Caracterização dos níveis do estrato sociocultural.

Segundo estes autores, o estrato sociocultural é dividido em três níveis. O nível baixo corresponde a encarregados de educação em que as suas habilitações literárias vão até ao 6º ano de escolaridade ou que não sabem ler. Estes possuem normalmente profissões manuais.

O nível médio corresponde a encarregados de educação que tenham como habilitações literárias entre o 6º ano e o 12º ano que podem ter profissões mais técnicas.

E por fim, o nível alto corresponde a encarregados de educação que possuam o ensino superior que poderão ter profissões liberais ou serem patrões.

Para fazer a caracterização sociocultural do grupo de alunos que participou neste estudo, foram utilizados dados retirados do Projeto Curricular de cada Turma, para apurar o género dos encarregados de educação, as suas idades e as suas habilitações literárias.

Estratificação social dos alunos

Para estes termos se operacionalizarem definiram-se características que o quadro nº 3 resume:

Turma	Habilitações literárias dos Encarregados de Educação						
	7º ano	9º ano	11º ano	12º ano	Bacharelato	Licenciatura	Mestrado
2º ano	1	1		4		3	
3º ano		3		7	1	6	3
4ºano A		2		5	2	9	1
4ºano B		2	1	5		12	1
	1	8	1	21	3	30	5
	Nível médio - 45%				Nível alto - 55%		

Quadro nº 3 - Caracterização das habilitações literárias dos Encarregados de Educação.

Quanto ao grupo de alunos do 2º ano, sete dos encarregados de educação são do sexo feminino e dois são do sexo masculino, tendo idades compreendidas entre os 26 e os 43 anos. Em relação ao estrato sociocultural, seis pertencem ao estrato sociocultural médio e três ao estrato sociocultural alto.

No grupo de alunos do 3º ano, onze dos encarregados de educação são do sexo feminino e sete do sexo masculino, tendo idades compreendidas entre os 33 e os 53 anos.

Quanto ao estrato sociocultural, dez pertencem ao estrato sociocultural médio e dez ao estrato sociocultural alto.

Relativamente ao grupo de alunos do 4º ano A, dezassete encarregados de educação são do sexo feminino e cinco do sexo masculino, tendo idades compreendidas entre os 29 e os 52 anos. Em relação ao estrato sociocultural, sete pertencem ao estrato sociocultural médio e doze ao estrato sociocultural alto.

E finalmente na turma do 4º ano B, catorze encarregados de educação são do sexo feminino e sete do sexo masculino tendo idades compreendidas entre os 34 e os 50 anos. Em relação ao estrato sociocultural, oito pertencem ao estrato sociocultural médio e treze estratos sociocultural alto.

Em suma, de acordo com os resultados estatísticos podemos afirmar que os alunos que participaram neste estudo pertencem maioritariamente ao estrato sociocultural alto.

2.2.2. Os professores destes alunos

No quadro seguinte fazemos a caracterização do professor de cada turma, com o objetivo de definir o perfil profissional de cada um, podendo este ter influência nas respostas dos alunos aos inquéritos.

Turma	Habilitações literárias	Anos de serviço
2º ano	Licenciatura	32
3º ano	Bacharelato	33
4º ano A	Licenciatura	31
4º ano B	Licenciatura	31

Quadro nº 4 - Caracterização das habilitações literárias e dos anos de serviço das professoras que lecionam na escola.

Relativamente às quatro professoras de 1º ciclo que lecionam na sede do agrupamento, estas têm idades compreendidas entre os 52 e os 57 anos. A professora que leciona o 2º ano tem 32 anos de serviço e é licenciada, o 3º ano é lecionado por uma professora que tem 33 anos de serviço e tem o bacharelato. Já o 4º ano A e o B é lecionado por duas professoras com 31 anos de serviço e ambas licenciadas.

2.3. Instrumentos e técnicas de recolha de dados

Tomada a decisão de realizar um estudo de caso, qualitativo, embora com apoios de métodos quantitativos no estudo estatístico das questões, faremos a recolha de dados, recorrendo aos seguintes instrumentos, por considerarmos os mais adequados:

- Inquéritos aos alunos das 4 turmas de 1º ciclo da sede do Agrupamento;
- Inquéritos a todos os professores de 1º ciclo, com turma no agrupamento de escolas;
- Análise documental dos cadernos de casa das 4 turmas de 1º ciclo da sede do Agrupamento em estudo;
- Planificação dos TPC dos professores.

2.3.1. Inquérito

De acordo com Tuckman (2000) o inquérito é um dos processos mais diretos para encontrar informação sobre determinado fenómeno, consiste em formular questões às pessoas que, de alguma forma, estão envolvidas ou relacionadas com o fenómeno.

Podemos assim definir um inquérito como uma técnica de investigação que permite a recolha de dados de forma direta, através de um conjunto de questões organizadas segundo uma ordem definida pelo investigador. Esta recolha de dados poderá ser oral ou escrita consoante os interesses do investigador.

Esta é uma das técnicas mais utilizadas, uma vez que permite obter informações sobre o objeto de estudo do investigador através da formulação de questões que refletem atitudes, opiniões, percepções, interesses e comportamentos de um conjunto de indivíduos (Tuckman, 2000, p.517).

Os inquéritos apresentam vantagens e desvantagens para o investigador. Relativamente às vantagens o inquérito tornasse uma forma eficiente para a recolha de informação. Através de um inquérito poderão ser recolhidas uma grande variedade de informações sobre os mesmos sujeitos.

No que concerne às desvantagens, dependem sempre da motivação, honestidade e capacidade de resposta dos sujeitos e não poderão ser utilizados para estudos sociais complexos.

Para que um inquérito seja eficiente deverá apresentar questões claras e objetivas, perceptíveis para todos os inquiridos

A fase da elaboração/preparação de um inquérito é extremamente importante para a validade e fiabilidade dos seus resultados.

Para fazer a validação dos inquéritos foi utilizado um estudo-piloto numa escola fora da cidade de Castelo Branco.

Os inquéritos aos alunos foram validados através da sua aplicação a um grupo de dez alunos que não faziam parte da investigação e que frequentam o 1º ciclo fora da cidade de Castelo Branco, o que nos permitiu reformular algumas questões. Podendo numa segunda administração fazer a sua validação definitiva.

O inquérito aos professores de 1º ciclo, este foi numa primeira fase administrado a um professor de 1º ciclo que não faz parte do estudo, tendo surgido nele algumas dúvidas sobre algumas questões, o que nos obrigou a repensar as questões do inquérito e fazer a sua reformulação.

Numa segunda fase, depois de ter sofrido algumas alterações, foi experimentado com um grupo de professores de 1º ciclo num agrupamento fora da cidade de Castelo Branco, permitindo assim a sua validação.

2.3.2. Análise documental

A análise documental recaiu em documentos oficiais e escritos, analisados durante o processo de recolha dos dados.

Consultámos os documentos oficiais da instituição em estudo como Currículo Nacional do Ensino Básico, PEE e o PCT, uma vez que estes retratam, de algum modo, quem é e como funciona a instituição.

O Currículo Nacional do Ensino Básico - Competências Essenciais foi consultado na tentativa de perceber de que forma é que este documento consiste numa referência nacional para o trabalho de formulação e desenvolvimento dos projetos curriculares de escola e de turma que são realizados pelos professores.

Através deste documento o Ministério da Educação define o conjunto de competências consideradas essenciais e estruturantes no âmbito do desenvolvimento do currículo nacional,

para cada um dos ciclos do ensino básico, o perfil de competências de saída deste nível de ensino e, ainda, os tipos de experiências educativas que devem ser proporcionadas a todos os alunos.

Depois de analisado é bastante visível que este documento tem como objetivo contribuir para a construção de uma conceção de currículo mais aberta e abrangente, associada a valorização de práticas de gestão curricular mais flexíveis e adequadas a cada escola.

Um documento muito importante que foi necessário consultar foi o PEE do Agrupamento. Este consiste na forma como, em cada comunidade educativa, se reconstrói e se apropria o currículo nacional face a uma situação real, concreta, implantada numa determinada zona geográfica, definindo opções, intenções e finalidades próprias, ao mesmo tempo que constrói modos específicos de organização e gestão curriculares, com vista à consecução das aprendizagens e competências que integram o currículo para os alunos de uma escola específica.

Através deste documento podemos verificar qual a recetividade dos encarregados de educação face aos TPC.

O TCT foi solicitado a cada professor das turmas em estudo na tentativa de entender como cada professor valoriza os TPC e como é que estes são aplicados em cada turma.

Os documentos escritos consultados e analisados foram os cadernos de casa e planificação de TPC dos professores. Para a sua análise foi concebido um instrumento de análise que nos permitiu aceder ao tipo de TPC que são solicitados aos alunos.

2.4. Tratamento dos dados recolhidos

2.4.1. Análise de conteúdo

Através da análise de conteúdo, que segundo Henri e Moscovici (1968), citados por Gliugione e Matalon (1993, p.197), “*é um conjunto de técnicas utilizadas para o tratamento dos materiais linguísticos*”, pretendemos fazer a análise dos cadernos de casa dos alunos e das planificações dos TPC dos professores.

Segundo Bardin (1979, p.42) a análise de conteúdo é “*um conjunto de técnicas de análise de comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos da descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção das mensagens*”

Bardin (1979, p.76), que considera que “*a análise de conteúdo é uma técnica de investigação que tem por finalidade a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação*”

Para a análise das respostas abertas dos inquéritos quer dos alunos quer dos professores e ainda dos cadernos de casa e nas planificações dos TPC optámos pela análise de conteúdo categorial. Começámos, tal como defende Grawitz (1984, p.665), por escolher categorias e subcategorias que “*sont les rubriques significatives, en fonction desquelles le contenu será classe*”. Na definição das categorias tivemos em conta as recomendações de Grawitz (1984, p.667), as categorias devem ser “*exhaustives*”, “*exclusives*”, “*objectives*” e “*pertinentes*”.

Em cada resposta aberta nos inquéritos e na análise dos cadernos de casa e das planificações de TPC encontramos unidades de sentido que designamos de categoria ou subcategoria.

2.4.2. Triangulação de dados

A triangulação de dados surge na investigação qualitativa como meio para aumentar a validade interna ou para reforçar a credibilidade dos resultados da investigação, cruzando os resultados de diferentes abordagens.

Dexter (1970) argumenta que nenhuma investigação deve partir de dados recolhidos de uma só fonte. O autor defende o princípio denominado como triangulação, que implica a recolha de informação “from a diverse range of individuals and settings, using a variety of methods”, reduzindo desta forma o risco das conclusões transparecerem as limitações da técnica utilizada.

Existem quatro tipos de triangulação caracterizados e identificados por Denzin (2006, p. 97):

- A triangulação de dados (o uso de uma variedade de fontes num mesmo estudo)
- A triangulação de investigadores (a implicação de vários investigadores ou avaliadores)
- A triangulação de teorias (utilização de várias perspetiva para interpretar o mesmo conjunto de dados)
- A triangulação metodológica (serve-se de diferentes métodos para estudar um dado problema ou programa).

Nesta investigação, optámos por fazer a triangulação de dados uma vez que tivemos acesso a quatro fontes de dados diferenciada aumentando assim a validade interna do relatório de estágio.

Como já foi referido acima, iremos utilizar diferentes instrumentos de recolha de dados provenientes dos inquéritos aos alunos e aos professores, dos cadernos de casa dos alunos e ainda das planificações de TPC dos professores possibilitando assim a triangulação de dados, com o objetivo de compreender como os alunos olham para os TPC, assim como, os professores os entendem, comparando com os TPC que são pedidos aos alunos e com as planificações de TPC dos professores.

2.5. Procedimentos de aplicação

O primeiro contacto com a sede de Agrupamento foi feito com o Diretor do Agrupamento, de uma forma informal onde nos apresentámos e comunicámos os objetivos da nossa investigação, tal como a forma como se iria desenvolver a recolha de dados e que instrumentos a aplicar.

Num segundo momento, foi elaborado um pedido formal através da Diretora da Escola Superior de Educação de Castelo Branco para a autorização da recolha de dados naquela escola.

Depois de dada a autorização por parte da direção da escola de 1º ciclo, ocorreu um contacto pessoal com as quatro professoras do 1º ciclo que lecionam na sede do Agrupamento, onde lhes foi apresentado as linhas gerais da investigação, os objetivos e os instrumentos de recolha de dados que pretendíamos realizar.

Após, a apresentação da investigação e a concordância das quatro professoras procedeu-se à elaboração de uma carta onde nos apresentámos aos encarregados de educação, explicando quem éramos, os objetivos da nossa investigação e fizemos o pedido de autorização para que os seus educandos pudessem participar na investigação através do preenchimento de um inquérito anónimo e confidencial.

Cada professora entregou as cartas aos seus alunos para que estes as entregassem aos encarregados de educação. Dos 91 alunos, tivemos autorização para aplicar os inquéritos a 73 alunos.

Relativamente à recolha dos dados dos professores ocorreu um contacto pessoal com a diretora do 1º ciclo deste Agrupamento onde apresentámos as linhas gerais da investigação, os objetivos da mesma e os instrumentos de recolha de dados que iríamos utilizar. Esta mostrou-se disponível para entrar em contato com todos os professores de 1º ciclo com turma para lhes apresentar a investigação. Foi numa reunião de professores do 1º ciclo do ensino básico que a diretora do 1º ciclo do Agrupamento comunicou a todos os 25 professores presentes as linhas gerais desta investigação e lhes entregou os inquéritos para posterior preenchimento.

Dos 25 inquéritos entregues, apenas 17 foram preenchidos e devolvidos à diretora do 1º ciclo e posteriormente entregues ao investigador.

2.5.1. Inquéritos aos alunos

O inquérito que pode ser consultado em anexo 1 é constituído por duas partes, isto é, numa fase inicial, antes de darem resposta às questões do inquérito, os alunos assinalam o seu sexo e a sua idade e seu ano de escolaridade.

Para dar resposta às questões de investigação foram formuladas um conjunto de nove questões, as quais apresentam várias opções de resposta. Os alunos poderão assinalar as quais se adequassem à sua opinião, não existindo portanto um número limite de opções de resposta. Deste modo, cada aluno tem a liberdade total para assinalar todas as respostas que fossem ao encontro da sua opinião pessoal. Existem também questões de resposta aberta, onde cada aluno pode responder de acordo com a sua opinião.

O inquérito teve como objetivos: identificar quais os TPC que os alunos costumam fazer, saber o que preferem fazer como TPC, quantos dias por semana levam TPC, perceber se os alunos têm tempo para outras atividades, e ainda saber a opinião dos alunos relativamente ao motivo pelo qual a sua professora lhe pede para fazer TPC.

Os inquéritos foram administrados em cada turma pela sua professora correspondente, à exceção do 2º ano de escolaridade que foram aplicados por nós, em virtude de ser nesta turma que estávamos a realizar a prática supervisionada.

Relativamente às três turmas, 3º ano, 4º ano A e 4º ano B, cada professora administrou os inquéritos consoante o conhecimento prévio que tinha dos seus alunos, isto é, cada professora aplicou os inquéritos de acordo com as capacidades dos seus alunos.

Desta forma, cada aluno teve o tempo que necessitou, cerca de uma hora, tal como todos os esclarecimentos de dúvidas ao longo do seu preenchimento.

Já no 2º ano de escolaridade, tendo em conta que alguns alunos ainda apresentavam dificuldades na leitura e sobretudo na interpretação optámos por lermos as questões para a turma, uma de cada vez, à medida que lhes iam preenchendo o inquérito. Em algumas questões foi necessário explicar o seu significado aos alunos com mais dificuldades de aprendizagem, tal como ensinar a escrever palavras que para si eram desconhecidas.

Por tudo isto, as crianças tiveram o tempo que precisaram para o preenchimento do seu inquérito, cerca de uma hora, tal como toda a liberdade para escreverem a sua opinião sem interferência de terceiros

2.5.2. Inquéritos aos professores

Tal como no inquérito aos alunos, o inquérito aos professores que pode ser consultado em anexo 2, é constituído por duas partes, ou seja, inicialmente existe a recolha da informação pessoal de cada inquirido, o seu género, habilitações literárias e anos de serviço.

Numa segunda parte existem nove questões, que tentam dar resposta às questões de investigação, sendo que algumas destas apresentam várias opções de resposta. E tal, como os alunos estes têm total liberdade para escolher as opções que mais se adequassem à sua opinião, tal como nas questões abertas.

O inquérito teve como objetivos: saber quantos dias por semana mandam TPC aos seus alunos, quantas tarefas solicitam por dia e que tipos de TPC solicitam aos seus alunos, saber se os TPC que solicitam mudam consoante os objetivos pretendidos, se os TPC que mandam são iguais para todas as crianças e se os pais devem ou não auxiliar nos TPC, saber a sua opinião acerca do tempo adequado à realização dos TPC, se os TPC auxiliam a aprendizagem das crianças e por último se a realização dos TPC deixa pouco tempo livre às crianças para atividades de lazer.

2.5.3. Os cadernos de casa e Planificação de TPC

Outro instrumento de análise utilizado neste estudo, para além dos inquéritos aos alunos e aos professores foram os cadernos de casa das quatro turmas de 1º ciclo da sede do Agrupamento em estudo.

Para fazer os TPC são utilizados dois cadernos, um de linhas, onde são feitas as tarefas de Língua Portuguesa e de Estudo do Meio, e um caderno quadriculado onde são feitas as tarefas de Matemática.

Para facilitar a sua análise foram fotocopiados cadernos de casa de alguns alunos das quatro turmas. Assim, na turma do 2º ano foram cedidos cinco pares de cadernos de casa e na turma do 3º ano quatro pares de cadernos de casa.

Relativamente às turmas dos 4ºs anos, a turma A cedeu apenas um par caderno de casa e a professora facultou os planos de TPC, enquanto a professora da turma B apenas cedeu os seus planos de TPC.

2.6. Organização e apresentação dos dados

Concluída a recolha de dados, desenvolvida durante os meses de Fevereiro e Março de 2011, retomou-se o trabalho tornando presente o objetivo sugerido por Bogdan e Biklen (1994, p.205): *“a análise dos dados é o processo de busca e de organização sistemático...(dos materiais) acumulados, com objectivo de aumentar a compreensão desses mesmos materiais e de permitir apresentar aos outros aquilo que se encontrou”*

O trabalho prosseguiu, recorrendo inicialmente a duas leituras. A primeira leitura destinou-se, principalmente, a retomar contacto com os dados recolhidos. Quanto à segunda leitura, aproveitamos para fazer uma análise empírica dos dados recolhidos. Foram necessárias novas leituras para aprofundar e documentar com mais precisão o estudo. Aos poucos foi-se obtendo a compreensão que pareceu suficiente e que permitiu redigir os capítulos que se seguem.

Para apresentar os dados optámos por fazê-lo de forma descritiva e interpretativa, própria da investigação qualitativa.

Capítulo III - ANÁLISE DESCRITIVA E INTERPRETATIVA DOS RESULTADOS

3.1. Apresentação e análise dos dados obtidos

Inicialmente iremos fazer a apresentação dos dados obtidos na primeira parte dos inquéritos, isto é, a informação pessoal questionada aos alunos e aos professores.

A informação obtida, tanto dos alunos como nos professores é apresentada em quadros e foi trabalhada estatisticamente.

De seguida, faremos a análise descritiva e interpretativa dos resultados obtidos, relativamente às nove questões da segunda parte dos inquéritos aos alunos e aos professores. Esta análise está descrita em sete tópicos de acordo com os temas das questões feitas aos sujeitos da investigação.

Cada tópico está organizado segundo os quadros de análise, elaborados a partir das respostas aos inquéritos, quer dos alunos como dos professores, que pela sua extensão podem ser consultados no anexo 3 e 4 e, ainda pela análise feita aos cadernos de casa e às planificações dos professores que podem ser consultadas em anexo 5 e 6, respetivamente.

No final de cada tópico faremos uma síntese reflexiva, onde o investigador fará pequenas reflexões sobre o tópico em causa.

Inicialmente para fazer a análise dos inquéritos de cada turma foi necessário atribuir um número a cada inquérito, fazendo assim a sua identificação. Desta forma, o número foi atribuído seguindo os seguintes critérios: a turma, “a” sendo a abreviatura de aluno e o numero do inquérito. Assim, por exemplo um inquérito na turma do 2º ano foi identificado como “2a1”.

Na identificação dos inquéritos dos professores foi utilizado o mesmo processo. Assim, um inquérito de um professor foi identificado como “p1”. Sendo “p” a abreviatura de professor e “1” o numero atribuído ao inquérito.

Para fazer a análise das questões de escolha múltiplas foram utilizados métodos estatísticos, sendo os resultados das respostas das quatro turmas apresentados em quadros, de acordo com a questão em causa.

Nas questões de resposta aberta foi necessário encontrar categorias utilizando para tal, a técnica da análise de conteúdo, destacando e contabilizando as palavras coincidentes em cada resposta dos alunos.

Para cada questão de resposta aberta, foram organizados quadros onde se pode observar as respostas, através de citações tiradas dos inquéritos, de acordo com as categorias. Sempre que é apresentada uma citação esta aparece com a identificação do inquérito de onde foi retirada.

Relativamente à análise dos cadernos de casa esta foi organizada segundo três categorias que correspondem às três áreas curriculares: Língua Portuguesa, Matemática e Estudo do Meio.

Para as categorias de Língua Portuguesa e Matemática foram encontradas subcategorias, de acordo com as tarefas propostas pelos professores. Na categoria de Língua Portuguesa existem as seguintes subcategorias: “Alfabeto”, “Cópias”, “Frasas”, “Palavras”, “Ditados”, “Leituras”, “Gramática” e “Criação de textos”. Na categoria de Matemática existem as seguintes subcategorias: “Números”, “Tabuada”, “Contas” e “Problemas”

Em cada caderno consultado foi verificado em que área curricular se integra a tarefa solicitada pelo professor para TPC. Desta forma, foi organizado um quadro, onde foram contabilizadas todas as tarefas solicitadas aos alunos nas três áreas curriculares, de acordo com a subcategoria correspondente.

Para a análise das planificações de TPC dos professores foi utilizado o mesmo método, isto é, as tarefas que os professores planificaram aos alunos para TPC foram agrupadas e contabilizadas num quadro de acordo com as categorias correspondentes às três áreas curriculares, Língua Portuguesa, Matemática e Estudo do Meio.

3.2. Apresentação dos Sujeitos do Estudo

3.2.1. Alunos

Dos 73 alunos que responderam ao inquérito, que pode ser consultado em anexo 1, averiguamos se existiria ou não alguma discrepância entre géneros e idades fazendo o tratamento estatístico dos dados. Assim, obteve-se os seguintes dados:

Ano de escolaridade	Género		Idade				Total de alunos
	M	F	7 anos	8 anos	9 anos	10 anos	
2º ano	7 (63,6%)	4 (36,4%)	9 (81,9%)	2 (18,1%)	-	-	11
3ª ano	12 (63,2%)	7 (36,8%)	-	16 (84,2%)	3 (15,8%)	-	19
4º ano A	7 (33,3%)	14 (66,7%)	-	-	19 (90,5%)	2 (9,5%)	21
4º ano B	13 (59,1%)	9 (40,9%)	-	1 (4,5%)	14 (63,7%)	7 (31,8%)	22
							73

Quadro nº 5 - Caracterização dos alunos através do ano de escolaridade, do género e idade.

Na turma do 2º ano, dos onze alunos, sete alunos são rapazes (63,6%) e quatro são raparigas (36,4%). Relativamente ao 3º ano, doze são do género masculino (63,2%) e sete são do género feminino (36,8%). Na turma do 4º ano A, sete alunos são do género masculino (33,3%) e catorze são do género feminino (66,7%). E por fim, na turma do 4º ano B treze alunos são do género masculino (59,1%) e nove são do género feminino (40,9%).

Após a contabilização dos dados podemos afirmar que os alunos que participaram nesta investigação 53,4% são do género masculino e 46,6% são do género feminino.

3.2.2. Professores

Nos inquéritos aos 17 professores que pode ser consultado em anexo 2 procuramos obter o seu género, idade, habilitações literárias e os anos de serviço, que podem ser observados no seguinte quadro:

Género		Idade		Habilitações literárias		Anos de serviço	
M	F	38	1 (6,5%)	Magistério primário	8 (47,1%)	15	1 (5,9%)
2 (11,8%)	15 (88,2%)	45	1 (6,5%)	Bacharelato	5 (29,4%)	18	2 (11,8%)
		47	2 (13,3%)	Licenciatura	3 (17,6%)	20	1 (5,9%)
		48	1 (6,5%)	Mestrado	1 (5,9%)	26	1 (5,9%)
		51	2 (13,3%)			28	1 (5,9%)
		52	2 (13,3%)			29	1 (5,9%)
		53	2 (13,3%)			31	7 (41,1%)
		54	2 (13,3%)			32	1 (5,9%)
		55	1 (6,5%)			33	2 (11,8%)
		57	1 (6,5%)				

Quadro nº 6 - Caracterização dos professores, através do género, idade, habilitações literárias e anos de serviço.

Dos dezassete professores que fazem parte do estudo, dois (11,8%) são do género masculino e quinze (88,2%) do género feminino.

Apenas quinze professores responderam à questão, tendo estas idades compreendidas entre os trinta e oito e os cinquenta e sete anos.

Deste modo, um professor (6,5%) tem trinta e oito anos, outro (6,5%) tem quarenta e cinco, dois (13,3%) têm quarenta e sete e outro (6,5%) tem quarenta e oito anos. Apenas dois (13,3%) têm cinquenta e um anos, dois professores (13,3%) têm cinquenta e dois anos e outros dois (13,3%) têm cinquenta e quatro anos. E por fim, apenas um professor (6,5%) tem cinquenta e cinco e outro professor (6,5%) cinquenta e sete anos.

Relativamente às habilitações literárias dos dezassete professores, oito destes (47,1%) têm o magistério primário, cinco professores (29,4%) têm o bacharelato, três (17,6%) têm a licenciatura e apenas um professor (5,9%) já tem o mestrado.

Em relação aos anos de serviço de cada professor estes variam entre os quinze anos e os trinta e três anos de serviço. Assim, apenas um professor (5,9%) tem quinze anos de serviço, dois (11,8%) têm dezoito, um (5,9%) tem vinte, um (5,9%) tem vinte e seis e ainda outro (5,9%) tem vinte e oito e outro (5,9%) tem vinte e nove. Já sete professores (41,1%) têm trinta e um anos de serviço, apenas um tem trinta e dois e dois professores (11,8%) têm trinta e três anos de serviço.

3.3. Apresentação da análise das questões

3.3.1. Tipo de TPC

O tipo de TPC que os alunos afirmam ser solicitados pelos professores, é apresentado no seguinte quadro:

Ano de escolaridade	Nº de inquiridos	Atividades					
		Cópias	Cálculos	Fichas	Pesquisa	Leitura	Outros
2º ano	11	7 (63,6%)	9 (81,8%)	11 (100%)	5 (45,5%)	11 (100%)	4 (36,4%)
3º ano	19	1 (5,3%)	19 (100%)	17 (89,5%)	11 (57,9)	19 (100%)	10 (52,6%)
4º ano A	21	10 (47,6%)	17 (80,9%)	21 (100%)	8 (38,1)	19 (90,5%)	13 (61,9%)
4º ano B	22	5 (22,7)	22 (100%)	22 (100%)	22 (100%)	22 (100%)	0 (0%)
Totais:	73	23 (7,5%)	67 (21,9%)	71 (23,3%)	46 (15,1%)	71 (23,3%)	27 (8,9%)

Quadro nº 7 - Tipo de TPC solicitados pelos professores.

Relativamente ao tipo de TPC na turma do 2º ano sete dos alunos (63,6%) afirmaram que costumam fazer cópias, nove (81,8%) costumam fazer cálculos, onze (100%) afirmam fazer fichas e leituras, cinco (45,5%) afirmam fazer pesquisas, e ainda quatro alunos (36,4%) dizem fazer outro tipo de TPC.

Já na turma do 3º ano apenas um aluno (5,3%) afirma fazer cópias, dezanove alunos (100%) dizem fazer cálculos e leituras, dezassete alunos (89,5%) afirmam fazer fichas, onze (57,9%) dizem fazer pesquisa e dez alunos (52,6%) afirmam fazer outro tipo de TPC.

Na turma do 4º ano A, dez alunos 47,6% dizem fazer cópias, dezassete (80,9%) cálculos, vinte e um alunos (100%) afirmam fazer fichas, oito (38,1%) pesquisas, dezanove (90,5%) leituras e treze (61,9%) outros tipos de TPC.

Por outro lado, na turma do 4º ano B, cinco alunos (22,7%) dizem fazer cópias, e os vinte e dois alunos (100%) diz fazer cálculos, fichas, pesquisas e leituras e nenhum dos alunos (0%) afirmou levar outro tipo de TPC.

Dos 36,4% dos alunos do 2º ano que afirmaram levar “Outros” tipo de TPC, 100% diz fazer a tabuada, 25%, afirma fazer frases, 25% fazer matemática e 25% diz fazer mais coisas.

Na turma do 3º ano dos 52,6% dos alunos que assinalaram “Outros” TPC, 60% afirma fazer estudo do meio, e 100% diz fazer trabalho de grupo.

Finalmente na turma do 4º ano A dos 61,9% dos alunos que afirmou levar “Outro” tipo de TPC, 100% diz resolver problemas, 7,7% diz fazer gramática e 38,5% diz estudar.

Pesquisa em casa

Os alunos de cada turma foram questionados sobre se o seu professor costuma pedir para fazer pesquisa em casa, obtendo-se o seguinte quadro:

	2º ano	3º ano	4º ano A	4º ano B	Totais:
Sim	1 (9,0%)	18 (94,7%)	20 (95,3%)	21 (95,5%)	60 (82,2%)
Não	10 (90,9%)	1 (5,3%)	1 (4,8%)	1 (4,5%)	13 (17,8%)

Quadro nº 8 - Pesquisa em casa.

Na turma do 2º ano apenas um aluno (9,0%) respondeu que “Sim”, que faz pesquisa em casa a pedido do professor, enquanto que os restantes dez alunos (90,9%) responderam que “Não” fazem pesquisa.

Na turma do 3º ano dezoito alunos (94,7%) responderam que “Sim”, ao contrário de um aluno (5,3%) que respondeu que o seu professor “Não” lhe pede para fazer pesquisa em casa.

No que diz respeito à turma do 4º ano A vinte alunos (95,3%) responderam afirmativamente, enquanto que apenas um aluno (4,8%) respondeu negativamente.

Por fim, na turma do 4º ano B vinte e um alunos dizem que “Sim”, que o seu professor lhes pede para fazer pesquisa em casa, ao contrário de um aluno (4,5%) que respondeu que “Não” que o seu professor não lhe pede para pesquisar em casa.

Tarefas verificadas nos cadernos de casa

Da análise dos cadernos de casa dos alunos podemos verificar que na turma do 2º ano na categoria de matemática foram solicitados aos alunos seis tarefas relacionadas com números, duas tarefas relacionadas com tabuadas e quatro tarefas relacionadas com contas. Na categoria de estudo do meio existem onze tarefas sendo a sua maioria a cópia de informação do livro de estudo do meio. Na categoria de língua portuguesa existe uma tarefa relacionada com o alfabeto, vinte e cinco cópias de textos do livro de língua portuguesa e ainda duas tarefas de construção frásica.

Na turma do 3º ano na categoria de matemática existem quatro tarefas relacionadas com contas, três tarefas relacionadas com números e ainda a resolução de um problema. Na categoria de estudo do meio existem treze tarefas sendo a maioria para copiar a informação do livro de estudo do meio. Na categoria da língua portuguesa existem sete tarefas relacionadas com palavras, apenas uma tarefa relacionada com o alfabeto e doze tarefas de cópias e ditados.

Na turma do 4º ano B na categoria de matemática existem duas tarefas relacionadas com contas e uma com o estudo da tabuada. Na categoria do estudo do meio existem uma tarefa de cópia de informação e a resolução de duas fichas do livro de estudo do meio. Na categoria de

língua portuguesa existem três tarefas de cópia de textos e palavras, uma tarefa de leitura, quatro tarefas de gramática e duas tarefas de criação de textos.

Tipo de TPC que os professores afirmam solicitar aos alunos

Relativamente ao tipo de TPC que os professores dizem solicitar aos alunos com mais regularidade, os professores tinham várias opções que poderiam assinalar de acordo com a sua prática, não existindo um limite de opções.

Desta forma, obtivemos trinta e cinco respostas diferentes, destas três professores assinalaram “cópias”, treze “cálculos”. Já nove professores responderam “fichas” e sete elegeram a “pesquisa” como a tarefa que solicita aos alunos com mais regularidade.

Apenas três professores assinalaram “outros” tipos de TPC que costumam solicitar as crianças com mais regularidade.

Destes três, obtivemos também três respostas diferentes, ao perguntar “Quais?” os tipos de TPC que costumam solicitar. Desta forma, um professor respondeu “Escrita (produção de texto) (P12)”, outro respondeu apenas “Leituras”(P7) e o terceiro respondeu “Depende do ano em que estou a lecionar”(P13). Foi questionado aos professores se os TPC que solicitam aos seus alunos mudam consoante os objetivos pretendidos. Deste modo, responderam “Sim” a esta questão quinze professores (88,2%), ao contrário de apenas dois (11,8%) que responderam “Não”.

TPC de acordo com os conteúdos pretendidos

Relativamente à forma como os TPC mudam consoante os objetivos pretendidos, apenas onze dos dezassete professores responderam à questão.

Cinco professores (45,5%) utilizaram a palavra “conteúdos” para justificarem a sua resposta, como por exemplo: “De acordo com os **conteúdos** em estudo” (P17), “Consoante os **conteúdos** dados nas diferentes áreas” (P12), “Depende dos **conteúdos** a tratar no momento” (P7), “Depende dos **conteúdos** a tratar no momento ou necessário” (P5) e “De acordo com os **conteúdos** que foram trabalhados” (P2).

Apenas um professor (9,0%) salientou a importância dos pais saberem o que os filhos estão a aprender na escola dizendo “Com eles pretendo dar oportunidade aos **pais** de saber os **conteúdos** que ando a tratar e contar com a sua ajuda no apoio dos mesmos” (P1).

Já três professores (27,3%) justificaram a sua respostas com o “**reforço**” das matérias dizendo “São o **reforço** para as **matérias** aprendidas na aula” (P14), “De acordo com o que foi a **matéria** do dia” (P8) e “De acordo com o que foi dado de novo na aula para sistematizar” (P6).

Por fim, apenas um professor (9,0%) afirmou que pedem TPC aos alunos segundo a sua “intenção didática” “uns dias pretendo que treinem a leitura, um outro o raciocínio, outro o cálculo” (P3).

TPC são iguais para todos

Foi questionado aos professores se os TPC são iguais para todas as crianças da turma. A esta questão quatro professores (23,5%) responderam que “Sim” mas não se justificaram.

Ao contrário destes, outros quatro professores (23,5%) responderam “Por vezes” justificando-se da seguinte forma: *“Porque existe na turma 3 níveis” (P3)* e *“Por vezes as necessidades dos alunos são diferentes” (p5)*. Já nove professores (52,9%) responderam “Não”, dando todos justificações algo semelhantes como: *“Os níveis de competências são diferentes” (P1)*, *“Porque tenho 4 anos de escolaridade” (P2)*, *“Encontram-se em anos diferentes e níveis de aprendizagem diferente” (P4)*, *“Porque algumas crianças estão em níveis e ano de escolaridade” (P6)*, *“por vezes as necessidades são diferentes devido às dificuldades sentidas pelos alunos” (P7)*, *“Níveis diferentes de aprendizagem” (P10)*, *“Porque possui 2 anos de escolaridade” (P12)*, *“Mudam consoante o ritmo de aprendizagem e o nível de conhecimento” (P14)*, *“Porque a turma é homogénea” (P16)* e *“Não há níveis diferentes de aprendizagem” (P17)*.

Síntese reflexiva

O tipo de TPC que os professores solicitam aos alunos é extremamente importante para que estes os aceitem e tirem algum partido das tarefas propostas. Os TPC não podem ser vistos como algo que se faz só por fazer, tem de ter significado para quem os faz. Para tal é essencial que os professores pensem nas tarefas e nos objetivos que querem atingir.

O tipo de TPC que os alunos afirmam levar com mais frequência são as fichas, as leituras e os cálculos, sendo as cópias o menos frequente. As respostas dos professores relativamente ao tipo de TPC que solicitam aos alunos vão de encontro às respostas dos alunos.

Da análise dos cadernos de casa constatámos que na turma do 2º ano as cópias são as tarefas mais solicitadas pelo professor tanto na língua portuguesa, com a cópia de textos do livro de língua portuguesa, como no estudo do meio onde as tarefas resumem-se à cópia de informação do livro de estudo do meio.

Quanto à matemática são as tarefas relacionadas com números, as mais solicitadas, isto é, *“Escrever os números de 1 a 20, Os números por ordem crescente e decrescente até 30, escrever os números de 100 a 300: de 2 em 2; de 3 em 3; de 5 em 5; de 10 em 10, números pares, números ímpares, Escrever os números até 30 por extenso”*, em suma trata-se da cópia dos números para a sua memorização.

Na turma do 3º ano, tal como no 2º ano as cópias são as tarefas mais solicitadas pelo professor tanto na língua portuguesa com a cópia de textos do livro de língua portuguesa, como no estudo do meio onde as tarefas resumem-se maioritariamente à cópia de informação do livro de estudo do meio.

Quanto à matemática as tarefas mais solicitadas aos alunos estão relacionadas com a resolução de contas e relacionadas com números, isto é, a *“decomposição de um número por classes ou escrever os números de 100 em 100 até 1000 por extenso”*.

Quanto ao estudo do meio para além das cópias de informação do livro de estudo do meio existem cinco tarefas que implicitamente se associam ao trabalho de pesquisa em casa

como por exemplo “*Estátuas em castelo branco, Nome das ruas de castelo branco, Nome de largos de castelo branco, Datas e factos em castelo branco, Tipo de habitações em Castelo Branco*”

Na turma do 4º ano B no que se refere à área da língua portuguesa as cópias do manual de língua portuguesa e a gramática são as tarefas mais solicitadas. Na matemática as tarefas relacionadas com as contas são as mais solicitadas. Tal como nas turmas referenciadas anteriormente na área de estudo do meio as tarefas resumem-se à realização de fichas do manual e maioritariamente à cópia de informação do manual de estudo do meio.

Ao contrário do que afirmaram os alunos e os professores as cópias constituem as tarefas mais solicitadas pelos professores, seguindo-se as tarefas de matemática nas subcategorias de números.

Depois da análise dos dados podemos constatar que nenhum dos professores inquirido refere que solicita tarefas de estudo do meio, mas como podemos constatar nos cadernos de casa e nas planificações dos professores esta área não é esquecida pelos professores. Os TPC nesta área resumem-se basicamente na cópia de informação do livro de estudo do meio.

É nesta área que na turma do 3º ano faz alguma pesquisa em casa como foi referido anteriormente. Ao contrário das turmas do 2º e 4ºanos que afirmaram fazer pesquisa mas com a análise dos seus cadernos de casa, tal não se verificou.

Os TPC que os professores solicitam aos alunos, segundo estes, mudam consoante os conteúdos pretendidos ou o reforço da matéria. Apenas um professor referiu que o seu objetivo ao mandar TPC é que os pais se liguem à escola sabendo assim que conteúdos os seus filhos andam a trabalhar.

Como nos afirma Araújo (2009, p.40) “as crianças não são um grupo homogéneo. Cada criança é um ser concreto, um ser social bem identificado, pertence a uma classe social específica, a um género, e integra um grupo específico”. Desta forma, os TPC que os professores solicitam aos alunos não são iguais para todos os membros da turma, uma vez que a maior parte dos professores aponta para os diferentes níveis de aprendizagem dentro da sua turma. Tal como se subentende das palavras de Araújo é necessário que os professores tenham sempre em atenção a especificidade de cada aluno, quando lhe pede para fazer TPC.

3.3.2. O gosto dos alunos relativamente aos TPC que lhes são propostos

As tarefas que os alunos dizem gostar mais de fazer estão presentes nos seguintes quadros de acordo com cada turma.

Ano de escolaridade	Atividades	Citação	Nº de respostas
2º ano	Tabuada	<i>“ eu gosto mais de tabuada porque posso treinar os números” (2a11)</i> <i>“Eu gosto da tabuada e da matemática porque é muito divertido fazer as duas coisas” (2a8)</i> <i>“ a tabuada porque é mais fácil”(2a2)</i>	5 (41,5%)
	Pesquisa	<i>“eu gosto de fazer pesquisa porque pesquisamos animais, pessoas mas etc” (2a10)</i>	1 (8,3%)
	Leitura	<i>“ eu gosto mais de ler porque gosto muito de ler”(2a9)</i> <i>“eu gosto de fazer mais a leitura. Porque aprende-se a ler muito” (2a3)</i> <i>“eu gosto mais de ler porque é divertido”(2a1)</i>	3 (25%)
	Cópias	<i>“ gosto mais de fazer cópias e fichas porque é divertido” (2a7)</i>	1 (8,4)
	Fichas	<i>“ gosto mais de fazer cópias e fichas porque é divertido” (2a7)</i>	1 (8,4)
	Desenhos	<i>“Eu gosto mais de fazer desenhos porque eu vou ser arquiteto” (2a6)</i>	1 (8,4)
			12

Quadro nº 9 - Gosto dos alunos do 2º ano relativamente aos TPC que lhes são propostos.

Na turma do 2º ano, cinco (41,5%) dos alunos afirmaram gostar de “*Tabuada*” justificando a sua escolha através por exemplo das seguintes respostas: “ *eu gosto mais de tabuada porque posso treinar os números*” (2a11), “*Eu gosto da tabuada e da matemática porque é muito divertido fazer as duas coisas*” (2a8) e “*a tabuada porque é mais fácil*” (2a2). Um aluno (8,3%) afirma gostar de “*Pesquisa*” dizendo “*eu gosto de fazer pesquisa porque pesquisamos animais, pessoas mas etc*” (2a10). “*Leitura*” é a atividade que três (25%) dos alunos afirmam gostar, dizendo “ *eu gosto mais de ler porque gosto muito de ler*” ”(2a9), “*eu gosto de fazer mais a leitura. Porque aprende-se a ler muito*” (2a3) e “*eu gosto mais de ler porque é divertido*” ”(2a1). Um dos alunos gosta de “*Cópias*” (8,4%) e diz “*gosto mais de fazer cópias e fichas porque é divertido*” (2a7). Um outro aluno (8,4%) identifica as “*Fichas*” como o que gosta mais de fazer afirmado que “ *gosto mais de fazer cópias e fichas porque é divertido*” (2a7). Por fim, o último aluno (8,4%) elege o “*Desenho*” como atividade preferida dizendo; “*Eu gosto mais de fazer desenhos porque eu vou ser arquiteto*” (2a6).

Ano de escolaridade	Atividades	Citação	Nº de respostas
3º ano	Cálculos	<i>“gosto mais de fazer cálculos porque adoro matemática” (3a19)</i> <i>“gosto mais de cálculos porque é sempre bom aprender coisas novas e contas” (3a8)</i> <i>“gosto de cálculos porque são fáceis e são bons” (3a17)</i> <i>“gosto de fazer cálculos porque sempre eu gosto de fazer problemas” (3a18)</i>	14 (66,6%)
	Leitura	<i>“gosto mais de ler porque aprendo palavras no e á sempre uma aventura” (3a1)</i> <i>“gosto mais de ler porque gosto muito de ler livros” (3a5)</i> <i>“gosto de ler porque ajuda a escrever melhor” (3a14)</i>	6 (28,6%)
	Pesquisa	<i>“gosto mais de fazer pesquisa e cálculos porque quando pesquisamos aprendemos e quando fazemos cálculos é giro contar (1+3)” (3a15)</i>	1 (4,8%)
			21

Quadro nº 10 - Gosto dos alunos do 3º ano relativamente aos TPC que lhes são propostos.

Na turma de 3º ano, catorze dos alunos (66,6%) elegeram os “Cálculos” como a sua atividade preferida dizendo por exemplo; *“gosto mais de fazer cálculos porque adoro matemática”* (3a19); *“gosto mais de cálculos porque é sempre bom aprender coisas novas e contas”* (3a8); *“gosto de cálculos porque são fáceis e são bons”* (3a17) e ainda, *“gosto de fazer cálculos porque sempre eu gosto de fazer problemas”* (3a18).

Seis outros alunos (28,6%), afirmaram ser a “Leitura” a sua atividade preferida justificando-se desta forma; *“gosto mais de ler porque aprendo palavras no e á sempre uma aventura”* (3a1); *“gosto mais de ler porque gosto muito de ler livros”* (3a5); *“gosto de ler porque ajuda a escrever melhor”* (3a14). Apenas um aluno (4,8%) disse que gostava de “Pesquisa” dizendo; *“gosto mais de fazer pesquisa e cálculos porque quando pesquisamos aprendemos e quando fazemos cálculos é giro contar (1+3)”* (3a15).

Ano de escolaridade	Atividades	Citação	Nº de respostas coincidentes
4º ano A	Cálculos	<i>“eu gosto de levar cálculos, fichas. Porque gosto de cálculos mentais para pensar e gosto de fichas porque gosto de pensar o que está na ficha” (4Aa18)</i> <i>“cálculo porque a minha disciplina preferida é Matemática” (4Aa1)</i>	6 (20,7%)
	Leitura	<i>“eu gosto mais da leitura porque gosto de ler” (4Aa21)</i> <i>“gosto de ler porque acho interessante” (4Aa8)</i> <i>“leitura porque eu gosto muito de ler e desenvolvemos mais a leitura” (4Aa4)</i>	8 (27,6%)
	Cópias	<i>“copia porque é divertido” (4Aa19)</i> <i>“leitura e cópias e problemas porque eu gosto de ler e copiar para não ter erros e fazer problemas temos de pensar muito bem e eu gosto muito” (4Aa2)</i>	2 (6,9%)
	Gramática	<i>“gosto mais de fazer gramática porque gosto de fazer adjectivos qualificativos” (4Aa16)</i>	1 (3,4%)
	Fichas	<i>“eu gosto de fazer leituras e fichas porque com a leitura aprende-se mais e as fichas ajuda a ler-mos os números” (4Aa15)</i> <i>“gosto mais de fazer fichas, porque é mais fácil e podemos estudar” (4Aa10)</i> <i>“ gosto mais de fichas porque é mais fácil” (4Aa9)</i>	6 (20,8%)
	História de Portugal	<i>“ trabalhos sobre história de Portugal. Porque adoro história” (4Aa17)</i>	1 (3,4%)
	Resolver problemas	<i>“eu gosto mais de resolver problemas porque tenho de pensar” (4Aa7)</i> <i>“problemas porque é preciso pensar muito bem e eu gosto” (4Aa3)</i>	4 (13,8%)
	Estudar	<i>“problemas porque são fáceis ler porque é divertido e estudar porque memorizamos as coisas” (4Aa5)</i>	1 (3,4%)
			29

Quadro nº 11 - Gosto dos alunos do 3º ano relativamente aos TPC que lhes são propostos.

As respostas dadas pelos alunos do 4º ano A são mais abrangentes no que se refere às atividades preferidas. Assim, seis dos alunos (20,7%) dizem ser os “Cálculos” o que mais gostam de fazer justificando-se desta forma: *“eu gosto de levar cálculos, fichas. Porque gosto de cálculos mentais para pensar e gosto de fichas porque gosto de pensar o que está na ficha” (4Aa18)* e ainda, *“cálculo porque a minha disciplina preferida é Matemática” (4Aa1)*.

Já oito alunos (27,6%) dizem ser “Leitura” a sua atividade preferida afirmando: *“eu gosto mais da leitura porque gosto de ler” (4Aa21)*, *“gosto de ler porque acho interessante” (4Aa8)* e *“leitura porque eu gosto muito de ler e desenvolvemos mais a leitura” (4Aa4)*.

Dois alunos (6,9%) afirmam gostar de “Cópias” justificando que *“copia porque é divertido” (4Aa19)*, *“leitura e cópias e problemas porque eu gosto de ler e copiar para não ter erros e fazer problemas temos de pensar muito bem e eu gosto muito” (4Aa2)*.

Apenas um aluno (3,4%) diz gostar de “Gramática” afirmando: *“gosto mais de fazer gramática porque gosto de fazer adjectivos qualificativos”*; *“gosto mais de fichas porque é mais fácil” (4Aa16)*.

Já seis alunos (20,8%) afirmam gostar de “Fichas” dizendo desta forma “*eu gosto de fazer leituras e fichas porque com a leitura aprende-se mais e as fichas ajuda a ler-mos os números*” (4Aa15) e “*gosto mais de fazer fichas, porque é mais fácil e podemos estudar*” (4Aa10).

Apenas um aluno (3,4%) aponta para a “História de Portugal” como sendo a atividade preferida dizendo: “*trabalhos sobre história de Portugal. Porque adoro história*” (4Aa17). Quatro alunos (13,8%) afirmam que “Resolver problemas” é a sua atividade preferida justificando-se desta forma: “*eu gosto mais de resolver problemas porque tenho de pensar*” (4Aa7) e “*problemas porque é preciso pensar muito bem e eu gosto*” (4Aa3).

E por fim, apenas um aluno (3,4%) diz ser “Estudar” a sua atividade preferida porque “*problemas porque são fáceis ler porque é divertido e estudar porque memorizamos as coisas*” (4Aa5).

Ano de escolaridade	Atividades		Nº de respostas
4º ano B	Cálculos	“ <i>cálculos porque eu gosto de fazer contas de dividir, multiplicação etc.</i> ” (4Ba6) “ <i>cálculos porque é divertido e muito fácil.</i> ” (4Ba11) “ <i>cálculos porque é divertido e quanto mais fazemos mais aprendemos</i> ” (4Ba19) “ <i>cálculos porque gosto de matemática e gosto de trabalhar com números</i> ”(4Ba22)	14 (46,7%)
	Pesquisa	“ <i>pesquisa. Porque gosto de ir á internet pesquisar em livros e outras coisas do género.</i> ” (4Ba3) “ <i>pesquisar porque é fixe aprende-se e conhecemos mais coisas que não sabíamos</i> ” (4Ba5) “ <i>pesquisa porque é interessante ficar a saber mais</i> ” (4Ba10)	8 (26,7%)
	Fichas	“ <i>cálculos e fichas porque gosto de fazer TPC de matemática</i> ” (4Ba15) “ <i>cálculo, ficha, leitura porque são os meus favoritos trabalhos</i> ” (4Ba2)	2 (6,6%)
	Leitura	“ <i>pesquisas, leitura e cálculos porque gosto muito de ler, fazer pesquisas e fazer cálculos</i> ” (4Ba4)	4 (13,4%)
	Cópias	“ <i>gosto mais de fazer cópias e leituras porque não é preciso de fazer tanto trabalho</i> ” (4Ba16)	2 (6,6%)
			30

Quadro nº 12 - Gosto dos alunos do 4º ano B relativamente aos TPC que lhes são propostos.

Na turma do 4º ano B, catorze dos alunos (46,7%) elegeram os “Cálculos” como a sua atividade preferida dizendo por exemplo; “*cálculos porque eu gosto de fazer contas de dividir, multiplicação etc.*” (4Ba6), “*cálculos porque é divertido e muito fácil.*” (4Ba11),

Oito outros alunos (26,7%) afirmaram ser a “Pesquisa” a sua atividade preferida justificando-se desta forma; “*pesquisa. Porque gosto de ir á internet pesquisar em livros e outras coisas do género.*” (4Ba3), “*pesquisar porque é fixe aprende-se e conhecemos mais coisas que não sabíamos*” (4Ba5) e “*pesquisa porque é interessante ficar a saber mais*” (4Ba10).

Já dois alunos (6,6) afirmam gostar de “Fichas” dizendo desta forma “*cálculos e fichas porque gosto de fazer TPC de matemática*” (4Ba15) e “*cálculo, ficha, leitura porque são os meus favoritos trabalhos*”. (4Ba2).

Outros quatro alunos (13,4%) dizem ser *“Leitura”* a sua atividade preferida afirmando *“pesquisas, leitura e cálculos porque gosto muito de ler, fazer pesquisas e fazer cálculos”* (4Ba4).

E por fim, apenas dois alunos (6,6%) afirmam gostar de *“Cópias”* justificando a sua resposta dizendo: *“gosto mais de fazer cópias e leituras porque não é preciso de fazer tanto trabalho”* (4Ba16).

Síntese reflexiva

No que concerne ao tipo de TPC que os alunos gostam mais de fazer a turma do 2º ano afirma gostar mais de tabuadas, a turma do 3º ano prefere os cálculos, enquanto que a turma do 4º ano A prefere as leituras e os cálculos e a turma do 4º ano B prefere os cálculos e a pesquisa.

Como se pode verificar todos os alunos apontam para as tarefas de matemática como sendo os seus TPC preferidos, talvez por se tratar de um desafio maior, um jogo onde conhecem as regras e que podem jogar.

A pesquisa surge, também, como uma tarefa que os alunos dizem preferir como TPC, talvez este facto esteja relacionado com a sua curiosidade natural.

Pelo que observamos na prática pedagógica os alunos aprendem mais eficazmente se for de uma forma desafiante. Desta forma, fazer pesquisa, utilizando livros, enciclopédias ou mesmo as novas tecnologias, indo ao encontro de novos conhecimentos de uma forma diferente e divertida, sem ser o seu professor a debitar é uma excelente forma de aprender.

3.3.3. O que os alunos gostam de fazer como TPC

Relativamente ao que os alunos gostariam de fazer como TPC, os alunos tinham três itens à escolha e poderiam acrescentar outros tipos de TPC ao seu gosto. Desta forma, obtivemos o seguinte quadro:

Atividades	2º ano	3º ano	4º ano A	4º ano B	Totais:
Inquéritos à tua família	1 (5%)	3 (15%)	11 (55%)	5 (25%)	20
Trabalho em grupo	9 (13,8%)	18 (27,8%)	22 (33,8%)	16 (24,6%)	65
Ilustração de um texto	3 (6,4%)	9 (19,2%)	19 (40,4%)	16 (34,0%)	47
Outros. Quais?	5 (29,4%)	0 (0%)	10 (58,8%)	2 (11,8%)	17

Quadro nº 13 - O que os alunos gostam de fazer como TPC.

No que diz respeito ao item “*Inquérito à tua família*” das vinte respostas obtidas (100%), uma (5%) foi dada por um aluno do 2º ano, três (15%) por alunos do 3º ano, onze (55%) pelos alunos do 4º ano *a* e as restantes cinco (25%) por alunos do 4º ano *b*.

Relativamente ao item “*Trabalho em grupo*” das sessenta e cinco respostas obtidas, nove (13,8%) foram dadas pelos alunos do 2º ano, dezoito (27,8%) foram dados pelo 3º ano, vinte e duas (33,8%) pelo 4º ano *a* e dezasseis (24,6%) pelo 4º ano *b*. Quanto ao item “*Ilustração de um texto*” das quarenta e sete respostas obtidas (100%), três (6,4%) foi dada por um aluno do 2º ano, nove (19,2%) por alunos do 3º ano, dezanove (40,4%) pelos alunos do 4º ano *a* e as restantes dezasseis (34,0%) por alunos do 4º ano *b*.

Por último no item “*Outras Quais?*” das dezassete respostas obtidas, cinco (29,4%) foram dadas pelos alunos do 2º ano, dez (58,8%) pelo 4º ano *a* e duas (11,8%) pelo 4º ano *b*.

Tendo em conta que ao assinalar este item o aluno teria de escrever “*Quais?*” os TPC que gostaria que o seu professor pedisse, cada aluno escreveu várias tarefas que gostaria de levar como TPC.

Dos cinco (29,4%) alunos do 2º ano que assinalaram este item obtivemos dez respostas. Das dez respostas obtidas duas (20%) dizem respeito a “*desenhos*”, uma (10%) a “*contas*”, duas (20%) a “*tabuadas*”, uma (10%) a “*textos*”, duas (20%) a “*pesquisas*”, uma (10%) a “*cópias*” e ainda (10%) a “*matemática*”.

Dos dez (58,8%) alunos do 4º ano *A* que assinalaram este item obtivemos onze respostas. Destas, duas (18,3%) são relativas a “*Cópias*”, uma (9,0%) diz respeito a “*Visitas*”, três (27,3%) afirmam ser “*Fazer textos*”, quatro (36,4%) diz respeito a “*Experiencias*”, e por fim uma (9,0%) afirma ser os trabalhos no computador a sua tarefa pretendida.

Já no 4º ano *B* apenas dois (11,8%) alunos escolheram esta resposta, e assim obtivemos duas respostas diferentes, isto é, 50% diz respeito a “*Pinturas*” e outros 50 % dizem respeito a “*Expressão plástica*”.

Síntese reflexiva

Quando se questionaram os alunos sobre outro tipo de TPC que gostariam de realizar a turma do 2º ano elegeu os trabalhos em grupo e “outro tipo” de TPC como o desenho e a pesquisa. As turmas do 3º, 4ª A e 4ª B afirmaram que gostariam de ter como TPC os trabalhos em grupo e a ilustração de textos.

É bastante visível que as áreas das expressões são postas de lado quando se trata de TPC. Tanto a expressão plástica, a expressão motora e a expressão dramática ficam “esquecidas”.

É de salientar o interesse que os alunos deste estudo mostraram por atividades relacionadas com as ciências. No decorrer da prática supervisionada foi muito interessante observar a curiosidade e o interesse que todos os alunos mostravam quando se promoviam experiências científicas, aguçando assim a sua curiosidade sobre os fenómenos da natureza. Muitos alunos tomavam a iniciativa de levarem o protocolo das experiências para as experimentar em casa, chegando no dia seguinte fascinados com os resultados obtidos. Este poderia se, de facto, um tipo de TPC desafiante para os professores pedirem aos alunos.

Como podemos verificar através das respostas, todos os alunos “fugiram” das tarefas mecânicas e repetitivas, para dar primazia a atividades desafiantes. Os alunos que sentem os TPC como um desafio e não como uma atividade mecânica, são provavelmente os melhores alunos, aqueles que sentem curiosidade e pesquisam para satisfazer essa mesma curiosidade.

Somos da opinião de que os professores devem apostar na qualidade e não quantidade de TPC, utilizando sempre o bom senso.

3.3.4. Quem ajuda e quando nos TPC

Um dos aspetos importantes neste estudo é saber se os alunos são ajudados na realização dos TPC, assim obtivemos os seguintes resultados:

	2º ano	3º ano	4º ano A	4º ano B	
Sim	9 (81,8%)	11 (57,9%)	18 (85,7%)	17 (77,3%)	55 (75,4%)
Não	2 (18,2%)	8 (42,1%)	3 (14,3%)	5 (22,7%)	18 (24,6%)

Quadro nº 14 - Se os alunos têm ajuda na resolução dos TPC.

Relativamente à questão colocada aos alunos, sendo esta se alguém os ajudavam na realização dos TPC, na turma do 2º ano, nove alunos (81,8%) responderam que “Sim”, enquanto que dois alunos (18,2%) responderam que “Não” tem ajuda para fazer os TPC.

Na turma do 3º ano onze alunos (57,9%) responderam afirmativamente à questão, por outro lado oito (42,1%) responderam negativamente à mesma.

Já na turma do 4º ano A, dezoito alunos (85,7%) responderam que “Sim” têm quem os ajude nos TPC, e três (14,3%) responderam que “Não” tem ajuda com os TPC.

Finalmente, na turma do 4º ano B dezassete alunos (77,3%) responderam afirmativamente à questão, ao contrário de cinco alunos (22,7%) que responderam negativamente.

Esta questão era acompanhada, numa segunda fase por duas perguntas “*Quem?*” e “*Quando?*”, isto é, quem é que costuma ajudar nos TPC e em que altura do dia ou semana isso acontece, ou em que circunstância.

2º ano

Quem ajuda nos TPC	Totais:		Quando é que são ajudados nos TPC	Totais:
Mãe	7 (63,6%)		“a mãe quando tenho dificuldade ” (2a1) “o meu pai e a minha mãe quando eu não sei e tenho dúvidas ” (2a7)	6 (75%)
Pai e mãe	2 (18,2%)		“quem me ajuda é a a minha mãe sempre que levo trabalhos de casa” (2a4)	1 (12,5%)
Irmão e mãe	1 (9,1%)		“eu faço algumas coisas sozinha e algumas coisas sou ajudada da minha mãe” (2a8)	1 (12,5%)
Sozinho	1(9,1%)			

Quadro nº 15 - Quem ajuda e quando são ajudados os alunos do 2º ano na realização dos TPC.

Na turma do 2º ano, sete alunos (63,6%) dizem ser ajudados pelas mães, dois (18,2%) dizem ser ajudados pela mãe e pelo pai, um aluno diz ser ajudado pelo irmão e pela mãe, e por fim apenas um aluno diz fazer os TPC sozinho.

Relativamente a “Quando” são ajudados dos oito alunos que responderam, seis alunos (75%) dizem: “a mãe quando tenho **dificuldade**” (2a1 e “o meu pai e a minha mãe quando eu não sei e tenho **dúvidas**” (2a7). Apenas um aluno (12,5%) afirma ser sempre ajudado “quem me ajuda é a a minha mãe **sempre** que levo trabalhos de casa” (2a4), e ainda outro (12,5%) afirma “eu faço algumas coisas **sozinha** e algumas coisas sou ajudada da minha mãe” (2a8).

3º ano

Quem ajuda nos TPC	Totais:		Quando é que são ajudados nos TPC
Mãe	5 (50%)		“Os meus pais quando chego a casa ” (3a3) “Quem me ajuda a fazer os trabalhos de casa é a minha mãe e é às vezes ” (3a4)
Pai e mãe	5 (50%)		“A minha mãe, mas ela só me ajuda quando é preciso ” (3a5) “Mãe e pai quando os trabalhos de casa são difíceis ” (3a6) “Mãe e pai quando eu tenho dificuldades ” (3a9) “A mãe e ajuda-me á tarde ” (3a11) “Os meus pais às vezes ” (3a15) “É a minha mãe no fim-de-semana ”(3a17) “Os meus pais quinta e sexta ” (3a18)

Quadro nº 16 - Quem ajuda e quando são ajudados os alunos do 3º ano na realização dos TPC.

Na turma do 3º ano, dos dez alunos que responderam à questão cinco (50%) afirmam serem ajudados pela mãe, e os restantes cinco (50%) ajudados pelo pai e mãe.

No que diz respeito à pergunta “Quando” dos nove alunos que responderam todos deram respostas diferentes entre si, isto é cada um apontou para razões diferentes, assim obtemos as

seguintes respostas: “Os meus pais quando **chego a casa**” (3a3), “Quem me ajuda a fazer os trabalhos de casa é a minha mãe e é **às vezes**” (3a4), “A minha mãe, mas ela só me ajuda **quando é preciso**” (3a5), “Mãe e pai quando os trabalhos de casa são **difíceis**” (3a6), “Mãe e pai quando eu tenho **dificuldades**” (3a9), “A mãe e ajuda-me **á tarde**” (3a15), “os meus pais **às vezes**” (3a15), “É a minha mãe no **fim-de-semana**” (3a17) e “Os meus pais **quinta e sexta**” (3a18).

4º ano A

Quem ajuda nos TPC	Totais:	Quando é que são ajudados nos TPC	Totais:
Mãe	9 (40,9%)	“o pai e a mãe ajudam às vezes ” (4Aa3) “a minha mãe às vezes ” (4Aa4)	5 (33,3%)
Pai	4 (18,2%)	“o meu pai quando tenho dúvidas ” (4Aa10) “a minha mãe e porque às vezes tenho algumas dúvidas ” (4Aa12)	4 (26,7%)
Pai e mãe	7 (31,9%)	“A minha mãe e às vezes á tarde e muitas vezes á noite ” (4Aa2)	2 (13,3%)
Sozinho	2 (9,0%)	“A minha mãe e o meu pai quando levo trabalhos para casa ” (4Aa5)	1 (6,7%)
		“O meu pai ajuda-me às vezes á saída da escola quando chego a casa ” (4Aa9)	2 (13,3%)
		“O meu pai é só nos fins-de-semana ” (4Aa15)	1 (6,7%)
	22		15

Quadro nº 17 - Quem ajuda e quando são ajudados os alunos do 4º ano A na realização dos TPC.

Na turma do 4º ano A, relativamente a “**Quem**” ajuda nos TPC, nove alunos (40,9%) afirmam ser ajudados pela mãe, quatro (18,2%) afirmam ser ajudados pelo pai, sete alunos (31,9%) afirmam ser ajudados por ambos e por fim dois alunos afirmam fazer os TPC sozinhos.

Quanto a “**Quando**” são ajudados cinco alunos (33,3%) afirmam ser “**às vezes**” por exemplo: “o pai e a mãe ajudam **às vezes**” (4Aa3) e “a minha mãe **às vezes**” (4Aa4).

Quando “**tenho dúvidas**” foram as respostas de quatro alunos (26,7%) por exemplo: “o meu pai quando tenho **dúvidas**” (4Aa10) e “a minha mãe e porque **às vezes** tenho algumas **dúvidas**” (4Aa12). Dois alunos (13,3%) dizem ser “A minha mãe e **às vezes á tarde** e muitas vezes **á noite**” (4Aa2), enquanto que um aluno (6,7%) afirma ser “A minha mãe e o meu pai quando **levo trabalhos para casa**” (4Aa9). Também dois alunos (13,3%) dizem: “O meu pai ajuda-me **às vezes á saída da escola quando **chego a casa****” (4Aa9) e apenas um aluno (6,7%) afirma “O meu pai é só nos **fins-de-semana**” (4Aa15).

4º ano B

Quem ajuda nos TPC	Totais:		Quando é que são ajudados nos TPC	Totais:
Mãe	9 (52,9%)		<p>“a minha mãe ajuda-me quando <i>tenho dificuldades</i> nalguns coisas <i>antes do jantar</i>” (4Ba19) <i>“A minha mãe às vezes ajuda-me antes do jantar e a estudar para os testes e não só” (4Ba18)</i> <i>“o meu pai quando estou com dificuldades antes do jantar” (4Ba16)</i></p>	9 (56,3%)
Pai	1 (5,9%)		<p><i>“a minha mãe depois da hora de jantar às vezes” (4Ba2)</i> <i>O meu pai e a minha mãe quase sempre a seguir ao jantar” (4Ba14)</i></p>	3 (18,5%)
Pai e mãe	3 (17,6%)		<i>O pai ou a mãe quando tenho dúvidas” (4Ba7)</i>	1 (6,3%)
Irmã	1 (5,9%)		<i>“Quando não entendo muito bem” (4Ba13)</i>	1 (6,3%)
Prima	1 (5,9%)		<i>“A minha prima e ajuda quando saio da escola” (4Ba20)</i>	1 (6,3%)
Sozinho 2	2 (11,8%)		<i>“A minha mãe às vezes ajuda-me ao fim de semana”(4Ba21)</i>	1 (6,3%)
	17 resp			16 resp

Quadro nº 18 - Quem ajuda e quando são ajudados os alunos do 4º ano B na realização dos TPC.

Finalmente na turma do 4º ano b, nove alunos (52,9%) dizem ser ajudados pela mãe, um (5,9%) pelo pai, três (17,6%) ajudados pelo pai e pela mãe, um (5,9%) pela irmã (5,9%), outro (5,9%) pela prima e ainda dois alunos (11,8%) afirmam fazer os TPC sozinhos.

Quanto ao “Quando” são ajudados, nove alunos (56,3%) afirmam “a minha mãe ajuda-me quando **tenho dificuldades** nalguns coisas **antes do jantar**” (4Ba19), “A minha mãe às vezes ajuda-me **antes do jantar** e a estudar para os testes e não só” (4Ba18) e “o meu pai quando estou com dificuldades **antes do jantar**” (4Ba16).

Três alunos (18,6%) afirmam que são ajudados depois da hora de jantar “a minha mãe **depois da hora de jantar** às vezes” (4Ba2) e “O meu pai e a minha mãe quase sempre a **seguir ao jantar**” (4Ba14). Um aluno (6,3%) afirma que “O pai ou a mãe quando tenho **dúvidas**” (4Ba7), outro (6,3%) afirma que “Quando **não entendo muito bem**” (4Ba13), outro (6,3%) diz que “A minha prima e ajuda quando **saio da escola**” (4Ba20) e por fim outro (6,3%) aluno afirma “A minha mãe às vezes ajuda-me **ao fim de semana**” (4Ba21).

Foi perguntado aos professores se os Encarregados de Educação devem auxiliar as crianças na resolução dos TPC, ao que seis professores (46,2%) responderam que “Sim”, outros cinco professores (38,4%) responderam “Por vezes” e apenas dois professores (15,4%) responderam que “Não”.

Síntese reflexiva

Relativamente ao apoio que os alunos têm em casa na elaboração dos TPC 75,4% dos alunos diz ter ajuda na resolução dos TPC, ao contrário de 22,7% que diz não ter qualquer tipo de ajuda nos TPC.

Na turma do 2º ano os alunos afirmaram que são as mães que ajudam nos TPC com uma percentagem de 63,6% e o pai e a mãe com uma percentagem de 18,2%, quando estes têm dificuldade ou dúvidas na resolução dos TPC.

Na turma do 3º ano ou ajuda a mãe com uma percentagem de 50% ou o pai e a mãe com uma percentagem de 50%, isto quando existe dificuldades e logo assim que chegam a casa.

No que diz respeito a quem ajuda na resolução os TPC é bastante notória que continuam a ser as mães a desempenhar o papel principal nesta tarefa, antes ou depois, do jantar. Através destes dados constatamos que os TPC continuam a entrar todos os dias nas rotinas das famílias e que continuam a ser as mães a ter o papel principal na educação dos seus filhos.

Quanto à participação dos pais na realização dos TPC, Villas Boas (1994, p.14), afirma que o “sucesso escolar pode resultar do interesse dos pais pelo trabalho dos filhos”.

Apesar dos alunos que participaram neste estudo pertencem maioritariamente ao estrato sociocultural alto, independentemente do seu nível sociocultural, o envolvimento dos pais nas TPC é extremamente importante, tanto na atitude face aos TPC e da sua interação com os filhos, como na necessidade efetiva de trabalharem conjuntamente em casa.

3.3.5. Tempo gasto semanalmente para a realização de TPC

No que diz ao número de dias por semana que os professores solicitam TPC aos alunos na turma, os alunos responderam de acordo com o seguinte quadro:

Nº de dias:	2º ano	3º ano	4º ano A	4º ano B	totais
1	-	-	-	-	
2	-	-	-	-	
3	-	-	-	1(4,5%)	1
4	1 (9,1%)	-	-	-	1
5	10 (90,9%)	18 (100%)	21 (100%)	21 (95,5%)	70

Quadro nº 19 - Tempo gasto semanalmente para a realização de TPC das quatro turmas.

Na turma do 2º ano apenas um aluno (9,1%) assinalou 4 dias por semana, tendo a restante turma (90,9%) assinalado cinco dias por semana que lhes são solicitados TPC. Já na turma do 3º ano e do 4º ano A todos os alunos (100%) assinalaram que lhes são solicitados TPC cinco dias por semana. Na turma do 4º ano B, apenas um aluno (4,5%) afirmou levar TPC quatro dias por semana, tendo os restantes alunos (95,5%) assinalado cinco dias por semana.

Relativamente à questão colocada aos alunos se estes demoram muito tempo a fazer os TPC, obtivemos o seguinte quadro:

	2º ano	3º ano	4º ano a	4º ano b	Totais:
Sim	1 (9,1%)	5 (26,3%)	1 (4,8%)	11 (50%)	18 (24,7%)
Não	10 (90,9%)	14 (73,7%)	20 (95,2%)	11 (50%)	55 (75,3)

Quadro nº 20 - Quadro referente à questão se os alunos demoram muito tempo a fazer os TPC.

Na turma do 2º ano apenas um aluno (9,1%) respondeu “Sim”, que demorava muito tempo na realização dos TPC, tendo os restantes 10 alunos (90,9%) respondendo “Não”.

Na turma do 3º ano cinco alunos (26,3%) assinalaram que “Sim” e os restantes catorze (73,7%) assinalaram “Não”.

Na turma do 4º ano A, apenas um (4,8%) aluno assinalou “Sim” como resposta. E os restantes vinte alunos (95,2%) responderam que “Não” demoram muito tempo a fazer os TPC.

Já na turma do 4º ano B as opiniões dividem-se onze alunos (50%) respondem “Sim” e os restantes onze (50%) respondem “Não”.

Quanto à segunda parte da questão, ou seja, o “Porque?”, os alunos escreveram a razão pela qual consideram que demoram muito ou pouco tempo a fazerem os TPC.

Na turma do 2º ano o aluno (9,1%) que respondeu que “Sim” justificou a sua resposta dizendo: *“porque são difíceis e às vezes a minha mãe também não sabe”* (2a10). Já dos dez alunos que responderam “Não” (99,1%), cinco (50,0%) justificaram a sua resposta dizendo *“Porque são poucos trabalhos para casa”*. (2a11) Outros três (30,0%) justificam-se escrevendo *“porque são fáceis”* (2a3). Um outro aluno (10,0%) afirmou *“ porque sou muito rápido e o 2º mais adiantado”* (2a9), e ainda outro (10,0%) escreveu *“porque eu quando chego a casa vou logo fazer os meus TPC”* (2a8).

Relativamente à turma do 3º ano, dos alunos que assinalaram “Sim” (26,3%), um aluno não justificou a sua resposta. Dos restantes quatro alunos que justificaram a sua resposta, dois (50%) justificaram-se escrevendo: *“Porque o meu pai liga a televisão e eu distraio-me”* (3a12), um (25%) afirmou *“Sim porque estou sempre a apagar”* (3a15) e outro aluno afirmou que *“Porque sou muito lenta e brincalhona”* (3a4).

Dos catorze alunos (73,7%) que responderam negativamente à questão, seis justificaram-se da seguinte forma: *“Porque são fáceis e divertidos”* (3a11) e *“Os trabalhos de casa são fáceis e ninguém faz muito barulho”* (3a9). Dois outros alunos (14,3%) afirmaram *“ não porque os meus pais ajudam-me um bocadinho”* (3a18), outros dois (14,3%) escreveram: *“Porque eu gosto dos trabalhos”* (3a16) e ainda outros dois alunos (14,3%) afirmaram *“Não, porque não costumo ter dificuldades”* (3a3). Apenas um aluno (7,1%) afirmou: *“Eu não demoro muito tempo porque sou rápida a fazer os trabalhos de casa”* (3a17) e um outro aluno (7,1%) afirmou *“Às vezes é pouca coisa”* (3a5).

Na turma do 4º ano A o único aluno (4,8%) que respondeu afirmativamente à questão afirmou que *“porque eu fico cansada e já não me apetece fazer”*. Dos vinte alunos (95,2%) que afirmaram “Não” demorarem muito tempo a fazer os TPC, cinco (25%) justificam a sua resposta

escrevendo: *“Porque são muito fáceis”* (4Aa5) e *“Porque sou bom aluno e faço-os com facilidade e são poucos”* (4Aa1).

Quatro alunos (20%) afirmaram *“porque não levamos muitos trabalhos e eu faço depressa”* (4Aa2) e *“Porque não levo muito trabalhos diariamnte, e tenho facilidade em faze-los”* (4Aa13), outros quatro alunos (20%) justificaram-se escrevendo: *“Porque me despacho”* (4Aa19), e ainda, *“Não porque organizo-me e faço-os depressa”* (4Aa11). Outros quatro alunos (20%) disseram: *“Porque sobra-me muito tempo”* (4Aa14) e *“Porque eu sei faze-los e não demoro quase nenhum tempo”* (4Aa12).

Apenas um aluno (5%) justificou-se escrevendo: *“porque a minha mãe me ajuda”* (4Aa17), ainda outro (5%) afirmou que *“Porque a minha intenção é faze-los”* (4Aa21) e por último ainda outro aluno (5%) justificou-se escrevendo: *“Porque a minha professora não é muito exigente nos trabalhos de casa”* (4Aa20).

Na turma do 4º ano B dos 11 alunos (50%) que responderam afirmativamente á questão, apenas oito deram uma justificação. Assim, dos oito alunos que justificaram a sua resposta, quatro (50%) afirmaram que: *“sim porque é matéria que gosto e gosto de estudar muito”* (4Ba22) e *“Porque estudo e para estudar demora”* (4Ba22).

Três outros alunos (37,5%) escreveram que *“porque às vezes tenho dificuldade a fazer”* (4Ba6) e *“eu ás vezes não me lembro bem da matéria”* (4Ba8) e ainda, um aluno justificou a sua resposta afirmando que: *“Porque faço as coisas á pressa e ás vezes mal”* (4Ba21).

Dos onze alunos (50%) que responderam negativamente à questão cinco (45,5%) justificam-se afirmando: *“porque normalmente são fáceis e estou com atenção nas aulas”* (4Ba3) e *“Porque a maior parte das vezes não tenho dificuldade”* (4Ba15). Três outros alunos (27,2%) escreveram: *“Porque gosto de os fazer com cuidado”* (4Ba10), *“Quando acabo uma pergunta leio e vejo se está bem”* (4Ba13) e *“Porque faço com cabeça e sou rápido a pensar”* (4Ba18). Apenas um aluno (9,1%) afirmou ser “Não” a sua resposta *“Porque os faço logo quando saio da escola”* (4Ba4), outro (9,1%) justificou-se dizendo: *“Porque sei tudo de cor”* (4Ba7) e ainda outro aluno (9,1%) afirmou *“Porque sou rápido a escrever”* (4Ba19).

Foi questionado aos professores quantos dias por semana solicitam TPC aos seus alunos. A esta questão apenas um professor (5,9%) assinalou que pede TPC um dia por semana, enquanto que três professores (17,6%) assinalaram três dias por semana. Quatro professores (23,6%) assinalaram que mandam TPC quatro dias por semana e nove professores (52,9%) assinalaram que mandam TPC os cinco dias da semana.

Os professores foram questionados sobre o número de tarefas por dia que cada um solicita aos seus alunos. A esta questão sete professores (43,8%) responderam que solicitam apenas uma tarefa por dia, já oito professores (50,0%) responderam que pedem duas tarefas por dia e apenas um professor (6,2%) respondeu que pede três tarefas aos seus alunos.

Quanto tempo, aproximadamente, devem as crianças dedicar à resolução dos TPC, foi a questão que se colocou aos professores. A esta, três professores (17,6%) responderam que as crianças se devem dedicar quinze minutos aos TPC. Doze professores (70,6%) assinalaram que devem dedicar-se trinta minutos, ao contrário de um professor (5,9%) que assinalou quarenta e cinco minutos e ainda outro (5,9%) assinalou uma hora.

Síntese reflexiva

A grande maioria dos alunos afirma levar TPC os cinco dias da semana, tal como nos afirmaram a maioria dos professores.

Quanto ao número de tarefas por dia solicitadas aos alunos 50,0% dos professores afirma solicitar duas tarefas por dia, enquanto que 43,8% afirma solicitar apenas uma tarefa por dia.

A grande maioria dos professores afirma que os alunos devem-se dedicar aos TPC apenas meia hora por dia. Ao contrário destes apenas um professor afirma que os alunos se deveriam dedicar aos TPC uma hora por dia.

Quanto ao tempo que demoram a fazer os TPC, 75,3% dos alunos afirmaram que não demoram muito tempo na sua resolução, ao contrário de 24,7% dos alunos que afirmaram demorar muito tempo na sua resolução.

Laloup (1982) num estudo sobre o tempo de lazer afirma que para a criança ou para um adolescente nos dias de hoje, o trabalho escolar, com tudo o que acarreta, representa exatamente o tempo de trabalho de um profissional. Mas enquanto a duração do trabalho profissional exige um período de descanso para a maioria dos adultos, o mesmo não acontece para as crianças, uma vez que o trabalho escolar é cada vez mais desenvolvido dentro e fora da sala de aula.

3.3.6. Tempo livre para fazer outras atividades depois dos TPC

Na questão onde era perguntado aos alunos se tinham tempo para fazer outras atividades no 3ºano, 4ºanos A e B obtivemos 100% de respostas afirmativas, ou contrário da turma do 2º ano onde 90,9% dos alunos respondeu afirmativamente e apenas 9,1% respondeu negativamente.

Desta forma, dos setenta e três alunos do estudo 98,6% afirmam que têm tempo livre para fazer outras atividades, enquanto que 1,4% afirma não ter tempo para outras atividades para além dos TPC.

Foi feita aos professores a mesma pergunta, isto é, se com a resolução dos TPC, os alunos ficam com pouco tempo disponível para atividades de lazer. A esta questão apenas três professores (17,6%) responderam que “Sim” ao contrário de catorze (82,4%) que responderam “Não”.

Apenas um professor que respondeu afirmativamente à questão justificou a sua resposta dizendo “*Depende do tempo gasto para os realizar. As crianças saem da escola às 17.30m e não tem tempo para serem “crianças” (p12).*”

No que diz respeito às atividades que os alunos disseram que realizam depois da elaboração dos TPC, estas são inúmeras. Desta forma, apenas faremos referência às quatro atividades com maior percentagem nas quatro turmas.

Desta forma na turma do 2º ano a catequese surge como a atividade que 33,3% dos alunos têm depois dos TPC, seguindo-se o judo com 11,1%, a natação com 11,1% e o brincar livremente com 11,1%.

Já na turma do 3º ano a catequese surge como a atividade que 23,1% dos alunos têm a seguir aos TPC, seguindo-se a natação com 18,0%, o futebol com 10,5% e em quarto lugar o brincar livremente com uma percentagem de 10,5%.

Na turma do 4º ano A, mais uma vez a catequese surge como a atividade que mais alunos têm tendo esta uma percentagem de 16,1%, seguindo-se o conservatório com 12,8%, de seguida o brincar livremente com 11,3% e por fim a natação com uma percentagem de 9,7%.

Finalmente na turma do 4º ano B a catequese surge, mais uma vez, como a atividade com maior percentagem, isto é, com 21,3%, seguindo-se o futebol com 17,1%, a natação com 12,8% e por fim jogar computador com uma percentagem de 10,6%. Como se pode constatar a catequese é a atividade que a grande maioria dos alunos tem depois dos TPC. As atividades orientadas como o judo a natação e o futebol prevalecem nas quatro turmas e o brincar livremente surge em terceiro ou quarto lugar.

É bastante visível que os alunos tem maioritariamente atividades orientadas por terceiros quer seja a catequese como o futebol. O brincar livremente sem uma orientação surge em terceiro lugar o que vai ao encontro do que um dos professores inquiridos afirmou “...As crianças saem da escola às 17.30m e não tem tempo para serem “crianças” (p12).

Síntese reflexiva

O termo “tempo livre”, segundo Araújo (2009 p.25) surge como um tempo de liberdade, não comprometido nem monopolizado, em que a criança dispõe da sua total liberdade para escolher a atividade que quer fazer.

Relativamente ao tempo livre para fazer outras atividades depois dos TPC, a grande maioria dos alunos deste estudo afirma ter tempo para fazer outras atividades.

A opinião dos professores vai de encontro à opinião dos alunos, a maioria dos professores afirma que os alunos com a realização dos TPC ficam com tempo disponível para outras atividades de lazer. Como se pode constatar neste estudo a catequese é a atividade que a grande maioria dos alunos tem depois dos TPC.

São as atividades orientadas como a catequese, o judo, a natação e o futebol que prevalecem nas quatro turmas sendo que o brincar livremente surge em terceiro ou quarto lugar.

Como se pode observar o tempo livre dos alunos é alvo de alguns constrangimentos, ao contrário do que seria de esperar, a escolha das atividades que os alunos realizam é orientada pela família ou pela escola, isto é, pelos adultos. Neste sentido, as atividades organizadas no tempo livre, fora do tempo escolar acabam por ser impostas aos alunos com o intuito de contribuírem para o seu desenvolvimento.

O brincar livremente sem uma orientação surge em terceiro lugar o que vai ao encontro do que um dos professores inquiridos afirmou “...As crianças saem da escola às 17.30m e não tem tempo para serem “crianças” (p12).

Tal como nos indica Sarmiento (2003, p.26) “ O brincar é a condição da aprendizagem e desde logo da aprendizagem da sociabilidade”. O brincar aparece muitas vezes aos olhos dos adultos como algo secundário e sem grande interesse. No entanto, a criança brinca para

descobrir o mundo que a rodeia. Se prestarmos atenção às suas brincadeiras verificamos a sua espontaneidade, o empenhamento voluntário, a regularidade e a consistência do ato de brincar.

Segundo Solé (1992) *“brincar é um comportamento que permite o conhecimento de si próprio, do mundo físico e social e dos sistemas de comunicação”*, o que poderá levar a considerar a atividade lúdica como intimamente relacionada com o desenvolvimento da criança.

3.3.7. Opinião de alunos e professores sobre a funcionalidade dos TPC

Esta questão está relacionada com as conceções dos alunos relativamente às razões ou ao objetivo pelo qual o seu professor lhe manda TPC. Assim na turma do 2º ano as respostas de nove alunos (81,8%) estão relacionadas com a função **“Aprender”** como por exemplo: *““Para aprender”(2a1), “Quando a professora me manda trabalhos de casa acho que é para a aprender” (2a4) e “Para eu aprender muito” ”(2a10)*. Um aluno (9,1%) revela a função de **“Treinar”** *“Para nós treinarmos a leitura e a escrita” (2a7)* e outro aluno (9,1%) afirma que os TPC assumem a função de **“Recompensa”** *“Quando eu porto-me bem a professora não manda-me trabalhos para casa” (2a11)*.

Na turma do 3º ano nove alunos (47,4%) salientaram a função **“Aprender”** como por exemplo: *““Para aprender mais e para recordar a matéria que demos na escola” (3a19), “Para nós não nos esquecermos do que aprendemos na escola” (3a5), “Porque sem trabalhos não aprendemos” (3a10), “a professora manda trabalho para casa para aprendermos na escola e em casa” (3a18) e “Para aprender e ter novas capacidades” (3a6)*.

Três alunos (15,7%) utilizaram o **“Recordar”** para justificar a sua resposta; *“Para recordar a matéria que demos na escola” (3a2) e “Para aprender as coisas da escola e para recordarmos as coisas que a professora ensina” (3a15)*.

Dois alunos (10,5%) justificam-se com a **“Preocupação”** do professor: *“Alguns portam-se mal e depois não conseguimos e depois levamos porque se preocupa” (3a13) e “A professora manda trabalho Para casa porque se preocupa connosco ao aprender” (3a14)*. Um aluno (5,3%) afirmou que os TPC assumem a função de **“Memorização”**. *“Para nos testes saber tudo e ficar com tudo na cabeça” (3a8)*.

Apenas um aluno (5,3%) salienta a **“Falta de tempo”** *“Porque não tem tempo para ensinar tudo na escola” (3a1)*, outro diz (5,3%) *“Na minha opinião acho que é porque os pais têm de estar ligados com aquilo que fazemos na escola” (3a3)*, ainda outro aluno (5,3%) afirma *“Na minha opinião a professora pede-me para realizar trabalhos para casa para ser inteligente e para aprender” (3a9)*. E por fim, um aluno (5,3%) afirma: *“A professora manda trabalho para casa para nos fazermos em grupo” (3a17)*.

Na turma do 4º ano A seis alunos (28,6%) salientaram a palavra **“Saber”** como por exemplo *“Para nós ficarmos a saber mais e para nós ficarmos com menos dúvidas nas matérias” (4Aa20), “Para saber mais coisas” (4Aa19) e “ a professora pede para fazer os trabalhos de casa para eu saber melhor e aprender matéria” (4Aa7)*.

Quatro alunos (19,0%) utilizaram a palavra **“Aprender”**, *“A minha professora manda-me trabalhos para casa para eu estudar e aprender”, (4Aa18) “Eu acho que é para nós*

aprendermos mais e para ficarmos a saber mais coisas importantes” (4Aa15) e *“Para aprender mais e realizar o pensamento para ficarmos mais espertos*” (4Aa2).

Outros quatro alunos (19,0%) justificaram a sua resposta com *“Estudar”* *“Para não só na escola mas sim em casa estudarmos sempre”* (4Aa8) e *“A minha opinião a minha professora manda-me trabalhos para perceber melhor a matéria, estudar”* (4Aa5).

Apenas um aluno (4,8%) salienta: *“Porque quer que eu seja inteligente”* (4Aa21), outro (4,8%) diz *“Para desenvolvermos o cálculo e não só”* (4Aa11), outro afirma *“Para nos ajudar na matéria da escola”* (4Aa6) e ainda outro aluno (4,8%) responde *“Para pensarmos por nós próprios”* (4Aa1).

Na turma do 4º ano B dez alunos (45,6%) salientaram a função de *“Aprender”* como por exemplo: *“É para nós sabermos as coisas melhores e para aprendermos”* (4Ba2), *“Para nos ensinar e para nós aprendermos”* (4Ba4), *“Para aprendermos melhor o que nos ensinaram na escola”* (4Ba11).

Três alunos (13,6%) utilizaram a palavra *“Explicar”*, *“Para a professora saber o que nós sabemos e não sabemos para explicar”* (4Ba18), *“Porque se não entendermos a matéria a professora explica e para praticar”* (4Ba8) e *“Para ver se percebemos a matéria e se não entendermos a professora ensina outra vez”* (4Ba3).

Apenas dois alunos (9,1%) justificam-se dizendo *“Porque assim se tivermos mal a professora pode ver onde temos dificuldade”* (4Ba9) e *Porque há pessoas que tem dificuldade e é para aprendermos”* (4Ba12). Um aluno refere (4,5%) *“Para verificar se entendemos bem os exercícios”* (4Ba 21) e ainda outro refere (4,5%) *“Para nós revermos a matéria e ficarmos a perceber melhor”* (4Ba10).

Relativamente à questão se os TPC auxiliam a aprendizagem das crianças do 1º ciclo três professores (17,6%) responderam que *“Nem concordo nem discordo”*, ao contrário de nove professores (52,9%) que responderam *“Concordo”* e dos cinco professores (29,5%) que responderam *“Concordo totalmente”*.

Síntese reflexiva

Relativamente às funcionalidades dos TPC, a grande maioria dos professores afirmam que concordam totalmente que os TPC auxiliam a aprendizagem das crianças do 1º ciclo, o que vai ao encontro de Villas-Boas (1998), quando este afirma que os alunos através dos TPC têm a possibilidade de adquirir o tempo e a experiência necessárias à maturação das matérias e dos assuntos que aprendem na escola, cada um ao seu ritmo e sem os constrangimentos que as aulas impõem. Assim, ao longo do tempo o aluno vai adquirir competências para conseguir lidar com os erros e as diversas dificuldades inerentes às várias aprendizagens escolares.

Para a maioria dos alunos os professores solicitam TPC para *“Aprender”*, *“Treinar”* e *“Estudar”*.

De facto é *“Aprender”* a ideia que mais prevalece nas quatro turmas. Na turma do 2º ano *“Aprender”* surge com 81,8% em frases como: *“Quando a professora me manda trabalhos de casa acho que é para a prender”* (2a4). Na turma do 3º ano *“Aprender”* surge com uma percentagem de 47,4% em justificações como esta: *“Porque sem trabalhos não aprendemos”* (3a10). Na

turma do 4º ano A “*saber mais*” surge como a ideia mais evidenciada com uma percentagem de 28,6% em frases como esta: “*a professora pede para fazer os trabalhos de casa para eu **saber melhor e aprender matéria***” (4Aa19). Seguindo-se a esta ideia o “aprender” com 19,0% das respostas como esta: “*Eu acho que é para nós **aprendermos mais e para ficarmos a saber mais coisas importantes***” (4Aa15). Mais uma vez na turma do 4º ano B o “aprender” surge com 45% das respostas, onde os alunos afirmam “*Para **aprendermos melhor as coisas e o que tivemos errado ou dificuldades o professor ajuda***” (4Ba20).

Como podemos verificar para estes alunos “Aprender” é a palavra-chave quando de trata de TPC, estes são um meio para ter sucesso na escola.

Em suma, os alunos, no seu papel de alunos, não questionam mas aceitam os TPC como algo fundamental para obter reconhecimento por parte do professor e dos pais, para obter boas notas.

Capítulo V - CONCLUSÕES/COMENTÁRIOS

4.1. Algumas reflexões

Nesta parte do estudo procedemos à reposição dos objetivos de trabalho, recapitulamos os principais resultados e apresentamos algumas recomendações no que diz respeito a futuros estudos, no âmbito dos TPC.

A revisão de literatura que realizamos permitiu-nos refletir a cerca do conceito de TPC. Assim, como nos deu a conhecer os pressupostos de autores que apoiam a prática dos TPC, tal como os pressupostos de autores que são contra esta prática.

Estes pressupostos foram a base impulsionadora do nosso estudo que teve como finalidade analisar como é que os alunos e os professores de 1º ciclo do Ensino Básico vêm e sentem os TPC. As questões orientadoras da investigação foram: a) Que tipos de TPC pedem os professores aos alunos? b)Quais são os TPC preferidos dos alunos? c)Quem ajuda e quando é que os alunos fazem os TPC? d)Qual o tempo gasto semanalmente para a realização de TPC? e)Existirá tempo para outras atividades? f)Qual é a opinião dos alunos e professores sobre a funcionalidade do TPC?

Para dar resposta a estas questões do nosso estudo foram feitos inquéritos a alunos e professores e ainda analisados os cadernos de casa dos alunos e as planificações de TPC dos professores. A partir dos resultados obtidos, pretendemos referir as principais conclusões a que chegamos neste estudo.

Importa referir um primeiro lugar, que os TPC são uma estratégia de ensino que continua a prevalecer nesta escola de 1º ciclo de uma forma muito ativa, fazendo parte do quotidiano diário dos alunos e das suas famílias. A grande maioria dos alunos leva TPC todos os dias da semana, sendo estes uma ou duas tarefas diárias.

Através da análise dos inquéritos realizados, parece-nos legítimo depreender que a maioria dos alunos aceita os TPC, embora não signifique que os deseje. As tarefas de TPC solicitadas desenvolve no aluno mecanismos de defesa, pois, como refere Perrenoud (1995, p.137), o aluno *“aprende a jogar com as aparências, e a agir sobre sinais exteriores de competência”*.

Os TPC surgem como uma rotina, e de acordo com a minha observação na prática supervisionada, logo que se aproxima o final da aula são marcados TPC, é impensável não os marcar, às vezes de uma forma atribulada.

Para estes professores os alunos devem-se dedicar aos TPC meia hora por dia, ficando assim com tempo disponível para desenvolver outras atividades de lazer.

O tipo de TPC mais solicitado aos alunos são as fichas, as leituras, os cálculos e as cópias.

Nenhum dos professores inquirido refere que solicita tarefas de estudo do meio mas como podemos constatar nos cadernos de casa e nas planificações dos professores esta área não é esquecida pelos professores. Os TPC nesta área resumem-se basicamente na cópia de informação do livro de estudo do meio.

Nenhum professor ou aluno fez referência às restantes áreas de ensino, nem foi evidente com a análise dos cadernos de casa nem com as planificações dos professores que as restantes áreas de ensino sejam alvo de TPC.

Os professores continuam a solicitar aos seus alunos tarefas repetitivas e mecânicas que não estimulam o conhecimento, limitando-se a reproduzir os conteúdos dos livros.

Ao contrário do que afirmaram os alunos e os professores as cópias constituem as tarefas mais solicitadas pelos professores, seguindo-se as tarefas de matemática nas subcategorias de números e algoritmos.

È evidente que quando se obriga a memorizar e a repetir vezes sem conta, como se pode verificar nos caderno de casa do 2º ano, está-se a impor ao aluno uma conceção já programada. Neste caso, raramente as crianças aprendem a pensar, a duvidar, a contestar, isto em nada as ajuda a perceber e a ficar com vontade de continuar.

Estas tarefas integradas numa perspetiva behaviorista, onde interessa o treino e a memorização em prol de tarefas como a pesquisa em casa e o trabalho em grupo que se integram numa perspetiva sócio construtivista. Nesta perspetiva interessa a descoberta do conhecimento através da pesquisa, onde é privilegiado a capacidade de resolver problemas de forma individual e autónoma mas também privilegiam a capacidade de solucionar um problema recorrendo à interajuda.

Tal como afirma Araújo (2009, p.86) *“as cópias e as contas continuam a ser as tarefas mais solicitadas aos alunos em prol das pesquisas em casa tão importantes para o desenvolvimento intelectual dos alunos.”* Como verificamos através das justificações dos alunos as cópias de textos, as fichas, as contas apenas se limitam a reproduzir os conteúdos dos livros ou o que foi explicado na aula. Com este tipo de TPC está-se a afastar a hipótese dos alunos familiarizarem com a descoberta do conhecimento, satisfazendo a sua curiosidade natural através de pesquisa.

Os trabalhos em grupo, o desenho, a pesquisa e a ilustração de textos são os TPC que os alunos gostavam de ter como TPC. Como podemos verificar, através das respostas, todos os alunos “fugiram” das tarefas mecânicas e repetitivas, para dar primazia a atividades desafiantes. Os alunos que sentem os TPC como um desafio e não como uma atividade mecânica, são provavelmente os melhores alunos, pois sentem curiosidade e pesquisam para satisfazer essa mesma curiosidade.

Somos da opinião de que os professores devem apostar na qualidade e não quantidade de TPC, utilizando sempre o bom senso, ou seja, o professor tem de solicitar TPC que promovam o ensino e aprendizagem através de TPC de qualidade, tendo em conta se o número de tarefas que solicita está de acordo com as características dos seus alunos.

Os TPC solicitados mudam consoante os conteúdos trabalhados na sala de aula ou o reforço dos mesmos, tendo em conta a especificidade de cada aluno, isto é, os TPC não são iguais para todos. Dentro da mesma turma existem níveis de aprendizagem diferentes ou por se tratar de turmas heterogéneas, ou por ter alunos com NEE.

De facto, pensamos que um aluno que tenha dificuldades de aprendizagem necessita efetivamente de apoio para tentar superar as dificuldades. Pelo que foi observado na prática,

muitas vezes este apoio surge com um maior número de tarefas de TPC, o que pode ter um efeito contraditório.

Um professor referiu que o seu objetivo ao mandar TPC é que os pais se liguem à escola sabendo assim que conteúdos os seus filhos andam a trabalhar. Esta ideia foi partilhada por um aluno que afirmou *“Na minha opinião acho que é porque os pais têm de estar ligados com aquilo que fazemos na escola. (3a3)”*

Esta ideia é contestada por Perrenoud (1995), que nos diz exatamente o contrário. Os TPC não devem ter a função de dar a conhecer aos pais o que se faz na aula, nem estes devem ter qualquer responsabilidade na realização dos mesmos. Sustenta a ideia de que os pais devem evitar o controlo diário dos TPC dos seus filhos. Se os TPC não forem feitos isso só diz respeito ao professor e ao aluno. O controlo deve ser evitado para que a criança aprenda a ser autónoma.

De facto, o maior incentivo é levar a que a criança faça os TPC o mais autonomamente possível. A criança sabe que pode pedir ajuda mas, quando o faz, tem de dizer concretamente o que necessita. Um dos objetivos é responsabilizar a criança por uma tarefa que vai realizar e dar conta dela na manhã seguinte ao seu professor. Por isso, pensamos que os pais não devem controlar diariamente a mochila dos filhos para se certificarem se estes têm TPC. Porque se a criança se esquecer, ou simplesmente não os faça por não ter vontade, pode ser educativo, uma vez que terá no dia seguinte de dar explicações ao seu professor, assumindo assim a responsabilidade dos seus atos.

A grande maioria dos professores concordou que os Encarregados de Educação devem auxiliar as crianças na resolução dos TPC. Como afirma Araújo (2009, p.94) *“a relação escola-família é essencial, já que permite dar segurança à criança, permite ajudar a compreender as operações escolares menos concretas e envolve a confiança num espaço afetividade essencial para o seu equilíbrio”*.

O apoio familiar é bastante importante, mas não se pode resumir somente na ajuda da resolução dos TPC, é bem mais que isso. É dar espaço, tempo, ouvir as dúvidas, os desabaços, dar-lhe apoio emocional para que ultrapassem as angústias e os medos.

De facto, esta ideia estão intimamente ligada ao que Villas-Boas (1994, pp.14) afirma dizendo que o *“sucesso escolar pode resultar do interesse dos pais pelo trabalho dos filhos”*. Desta forma, como nos afirma aquele professor e aquele aluno muitas vezes os professores utilizam os TPC como um meio de chegar às famílias, isto é, fazendo com que estas saibam os conteúdos que se estão a trabalhar na escola, possibilitando assim que as famílias possam apoiar as crianças nos estudos. Muitos estudos têm vindo a reconhecer, como afirma Villas-Boas, que o envolvimento dos pais é extremamente importante quer nas atitudes e na qualidade da sua interação com os filhos, como também na necessidade efetiva de trabalharem conjuntamente em casa.

Segundo os estudos feitos por Epstein (2001) os filhos de pais com nível instrutivo superior usufruem, frequentemente, de um maior envolvimento dos respetivos pais na sua vida escolar e educativa, isto porque, os pais sentem-se mais bem preparados para esse envolvimento e mantêm expectativas muito elevadas para o futuro dos filhos, logo habitualmente os filhos têm melhor aproveitamento escolar. Acrescenta ainda que os dados por ele recolhidos corroboram a

ideia de que pais habilitados academicamente e pais com melhor aproveitamento escolar revelam um maior envolvimento na ajuda em casa com os TPC.

Os resultados deste estudo vão ao encontro das nossas conclusões, isto é, por se tratar de um grupo de alunos proveniente de um estrato sociocultural alto têm bastante apoio maioritariamente dados pelas mães, ou seja, no que diz respeito a quem ajuda na resolução é bastante notória que continuam a ser as mães a desempenhar o papel principal nesta tarefa, tanto no apoio à realização dos TPC como na função de encarregado de educação.

A grande maioria dos professores e dos alunos afirmaram que com a realização dos TPC ficam com tempo disponível para outras atividades de lazer.

A catequese é a atividade que a grande maioria dos alunos desenvolve depois dos TPC, outras atividades orientadas como o judo a natação e o futebol prevalecem nas quatro turmas e o brincar livremente surge em terceiro ou quarto lugar.

Os TPC surgem como uma rotina, os alunos dizem ter outras atividades, mas como é visível neste estudo poucos dizem que brincar é a sua atividade primordial a seguir aos TPC.

O tempo livre que os alunos dizem ter depois dos TPC é preenchido com atividades formativas impostas pelos adultos, onde o brincar livremente é desvalorizado.

Na opinião dos alunos relativamente aos motivos pelos quais os seus professores lhes mandavam TPC estes deram muitas respostas estando a grande maioria destas subentendias à ideia de “Aprender”. É de salientar que também alguns alunos afirmaram que os TPC assumem a função de castigo decorrente de comportamentos menos próprios na sala de aula, “*Quando eu porto-me bem a professora não manda-me trabalhos para casa*” (2a11).

Uma das funções dos TPC é servir a instituição que os determina e neste sentido os alunos habituam-se a fazê-los para “Aprender”, como referem muitos dos alunos, obedecendo assim às ordens dos professores sem as contestar.

Os alunos sabem que são alvo de muita expectativa por parte dos pais e principalmente do seu professor e por isso esforça-se para atingir os objetivos propostos por este, sendo esta ideia bem visível nas justificações dadas pelos alunos.

Em suma, os alunos sabem que é importante o conhecimento escolar e que é necessário muito esforço e trabalho para o alcançar. Os TPC são muito semelhantes às tarefas que fazem na sala de aula, o que exige grande esforço por parte destes, quer pelo tipo de tarefas que são solicitadas mas também porque têm de ser entregues e avaliados no dia seguinte.

Os alunos do estudo dizem fazer os TPC com rapidez e facilidade provavelmente por se tratar de alunos de um estrato sociocultural alto, onde o conhecimento é bastante valorizado, onde obtêm bastante ajuda por parte das mães, mas também porque já terem interiorizado a rotina dos TPC, uma vez que a grande maioria dos alunos frequenta o 3º e 4º ano.

A razão da existência de TPC parece ser a consolidação de conteúdos, através da repetição de tarefas já realizadas na sala de aulas, o que em nada contribui para aumentar o interesse pelo conhecimento escolar.

Os TPC deveriam assumir outro sentido, isto é, deveriam promover a aprendizagem, o estudo e a pesquisa para que os alunos possam adquirir novos conhecimentos significativos.

Os professores de hoje têm de se empenhar em propor aos seus alunos desafios maiores, bem mais interessantes do que o tipo de TPC que estes alunos fazem.

Os TPC deveriam de ser um meio para promover a interação positiva da criança com os restantes membros da família, que não consumisse muito tempo e que pudessem ser um estímulo para todos.

Pedir ao avô que conte uma história do seu tempo de criança, recolher receitas antigas, tirar fotografias a um sítio especial para a criança são algumas das imensas possibilidades que existem para tornar os TPC estimulantes.

Para as crianças, os TPC só fazem sentido se permitirem o sucesso, se não ocuparem demasiado tempo, do tempo livre que têm, se permitirem uma visibilidade dos seus grandes ou pequenos esforços.

Se por um lado, a metodologia utilizada nesta investigação permitiu observar o fenómeno e recolher um conjunto de dados, por outro, trouxe dificuldades quanto à garantia de transferibilidade das conclusões deste estudo em contextos diferentes.

Várias foram as dificuldades sentidas ao longo deste estudo. Importa destacar, sobretudo, as relacionadas com o limite de tempo em que foi realizado. Cerca de seis meses, não permitiu uma mais extensa recolha de elementos de pesquisa e o seu respetivo aprofundamento.

Todos sabemos que hoje, tal como no passado, as crianças e as suas famílias vivem em função da escola. O tempo e a vida são organizados em função da escola, e quando as aulas acabam o tempo é organizado de acordo com os TPC a as atividades extracurriculares. Assim, seria bastante interessante ouvir a opinião dos pais sobre esta temática. Perceber de que forma é que a prática dos TPC interfere na sua vida quotidiana, qual a opinião dos pais face aos TPC, seria um bom ponto de partida para dar continuidades a este estudo.

Capítulo V - Bibliografia

5.1. Referências bibliográficas

- Araújo, M. (2009). *Crianças ocupadas*. Porto: Primebooks.
- Araujo, M. (2006). *Crianças sentadas*. Porto: Livpsic.
- Ausubel, D. (1978). *Psicologia educativa - Un punto de vista cognoscitivo*, México: Trillas.
- Bardin, L. (1979). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Benavente, A : e al., (1991). *Do outro lado da Escola*. Lisboa: Editorial Teorema/colecção Terra Nostra.
- Brandão, C. (1988). *Escola/Família: que cooperação?* Revista Aprender, 6,29-35.
- Bogdan, R. e Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação - Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Bruner, J. (1998). *Desarrollo cognitivo y educación*. Madrid: Morata.
- Cardoso, M. (1986) *Algumas causas de aproveitamento diferencial nas crianças dos estratos sociais baixos*. Dissertação de mestrado. Braga: Universidade de Braga.
- Denzin, N. et al. (2006). *O planeamento da pesquisa qualitativa - teoria e abordagens*. Porto Alegre: Ed. Artmed.
- Dexter, L.(1970). *Elite and specialized interviewing*. Evanston, IL: Northwestern University Press.
- Epstein, J. e Van Voorhis, F.(2001). *More than minutes: Teachers roles in designing homework*. Educational Psychology, 36 (3), 182-193.
- Ghiglione, R. e Matalon, B. (1993). *O Inquérito - Teoria e Prática*. Oeiras: Celta Editora.
- Ghiglione, R. e Matalon, B. (2001). *O Inquérito*. (4ª Ed.), Oeiras: Celta Editora.
- González, F. (1998). *Lo cualitativo y lo cuantitativo en la investigación de la psicología social*. São Paulo: Psicologia & Sociedade.
- Grawitz, M. (1984). *Méthodes des sciences Sociales*. Pariz: Dalloz.
- Gros, B. (1997). *Diseños y programas educativos - Pautas Pedagógicas para la elaboración de software*. Barcelona. Editorial Ariel, S.A.
- Laloup, J. (1982). *Les temps du loisir*. Paris: Casterman.
- Marques, R. (1988). *A escola e os pais: Como Colaborar?*. texto Editora. Lisboa.
- Martins, E.(1996b). *Síntese de Investigação Qualitativa*. Castelo Branco: Publ.ESE/IPCB
- Meirieu, P. (1998). *Os Trabalhos De Casa*. Lisboa, Editorial presença.
- Morais, M. (1994). *Estudo de Caso: Reencontro de Um Paradigma Perdido?*, *Revista Portuguesa de Educação*, 7 (1e 2), 127-135- Universidade do Minho.
- Musgrave, P. (1979). *Sociologia da Educação*. Fundação. Lisboa: Calouste Gulbenkian.
- Perrenoud, F. (1995). *Ofício de aluno e o sentido do trabalho escolar*. Porto: Porto Editora
- Piaget, J. (1974). *Adaptación vital y psicología de la inteligencia*. Madrid: Siglo XXI.
- Pinto, A. (1990). *Metodologia da investigação psicológica*. Porto: Edições Jornal de Psicologia.
- Román, M. e Diez, E. (1998). *Aprndizaje y Curriculum: Diseños Curriculares Aplicados*. Santiago de Chile. FIDE.
- Sampaio, M. (1997 a). *Contributo para o Estudo da Atitude Científica em Alunos de Enfermagem*. In Estrela, A., Ferreira, J. (ed). *Métodos e Técnicas de Investigação Científica em Educação - Actas do VII Coloquio Nacional da Secção Portuguesa da AIPELF/AFIRSE*. Lisboa: AFIRSE Portuguesa.
- Sarmento, M. e Cerisara, A. (2003) *Crianças e Miúdos. Perspetiva sociopedagógicas da infância e educação*. Porto: Edições ASA
- Simões, M. (1990) *Comunicação entre as crianças*. Coimbra: Editora Coimbra.
- Solé, M. (1992) *O jogo Infantil*. Lisboa: IAC.
- Trianes, M. (2004). *O stress na infância. Prevenção e Tratamento*. Porto: edições Asa.
- Tuckman, B. (2000). *Manual de Investigação em Educação*. 2ª Edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Villas - Boas, A. (1998). *The effects of parental involvement in homework on student achievement in Portugal and Luxembourg*. *Childhood Education*, 74, 367-371.
- Villas - Boas, A. (1994). *A relação Escola-família inserida na problemática das reformas curriculares*. Revista ESES, 5, Janeiro, 12-15.
- Vygotsky, S. (1979) *Psicologia y pedagogia*. Madrid: Akal.
- Worsley, P. (1977). *Introdução à Sociologia*. Publicações Dom Quixote. 3ª Ed. Lisboa.
- Carmo, H. e Ferreira, M. (1998). *Metodologia da Investigação - Guia para Auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Netgrafia consultada:

- Benavente, J. (2001). *Mitos de le reforma educativa de los noventa en España*. *Revista Iberoamericana de Educación*, 27 (Disponível on-line em: <http://www.campus-oei.org/revista/rie27.htm>, consultado a 27 de Janeiro de 2011) .
- http://www.netprof.pt/netprof/servlet/getDocumento?TemaID=NPL0120&id_versao=13647
- http://www.dn.pt/inicio/interior.aspx?content_id=641735&page=2

Anexos

Anexo 1

Inquérito às crianças

Os Trabalhos Para Casa no 1º Ciclo

Investigação sobre os alunos e os professores do 1º ciclo do ensino básico, de hoje, vivem e sentem os TPC.

1. Que tipo de Trabalhos Para Casa costumam fazer?

- Cópias
- Cálculos
- Fichas
- Pesquisa (livros, enciclopédias, internet...)
- Leitura
- Outros

Quais? _____

2. Quais gostas mais de fazer? Porquê?

3. Que outro Trabalhos Para Casa gostavas que o teu professor (a) te pedisse para fazeres?

- Inquéritos à tua família;
- Trabalho em grupo
- Ilustração de um texto
- Outros,

Quais? _____

4. Aproximadamente quantos dias por semana levam Trabalhos Para Casa?

- 1 2 3 4 5

5. Achas que demoras muito tempo a fazer os Trabalhos Para Casa?

Sim Não

Porquê? _____

6. Tens tempo livre para fazer outras atividades?

Sim Não

Quais? _____

7. Alguém te ajuda a fazer os Trabalhos Para Casa?

Sim Não

Quem e Quando? _____

8. O teu professor (a) costuma pedir para fazeres pesquisa em casa?

Sim Não

9. Na tua opinião porque é que o professor te pede para realizares Trabalhos Para Casa?

Obrigado pela tua colaboração!

Anexo 2

Inquérito aos Professores

Os Trabalhos Para Casa no 1º Ciclo

Investigação sobre os alunos e os professores do 1º ciclo do ensino básico, de hoje, vivem e sentem os TPC.

Sou mestranda da Escola Superior de Educação de Castelo Branco, pertencente ao IPCB, estando a frequentar o Mestrado de Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico.

No âmbito do trabalho final do Mestrado estou a desenvolver um estudo de como é que os alunos e os professores do 1º ciclo do ensino básico, de hoje, vivem e sentem os TPC. Assim, agradeço a sua disponibilidade para preencher este inquérito anónimo e confidencial, dando o seu contributo nesta investigação.

O tempo estimado para o preenchimento deste inquérito é de 10 minutos.

Entende-se por TPC (Trabalhos Para Casa).

Escolha a opção que vai ao encontro da sua opinião, colocando um x na resposta que considera adequada.

Sexo: M F Idade: _____

Habilitações Literárias: _____ Anos de serviço: _____

1. Os TPC auxiliam a aprendizagem das crianças do 1º Ciclo?

Discordo totalmente Discordo Nem concordo nem discordo Concordo Concordo Totalmente

2. Quantos dias por semana marca TPC ?

1 2 3 4 5

3. Quantas tarefas pede aos seus alunos por dia?

1 2 3 4

4. Quanto tempo aproximadamente, devem as crianças dedicar à resolução dos TPC?

15min 30 min 45 min 1h 1h15 1h30 1h45 2h

5. Que tipo de TPC solicita às crianças com mais regularidade?

- Cópias
- Cálculos
- Fichas
- Pesquisa
- Outros

Quais? _____

6. Os TPC que solicita, mudam consoante os objetivos pretendidos?

Sim Por vezes Não

Como? _____

7. Os TPC que manda são iguais para todas as crianças da turma?

Sim Por vezes Não

Porquê? _____

8. Os Encarregados de Educação devem auxiliar as crianças na resolução dos TPC?

Sim Por vezes Não

10. Com a resolução dos TPC, as crianças ficam com pouco tempo disponível para atividades de lazer?

Sim Não

Se sim, as implicações que pode ter no processo de aprendizagem?

Obrigada pela sua colaboração.

Anexo 3

Análise dos inquéritos aos alunos

Dados dos alunos:

Ano de escolaridade	Sexo		Idade				Total de alunos
	M	F	7 anos	8 anos	9 anos	10 anos	
2º ano	7 (63,6%)	4 (36,4%)	9 (81,9%)	2 (18,1%)	-	-	11
3ª ano	12 (63,2%)	7 (36,8%)	-	16 (84,2%)	3 (15,8%)	-	19
4º ano A	7 (33,3%)	14 (66,7%)	-	-	19 (90,5%)	2 (9,5%)	21
4º ano B	13 (59,1%)	9 (40,9%)	-	1 (4,5%)	14 (63,7%)	7 (31,8%)	22
							73

1. Que tipo de TPC costumam fazer?

Ano de escolaridade	Nº de inquiridos	Atividades					
		Cópias	Cálculos	Fichas	Pesquisa	Leitura	Outros
2º ano	11	7 (63,6%)	9 (81,8%)	11 (100%)	5 (45,5%)	11 (100%)	4 (36,4%)
3º ano	19	1 (5,3%)	19 (100%)	17 (89,5%)	11 (57,9%)	19 (100%)	10 (52,6%)
4º ano A	21	10 (47,6%)	17 (80,9%)	21 (100%)	8 (38,1%)	19 (90,5%)	13 (61,9%)
4º ano B	22	5 (22,7%)	22 (100%)	22 (100%)	22 (100%)	22 (100%)	0 (0%)
Totais:	73	23 (7,5%)	67 (21,9%)	71 (23,3%)	46 (15,1%)	71 (23,3%)	27 (8,9%)

Outros. Quais?

Atividades	2º ano	3º ano	4º ano a
1 - Resolver problemas			13 (100%)
2- Multiplicação	1 (25%)		
3 - Tabuada	4 (100%)		
4 - Gramática			1 (7,7%)
5 - Estudar			5 (38,5)
6 - Estudo do meio		6 (60%)	
7 - Trabalho em grupo		10 (100%)	
8 - Frases	1 (25%)		
9 - Matemática	1 (25%)		
10 -Mais coisas	1 (25%)		

2. Quais gostas mais de fazer? Porquê?

Ano de escolaridade	Atividades	Citação	Nº de respostas
2º ano	Tabuada	<i>“ eu gosto mais de tabuada porque posso treinar os números” (2a11)</i> <i>“Eu gosto da tabuada e da matemática porque é muito divertido fazer as duas coisas” (2a8)</i> <i>“ a tabuada porque é mais fácil”(2a2)</i>	5 (41,5%)
	Pesquisa	<i>“eu gosto de fazer pesquisa porque pesquisamos animais, pessoas mas etc” (2a10)</i>	1 (8,3%)
	Leitura	<i>“ eu gosto mais de ler porque gosto muito de ler”(2a9)</i> <i>“eu gosto de fazer mais a leitura. Porque aprende-se a ler muito” (2a3)</i> <i>“eu gosto mais de ler porque é divertido”(2a1)</i>	3 (25%)
	Cópias	<i>“ gosto mais de fazer cópias e fichas porque é divertido” (2a7)</i>	1 (8,4)
	Fichas	<i>“ gosto mais de fazer cópias e fichas porque é divertido” (2a7)</i>	1 (8,4)
	Desenhos	<i>“Eu gosto mais de fazer desenhos porque eu vou ser arquiteto” (2a6)</i>	1 (8,4)
			12

Ano de escolaridade	Atividades	Citação	Nº de respostas
3º ano	Cálculos	<p>“gosto mais de fazer cálculos porque adoro matemática”(3a19)</p> <p>“gosto mais de cálculos porque é sempre bom aprender coisas novas e contas”(3a8)</p> <p>“gosto de cálculos porque são fáceis e são bons”(3a17)</p> <p>“gosto de fazer cálculos porque sempre eu gosto de fazer problemas”(3a18)</p>	14 (66,6%)
	Leitura	<p>“gosto mais de ler porque aprendo palavras no e á sempre uma aventura”(3a1)</p> <p>“gosto mais de ler porque gosto muito de ler livros”(3a5)</p> <p>“gosto de ler porque ajuda a escrever melhor”(3a14)</p>	6 (28,6%)
	Pesquisa	<p>“gosto mais de fazer pesquisa e cálculos porque quando pesquisamos aprendemos e quando fazemos cálculos é giro contar (1+3)”(3a15)</p>	1 (4,8%)
			21

Ano de escolaridade	Atividades	Citação	Nº de respostas coincidentes
4º ano A	Cálculos	<p>“eu gosto de levar cálculos, fichas. Porque gosto de cálculos mentais para pensar e gosto de fichas porque gosto de pensar o que está na ficha”(4Aa18)</p> <p>“cálculo porque a minha disciplina preferida é Matemática”(4Aa1)</p>	6 (20,7%)
	Leitura	<p>“eu gosto mais da leitura porque gosto de ler”(4Aa21)</p> <p>“gosto de ler porque acho interessante”(4Aa8)</p> <p>“leitura porque eu gosto muito de ler e desenvolvemos mais a leitura”(4Aa4)</p>	8 (27,6%)
	Cópias	<p>“cópia porque é divertido”(4Aa19)</p> <p>“leitura e cópias e problemas porque eu gosto de ler e copiar para não ter erros e fazer problemas temos de pensar muito bem e eu gosto muito”(4Aa2)</p>	2 (6,9%)
	Gramática	<p>“gosto mais de fazer gramática porque gosto de fazer adjetivos qualificativos”(4Aa16)</p>	1 (3,4%)
	Fichas	<p>“eu gosto de fazer leituras e fichas porque com a leitura aprende-se mais e as fichas ajuda a ler-mos os números”(4Aa15)</p> <p>“gosto mais de fazer fichas, porque é mais fácil e podemos estudar”(4Aa10)</p> <p>“gosto mais de fichas porque é mais fácil”(4Aa9)</p>	6 (20,8%)

História de Portugal	<i>“ trabalhos sobre história de Portugal. Porque adoro história” (4Aa17)</i>	1 (3,4%)
Resolver problemas	<i>“eu gosto mais de resolver problemas porque tenho de pensar” (4Aa7)</i> <i>“problemas porque é preciso pensar muito bem e eu gosto” (4Aa3)</i>	4 (13,8%)
Estudar	<i>“problemas porque são fáceis ler porque é divertido e estudar porque memorizamos as coisas” (4Aa5)</i>	1 (3,4%)
		29

Ano de escolaridade	Atividades	Nº de respostas	
4º ano B	Cálculos	<i>“cálculos porque eu gosto de fazer contas de dividir, multiplicação etc.” (4Ba6)</i> <i>“cálculos porque é divertido e muito fácil.” (4Ba11)</i> <i>“cálculos porque é divertido e quanto mais fazemos mais aprendemos” (4Ba19)</i> <i>“cálculos porque gosto de matemática e gosto de trabalhar com números”(4Ba22)</i>	14 (46,7%)
	Pesquisa	<i>“pesquisa. Porque gosto de ir á internet pesquisar em livros e outras coisas do género.” (4Ba3)</i> <i>“pesquisar porque é fixe aprende-se e conhecemos mais coisas que não sabíamos” (4Ba5)</i> <i>“pesquisa porque é interessante ficar a saber mais” (4Ba10)</i>	8 (26,7%)
	Fichas	<i>“ cálculos e fichas porque gosto de fazer TPC de matemática” (4Ba15)</i> <i>“cálculo, ficha, leitura porque são os meus favoritos trabalhos” (4Ba2)</i>	2 (6,6%)
	Leitura	<i>“pesquisas, leitura e cálculos porque gosto muito de ler, fazer pesquisas e fazer cálculos” (4Ba4)</i>	4 (13,4%)
	Cópias	<i>“gosto mais de fazer cópias e leituras porque não é preciso de fazer tanto trabalho” (4Ba16)</i>	2 (6,6%)
			30

3. Que outros TPC gostavas que o teu professor te pedisse para fazeres?

Atividades	2º ano	3º ano	4º ano a	4º ano b	Totais
Inquéritos à tua família	1 (5%)	3 (15%)	11 (55%)	5 (25%)	20
Trabalho em grupo	9 (13,8%)	18 (27,8%)	22 (33,8%)	16 (24,6%)	65
Ilustração de um texto	3 (6,4%)	9 (19,2%)	19 (40,4%)	16 (34,0%)	47
Outros. Quais?	5 (29,4%)	0 (0%)	10 (58,8%)	2 (11,8%)	17

Quais?

Ano de escolaridade	Atividade	Nº de respostas
2º ano	Desenhos	2 (20%)
	Contas	1 (10%)
	Tabuadas	2 (20%)
	Textos	1 (10%)
	Pesquisas	2 (20%)
	Cópias	1 (10%)
	Matemática	1 (10%)
		Totais: 10

Ano de escolaridade	Atividade	Nº de respostas
4º ano B	Pinturas	1 (50%)
	Expressão plástica	1 (50%)

Ano de escolaridade	Atividade	Nº de respostas
4º ano A	Cópias	2 (18,3%)
	Visitas	1 (9,0%)
	Fazer textos	3 (27,3%)
	Experiências	4 (36,4%)
	Trabalhos no computador	1 (9,0%)
		Totais: 11

4. Aproximadamente quantos dias, por semana, levas trabalhos para Casa?

Nº de dias:	2º ano	3º ano	4º ano a	4º ano b	totais
1	-	-	-	-	
2	-	-	-	-	
3	-	-	-	1 (4,5%)	1
4	1 (9,1%)	-	-	-	1
5	10 (90,9%)	18 (100%)	21 (100%)	21 (95,5%)	70

5. Achas que demoras muito tempo a fazer os Trabalhos Para Casa?

	2º ano	3º ano	4º ano a	4º ano b	totais
Sim	1 (9,1%)	5 (26,3%)	1 (4,8%)	11 (50%)	18(24,7%)
Não	10 (90,9%)	14 (73,7%)	20 (95,2%)	11 (50%)	55 (75,3)

Porquê?

Ano de escolaridade		Razões	Nº de respostas coincidentes
2º ano	Sim	“porque são difíceis e às vezes a minha mãe também não sabe” (2a10)	1 (100%)
	Não	“ Porque são poucos trabalhos para casa” (2a11)	5 (45,4%)
		“ porque sou muito rápido e o 2º mais adiantado” (2a9)	1 (9,1%)
		“porque são fáceis ” (2a3)	4 (36,4%)
3º ano	Sim	“Sim porque estou sempre a apagar” (3a15)	1 (25 %)
		“Porque o meu pai liga a televisão e eu distraio-me” (3a12)	2(50 %)
		“Porque sou muito lenta e brincalhona” (3a4)	1 (25%)
	Não	“ não porque os meus pais ajudam-me um bocadinho” (3a18)	2 (14,3%)
		“Eu não demoro muito tempo porque sou rápida a fazer os trabalhos de casa” (3a17)	1 (7,1%)
		“não porque eu escrevo depressa” (3a14)	
		“Porque são fáceis e divertidos” (3a11)	
		“Os trabalhos de casa são fáceis e ninguém faz muito barulho” (3a9)	6 (42,9%)
		“Porque eu gosto dos trabalhos” (3a16)	2 (14,3%)
		“Às vezes é pouca coisa” (3a5)	1 (7,1%)
4º ano A	Sim	“Não, porque não costumo ter dificuldades ” (3a3)	2 (14,3%)
		“Porque tenho facilidade” (3a1)	
4º ano B	Sim	“porque eu fico cansada e já não me apetece fazer” (4Aa16)	1 (100%)
		“porque a minha mãe me ajuda ” (4Aa17)	1 (5%)
		“porque não levamos muitos trabalhos e eu faço depressa” (4Aa2)	
		Porque não levo muito trabalhos diariamnte, e tenho facilidade em faze-los” (4Aa13)	4 (20%)
		“Porque a minha intenção é faze-los” (4Aa21)	1(5%)
		“Porque me despacho ” (4Aa19)	
		“Porque não levo demasiados trabalhos e despacho-me depressa mas faço bem” (4Aa18)	4 (20%)
		“Não porque organizo-me e faço-os depressa” (4Aa11)	
		Porque sobra-me muito tempo ” (4Aa14)	
		Porque eu sei faze-los e não demoro quase nenhum tempo ” (4Aa12)	4 (20%)
4º ano B	Sim	Porque sei bem as matérias” (4Aa8)	
		Porque são muito fáceis ” (4Aa5)	
		Porque sou bom aluno e faço-os com facilidade e são poucos” (4Aa1)	5 (25%)
4º ano B	Sim	“Porque a minha professora não é muito exigente nos trabalhos de casa” (4Aa20)	1 (5%)
		“sim porque é matéria que gosto e gosto de estudar”	4 (50%)

		<i>“Porque estudo e para estudar demora” (4Ba22)</i>	
		<i>“Porque às vezes tenho dificuldade a fazer” (4Ba6)</i> <i>“eu às vezes não me lembro bem da matéria” (4Ba8)</i>	3 (37,5%)
		<i>Porque faço as coisas á pressa e às vezes mal (4Ba21)</i>	1 (12,5%)
	Não	<i>“porque normalmente são fáceis e estou com atenção nas aulas” (4Ba3)</i> <i>Porque a maior parte das vezes não tenho dificuldade” (4Ba15)</i>	5 (45,5%)
		<i>Porque os faço logo quando saio da escola” (4Ba4)</i>	1 (9,1%)
		<i>Porque sei tudo de cor” (4Ba7)</i>	1 (9,1%)
		<i>Porque gosto de os fazer com cuidado (4Ba10)</i> <i>Quando acabo uma pergunta leio e vejo se está bem (4Ba13)</i> <i>Porque faço com cabeça e sou rápido a pensar” (4Ba18)</i>	3 (27,2%)
		<i>Porque sou rápido a escrever (4Ba19)</i>	1 (9,1%)

6. Tens tempo livre para fazer outras actividades?

	2º ano	3º ano	4º ano a	4º ano b	totais
Sim	10 (90,9%)	19 (100%)	21 (100%)	22 (100%)	72 (98,6%)
Não	1				1 (1,4%)

Quais?

Ano	Atividade	Nº de respostas
2º ano	Livros	1 (5,6%)
	Catequese	6 (33,3%)
	Escuteiros	1 (5,6%)
	Judo	2 (11,1%)
	Dança	1 (5,6%)
	Natação	2 (11,1%)
	Ginástica	1 (5,6%)
	Brincar	2 (11,1%)
	Televisão	1 (5,6%)
	Aulas de guitarra	1 (5,6%)
		Totais: 18

Ano	Atividade	Nº de respostas
4º ano A	Conservatório	8 (12,8%)
	Natação	6 (9,7%)
	Catequese	10 (16,1%)
	Alguns	1 (1,6%)

Ano	Atividade	Nº de respostas
3º ano	Futebol	4 (10,5%)
	Karaté	1 (2,5%)
	Brincar	4 (10,5%)
	Arrumar o quarto	1 (2,5%)
	Catequese	9 (23,1%)
	Natação	7 (18,0%)
	Jogar xadrez	1 (2,5%)
	Guitarra	2 (5,2%)
	Jogar computador	1 (2,5%)
	Tomar banho	1 (2,5%)
	Televisão	2 (5,2%)
	Fichas	1 (2,5%)
	Ginásio de matemática	1 (2,5%)
	Ler	1 (2,5%)
	Jogar	1 (2,5%)
Rancho	1 (2,5%)	
Jogar damas	1 (2,5%)	
	Totais: 39	

	Aniversários	
	Brincar	7 (11,3%)
	Ler	4 (6,5%)
	Futebol	2 (3,2%)
	Estudar	5 (8,1%)
	Ver televisão	5 (8,1%)
	Jogar PSP, Nintendo	4 (6,5%)
	Estar com a família	3 (4,9%)
	Desenhos	2 (3,2%)
	Cópias, fichas	1(1,6%)
	Ténis	1 (1,6%)
	Guitarra	1(1,6%)
	Computador	1(1,6%)
	Música	1(1,6%)
		Totais: 62

Ano	Actividade	Nº de respostas
4º ano B	Jogar consola	4 (8,5%)
	Jogar computador	5 (10,6%)
	Bicicleta	1 (2,1%)
	Catequese	10 (21,3%)
	Aulas de piano	3 (6,4%)
	Natação	6 (12,8%)
	Brincar	3 (6,4%)
	Música	2 (4,3%)
	Futebol	8 (17,1%)
	Ténis	1 (2,1%)
	Ballet	1 (2,1%)
	Televisão	1 (2,1%)
	Desenho	1 (2,1%)
	Equitação	1 (2,1%)
	Totais:	47

7. Alguém te ajuda a fazer os trabalhos para casa?

	2º ano	3º ano	4º ano a	4º ano b
Sim	9 (81,8%)	11 (57,9%)	18 (85,7%)	17 (77,3%)
Não	2 (18,2%)	8 (42,1%)	3 (14,3%)	5 (22,7%)

2º ano

Quem ajuda nos TPC	Totais:	Quando é que são ajudados nos TPC	Totais:
Mãe	7 (63,6%)	<i>“a mãe quando tenho dificuldade” (2a1) “o meu pai e a minha mãe quando eu não sei e tenho dúvidas” (2a7)</i>	6 (75%)
Pai e mãe	2 (18,2%)	<i>“ quem me ajuda é a a minha mãe sempre que levo trabalhos de casa” (2a4)</i>	1 (12,5%)
Irmão e mãe	1 (9,1%)	<i>“eu faço algumas coisas sozinha e algumas coisas sou ajudada da minha mãe” (2a8)</i>	1 (12,5%)
Sozinho	1(9,1%)		

3º ano

Quem ajuda nos TPC	Totais:	Quando é que são ajudados nos TPC
Mãe	5 (50%)	<p>“Os meus pais quando chego a casa” (3a3) “Quem me ajuda a fazer os trabalhos de casa é a minha mãe e é às vezes” (3a4) “A minha mãe, mas ela só me ajuda quando é preciso” (3a5) “Mãe e pai quando os trabalhos de casa são difíceis” (3a6) “Mãe e pai quando eu tenho dificuldades” (3a9) “A mãe e ajuda-me á tarde” (3a11) “Os meus pais às vezes” (3a15) “É a minha mãe no fim-de-semana”(3a17) “Os meus pais quinta e sexta” (3a18)</p>
Pai e Mãe	5 (50%)	

4º ano A

Quem ajuda nos TPC	Totais:	Quando é que são ajudados nos TPC	Totais:
Mãe	9 (40,9%)	<p>“o pai e a mãe ajudam às vezes” (4Aa3) “a minha mãe às vezes” (4Aa4)</p>	5 (33,3%)
Pai	4 (18,2%)	<p>“o meu pai quando tenho dúvidas” (4Aa10) “a minha mãe e porque às vezes tenho algumas dúvidas” (4Aa12)</p>	4 (26,7%)
Pai e Mãe	7 (31,9%)	<p>“A minha mãe e às vezes á tarde e muitas vezes á noite” (4Aa2)</p>	2 (13,3%)
Sozinho	2 (9,0%)	<p>“A minha mãe e o meu pai quando levo trabalhos para casa” (4Aa5)</p>	1 (6,7%)
		<p>“O meu pai ajuda-me às vezes á saída da escola quando chego a casa” (4Aa9)</p>	2 (13,3%)
		<p>“O meu pai é só nos fins-de-semana” (4Aa15)</p>	1 (6,7%)
	22 resp		15 rsp

4º ano B

Quem ajuda nos TPC	Totais:		Quando é que são ajudados nos TPC	Totais:
Mãe	9 (52,9%)		<i>“a minha mãe ajuda-me quando tenho dificuldades nalguns coisas antes do jantar” (4Ba19)</i> <i>“A minha mãe às vezes ajuda-me antes do jantar e a estudar para os testes e não só” (4Ba18)</i> <i>“o meu pai quando estou com dificuldades antes do jantar” (4Ba16)</i>	9 (56,3%)
Pai	1 (5,9%)		<i>“a minha mãe depois da hora de jantar às vezes” (4Ba2)</i> <i>O meu pai e a minha mãe quase sempre a seguir ao jantar” (4Ba14)</i>	3 (18,5%)
Pai e Mãe	3 (17,6%)		<i>O pai ou a mãe quando tenho dúvidas” (4Ba7)</i>	1 (6,3%)
Irmã	1 (5,9%)		<i>“Quando não entendo muito bem” (4Ba13)</i>	1 (6,3%)
Prima	1 (5,9%)		<i>“A minha prima e ajuda quando saio da escola” (4Ba20)</i>	1 (6,3%)
Sozinho 2	2 (11,8%)		<i>“A minha mãe às vezes ajuda-me ao fim de semana”(4Ba21)</i>	1 (6,3%)
	17 resp			16 resp

8. o teu professor costuma pedir para fazeres pesquisa em casa?

	2º ano	3º ano	4º ano a	4º ano b	Totais:
Sim	1 (9,0%)	18 (94,7%)	20 (95,3%)	21 (95,5%)	60
Não	10 (90,9%)	1 (5,3%)	1 (4,8%)	1 (4,5%)	13

9. Na tua opinião porque é que o teu professor te pede para realizares Trabalhos Para casa?

Ano de escolaridade	Função:	Citações	Nº de respostas coincidentes :
2º ano	Aprender	<i>“Para aprender”(2a1)</i> <i>“Quando a professora me manda trabalhos de casa acho que é para a prender” (2a4)</i> <i>“Para eu aprender muito”(2a10)</i>	9 (81,8%)
	Treinar	<i>“Para nós treinarmos a leitura e a escrita” (2a7)</i>	1 (9,1%)
	Recompensa	<i>“Quando eu porto-me bem a professora não manda-me trabalhos para casa” (2a11)</i>	1 (9,1%)
			11

Ano de escolaridade		Citações	Nº de respostas coincidentes :
3º Ano	Aprender	<p>“Para aprender mais e para recordar a matéria que demos na escola” (3a19)</p> <p>“Para nós não nos esquecermos do que aprendemos na escola” (3a5)</p> <p>“Porque sem trabalhos não aprendemos” (3a10)</p> <p>“a professora manda trabalho para casa para aprendermos na escola e em casa” (3a18)</p> <p>“Para aprender e ter novas capacidades” (3a6)</p>	9 (47,4%)
	Recordar	<p>“Para recordar a matéria que demos na escola” (3a2)</p> <p>“Para aprender as coisas da escola e para recordarmos as coisas que a professora ensina.” (3a15)</p>	3 (15,7%)
	Tempo	“Porque não tem tempo para ensinar tudo na escola” (3a1)	1 (5,3%)
	Ligação dos pasi à escola	“Na minha opinião acho que é porque os pais têm de estar ligados com aquilo que fazemos na escola.” (3a3)	1 (5,3%)
	Memorização	“Para nos testes saber tudo e ficar com tudo na cabeça ” (3a8)	1 (5,3%)
		“Na minha opinião a professora pede-me para realizar trabalhos para casa para ser inteligente e para aprender.” (3a9)	1 (5,3%)
	Preocupação da professora	<p>“Alguns portam-se mal e depois não conseguimos e depois levamos porque se preocupa”(3a13)</p> <p>“A professora manda trabalho Para casa porque se preocupa com nosco ao aprender” (3a14)</p>	2 (10,5%)
	Trabalho em grupo	“A professora manda trabalho para casa para nos fazermos em grupo” (3a17)	1 (5,3%)
			19

Ano de escolaridade	Função:	Citações	Nº de respostas coincidentes:
4º Ano A	Saber Mais	<p>“Para nós ficarmos a saber mais e para nós ficarmos com menos dúvidas nas matérias” (4Aa20)</p> <p>“Eu acho bem que a professora mande trabalhos de casa porque ao estar a fazê-los fica a saber mais coisas”</p> <p>“Para saber mais coisas” (4Aa19)</p> <p>“ a professora pede para fazer os trabalhos de casa para eu saber melhor e aprender matéria” (4Aa7)</p>	6 (28,6%)
	Aprender	<p>“A minha professora manda-me trabalhos para casa para eu estudar e aprender” (4Aa18)</p> <p>“Eu acho que é para nós aprendermos mais e para ficarmos a saber mais coisas importantes. (4Aa15)</p> <p>“Para aprender mais e realizar o pensamento para ficarmos mais espertos” (4Aa2)</p>	4 (19,0%)
	Estudar	<p>“Para estudarmos em casa e na escola”</p> <p>“Para não só na escola mas sim em casa estudarmos sempre” (4Aa8)</p> <p>“A minha opinião a minha professora manda-me trabalhos para perceber melhor a matéria, estudar.” (4Aa5)</p>	4 (19,0%)
	Treinar	<p>“Para treinarmos a matéria e não a esquecer”</p> <p>“Para treinarmos e para fazermos sozinhos na escola.” (4Aa4)</p> <p>“na minha opinião ela dá trabalhos para casa porque nós temos de trabalhar e para praticarmos o que demos.” (4Aa9)</p>	3 (14,2%)
	Ser inteligente	<p>“Porque quer que eu seja inteligente” (4Aa21)</p>	1 (4,8%)
	Desenvolver o cálculo	<p>“Para desenvolvermos o calculo e não só” (4Aa11)</p>	1(4,8%)
	Ajudar	<p>“Para nos ajudar na matéria da escola” (4Aa6)</p>	1(4,8%)
	Pensar sozinhos	<p>“Para pensarmos por nós próprios”(4Aa1)</p>	1(4,8%)
			21

Ano de escolaridade		Citações	Nº de respostas coincidentes:
4º Ano B	Aprender	<p>“É para nós sabermos as coisas melhores e para aprendermos” (4Ba2)</p> <p>“Para nos ensinar e para nós aprendermos” (4Ba4)</p> <p>“Para aprendermos melhor o que nos ensinaram na escola (4Ba11)</p> <p>“Porque há pessoas que tem dificuldades e é para aprendermos” (4Ba12)</p> <p>“Para aprendermos melhor as coisas e o que tivemos errado ou dificuldades o professor ajuda” (4Ba20)</p>	10 (45,6%)
	Explicar mais tarde	<p>“Para a professora saber o que nós sabemos e não sabemos para explicar” (4Ba18)</p> <p>“Porque se não entendermos a matéria a professora explica e para praticar” (4Ba8)</p> <p>“Para ver se percebemos a matéria e se não entendermos a professora ensina outra vez” (4Ba3)</p>	3 (13,6%)
	Estudar	<p>“Para estudar” (4Ba7)</p> <p>“Para fazer o que não percebo é para estudar para perceber melhor aprendermos mais” (4Ba15)</p>	2 (9,1%)
	Tirar dúvida	<p>“Para aprender para tirar dúvidas, adquirir conhecimentos” (4Ba1)</p> <p>“Para tiráramos as dúvidas no dia a seguir para ver o que temos mais dificuldade para aprender melhor” (4Ba14)</p> <p>“Para eu praticar e se tiver mal dizer á professora que não percebi e aprender” (4Ba22)</p>	3 (13,6%)
	Verificar dificuldades	<p>“Porque assim se tivermos mal a professora pode ver onde temos dificuldade” (4Ba9)</p> <p>Porque há pessoas que tem dificuldade e é para aprendermos” (4Ba12)</p>	2 (9,1%)
	Avaliação	“Para verificar se entendemos bem os exercícios” (4Ba 21)	1 (4,5%)
	Revisão da matéria	“Para nós revermos a matéria e ficarmos a perceber melhor” (4Ba10)	1(4,5%)
			22

Anexo 4

Análise dos inquéritos aos Professores

Dados dos professores:

Sexo		Idade		Habilitações literárias		Anos de serviço	
M	F	38	1 (6,5%)	Magistério primário	8 (47,1%)	15	1 (5,9%)
2 (11,8%)	15 (88,2%)	45	1 (6,5%)	Bacharelato	5 (29,4%)	18	2 (11,8%)
		47	2 (13,3%)	Licenciatura	3 (17,6%)	20	1 (5,9%)
		48	1 (6,5%)	Mestrado	1 (5,9%)	26	1 (5,9%)
		51	2 (13,3%)			28	1 (5,9%)
		52	2 (13,3%)			29	1 (5,9%)
		53	2 (13,3%)			31	7 (41,1%)
		54	2 (13,3%)			32	1 (5,9%)
		55	1 (6,5%)			33	2 (11,8%)
		57	1 (6,5%)				

1. Os TPC auxiliam a aprendizagem das crianças do 1º ciclo?

Discordo totalmente	-
Discordo	-
Nem concordo nem discordo	3 (17,6%)
Concordo	9 (52,9%)
Concordo totalmente	5 (29,5%)

2. Quantos dias por semana marca TPC?

Nº de dias	
1	1 (5,9%)
2	-
3	3 (17,6%)
4	4 (23,6%)
5	9 (52,9%)

3. Quantas tarefas pede aos seus alunos por dia?

Nº tarefas	
1	7 (43,8%)
2	8 (50,0%)
3	1 (6,2%)
4	-

4. Quanto tempo aproximadamente devem as crianças dedicar à resolução dos TPC?

Tempo	
15 min	3 (17,6%)
30 mim	12 (70,6%)
45 mim	1 (5,9%)
1 h	1 (5,9%)
1h 30	-
1h 45	-
2h	-

5. Que tipo de TPC solicita às crianças com mais regularidade?

Cópias	3
Cálculos	13
Fichas	9
Pesquisa	7
outros	3

Quais?

- Escrita (produção de texto) (P12)
- Leituras (P7)
- Depende do ano em que estou a lecionar (P13)

6. Os TPC que solicita, mudam consoante os objetivos pretendidos?

Sim	15 (88,2%)
Por vezes	2 (11,8%)
Não	

Como?

Conteúdos 5 (45,5%)	<p><i>“De acordo com os conteúdos em estudo” (P17)</i></p> <p><i>“Consoante os conteúdos dados nas diferentes áreas” (P12)</i></p> <p><i>“Depende dos conteúdos a tratar no momento” (P7)</i></p> <p><i>“Depende dos conteúdos a tratar no momento ou necessário” (P5)</i></p> <p><i>“De acordo com os conteúdos que foram trabalhados” (P2)</i></p>
País 1 (9,0%)	<i>“Com eles pretendo dar oportunidade aos pais de saber os conteúdos que ando a tratar e contar com a sua ajuda no apoio dos mesmo” (P1)</i>
Função 1 (9,0%)	<i>“Depende da função - consolidação, aplicação, revisão” (P16)</i>
Reforço/matéria 3 (27,3%)	<p><i>“São o reforço para as matérias aprendidas na aula” (P14)</i></p> <p><i>“De acordo com o que foi a matéria do dia”(P8)</i></p> <p><i>“De acordo com o que foi dado de novo na aula para sistematizar” (P6)</i></p>
1 (9,0%)	<i>“uns dias pretendo que treinem a leitura, um outro o raciocínio, outro o calculo” (P3)</i>

7. Os TPC que manda são iguais para todas as crianças da turma?

Sim	4 (23,5%)	Citações
Por vezes	4 (23,5%)	<p><i>“Porque existe na turma 3 níveis” (P3)</i></p> <p><i>“Por vezes as necessidades dos alunos são diferentes” (p5)</i></p>
Não	9 (52,9%)	<p><i>“Os níveis de competências são diferentes” (P1)</i></p> <p><i>“Porque tenho 4 anos de escolaridade” (P2)</i></p> <p><i>“Encontram-se em anos diferentes e níveis de aprendizagem diferente” (P4)</i></p> <p><i>“Porque algumas crianças estão em níveis e ano de escolaridade” (P6)</i></p> <p><i>“por vezes as necessidades são diferentes devido às dificuldades sentidas pelos alunos” (P7)</i></p> <p><i>“Níveis diferentes de aprendizagem” (P10)</i></p> <p><i>“Porque possuo 2 anos de escolaridade” (P12)</i></p> <p><i>“Mudam consoante o ritmo de aprendizagem e o nível de conhecimento” (P14)</i></p> <p><i>“Porque a turma é homogénea” (P16)</i></p> <p><i>“Não há níveis diferentes de aprendizagem” (P17)</i></p>

8. Os Encarregados de Educação devem auxiliar as crianças na resolução dos TPC?

Sim	6 (46,2%)
Por vezes	5 (38,4%)
Não	2 (15,4%)

9. Com a resolução dos TPC, as crianças ficam com pouco tempo disponível para atividades de lazer?

Sim	3 (17,6%)
Não	14 (82,4%)

Justificação de um professor “Depende do tempo gasto para os realizar. As crianças saem da escola às 17.30m e não tem tempo para serem “crianças”. (P12)

Anexo 5

Análise dos Cadernos de Casa

2º Ano

Categoria	Subcategoria	Nº de tarefas	Tarefa
Matemática	Números	6	<ul style="list-style-type: none"> - Escrever os números de 1 a 20 Os números por ordem crescente e decrescente até 30 - Escrever os números de 100 a 300: de 2 em 2; de 3 em 3; de 5 em 5; de 10 em 10 - Números pares - Números ímpares - Escrever os números até 30 por extenso
	Tabuadas	2	<ul style="list-style-type: none"> - Escrever a tabuada do 2; 3; 4; 5; 10 - Por ordem crescente, decrescente e salteada
	Contas	4	<ul style="list-style-type: none"> - Adição - Subtração - Multiplicação - Adição com transporte
Estudo do meio		11	<ul style="list-style-type: none"> - Escrever o nome completo - Escrever a morada - Escrever os meses do ano - Escrever a sua informação pessoal (dia de nascimento, peso, altura, 1º dente, quando começou a andar, quando começou a comer sozinho) - Nome completo dos pais - Dias da semana - Copiar a informação do livro sobre a dentição e os 5 sentidos - Copiar a informação sobre as regras de segurança - Copiar a informação: algumas normas de higiene - Perguntar e registar a data de nascimento do pai, mãe irmã, avós...
Língua Portuguesa	Alfabeto	1	<ul style="list-style-type: none"> - Escrever o alfabeto maiúsculo e minúsculo
	Cópias	25	<ul style="list-style-type: none"> - Copiar o texto “A B C” - Copiar o texto “Folhas pequeninas” - Copiar o texto “Começaram as aulas” - Copiar o texto “a minha mochila” - Escrever as palavras difíceis sublinhas do texto, três vezes - Copiar o texto “Bolinha de pelo”, escrever 7 palavras difíceis - Copiar o texto “Que medo”, escrever 10 palavras difíceis - Copiar o texto “um irmão careca” - Copiar o texto “os operários mais importantes” - Copiar o texto “quando vem a noite” - Copiar os textos: “Primavera” “ Verão” “Outono” “Inverno” - Copiar o texto: “Gosto de pão” - Copiar o texto: “ uma toalha de mesa” - Copiar o texto “O elefante” - Copiar o texto: “Numa casa muito estranha”

			<ul style="list-style-type: none"> - Copiar o texto: “o fogo queima” - Copiar o texto Noite de Natal” - Copiar o texto: A noite das prendas” - Copiar o texto: “o Pedro e o cão” - Copiar o texto: modos de vida - Copiar o texto: “As velhas cadeiras” - Construção de textos a partir de uma palavra - Construção de um texto dobre as normas de higiene - Construção de texto “O meu emprego” - Copiar o texto: “Uma prece”
	Frases	2	<ul style="list-style-type: none"> - Construir frases com as palavras - Expandir frases

3º Ano

Categoria	Subcategoria	Nº de Tarefas	Tarefas
Língua Portuguesa	Palavras	7	<ul style="list-style-type: none"> - Encontrar uma palavra a partir de código - Classifica as palavras quanto ao número de sílabas - Classificar palavras quanto á acentuação - Escrever palavras da família - Escrever palavras difíceis - Escrever significados de palavras - Escrever palavras difíceis
	Cópias e ditados	12	<ul style="list-style-type: none"> - Copiar o texto: “ O menino Gordo” - Escrever um provérbio português - Copiar o texto: era uma vez um pião - Copiar o texto: “castigo” - Copiar o texto: o cego e o mealheiro - Copiar o texto: o tio Manuel Liró - Copiar o texto: A fonte - Copiar o texto: gota de água - Copiar o texto: - Ditado - Escrever um texto: qual o teu dia da semana preferido? Porque? Fala-nos também sobre o que costumás fazer nesse dia. - Escrever um texto “uma aventura na neve”
	Alfabeto	1	<ul style="list-style-type: none"> - Escrever o alfabeto maiúsculo e minúsculo
Matemática	Contas	4	<ul style="list-style-type: none"> - Adição com 3 parcelas - Multiplicação - Subtração - Divisão
	Números	3	<ul style="list-style-type: none"> - Escrever os números de 100 em 100 até 1000 por extenso - Decomposição de números - Leitura por classes e por ordens
	Problemas	1	<ul style="list-style-type: none"> - Resolução de problemas
Estudo do Meio		13	<ul style="list-style-type: none"> - Escrever informação sobre folha caduca e persistente - Escrever informação sobre a estátua de Amato Lusitano e o Dr. Manuel Vaz Preto

			<ul style="list-style-type: none"> - Escrever informação sobre a Nossa senhora de Mércules - feriado municipal - Escrever a informação sobre Afonso de Paiva - Escrever a informação sobre os hábitos alimentares do ouriço-cacheiro - Escrever a informação sobre os perigos da droga, do tabaco e do álcool - Fazer a árvore genealógica - Informação sobre o dia da restauração da independência - Estátuas em castelo branco - Nome das ruas de castelo branco - Nome de largos de castelo branco - Datas e factos em castelo branco - Tipo de habitações em castelo branco
--	--	--	--

4º ano

Categoria	Subcategoria		Tarefas
Língua Portuguesa	Cópias	3	<ul style="list-style-type: none"> - Copiar 20 palavras mais difíceis do texto - Copiar o texto: “Brincas tu e brinco eu” - Copiar o texto: “ Uma chuva de estrelas...”
	Leituras	1	<ul style="list-style-type: none"> - Ler o texto
	Gramática	4	<ul style="list-style-type: none"> - Classificação de palavras quanto á acentuação - Classificação de verbos - Encontrar sinónimos - Encontrar significados
	Criação de textos	2	<ul style="list-style-type: none"> - Criação de um texto - Criação de um texto: A bela adormecida
Estudo do Meio		2	<ul style="list-style-type: none"> - Fazer a pág. 142 e 143 - Copiar a informação sobre “cabeça” “tronco” “membros superiores” “músculos” “pele”
Matemática		3	<ul style="list-style-type: none"> - Estudar a tabuada - Contas de dividir - Contas

Anexo 6

Análise das planificações dos professores

Categorias	Tarefas	Nº de Tarefas
Língua Portuguesa	<ul style="list-style-type: none"> - Ler estudar/ estudar texto pág. 8 do livro de fichas - Classificar quanto á posição da silaba tónica as palavras sublinhadas no texto - Responder às questões sobre a compreensão do texto da pág. 8 do livro de fichas - Ler/ estudar e fazer exercícios de ortografia da pag4. - Fazer exercícios de gramática da pág. 11 do livro de fichas - Leitura do texto “ Pequeno-almoço atribulado”, pág. 26 - Ler/ estudar e fazer exercícios de ortografia da pág. 10 do livro de fichas - Ler/ estudar e fazer exercícios de ortografia da pág. 14 do livro de fichas - Escrita de texto de acordo com sugestão da pág. 31 do manual - Escrita de texto de acordo a sugestão da pág.31 do manual - Escrita de texto de acordo a sugestão da pág.31 do manual - Ler texto da pág. 12 do livro de fichas - Copiar texto da pág. 12 do livro de fichas - Fazer exercícios de compreensão, gramática e ortografia do texto da pág. 12 do livro de fichas - Ler a informação da pag.42 do manual e fazer exercícios da pág. 43 - Pontuar texto a entregar pela professora - Ler o texto da pág. 58 do manual - Pesquisar no dicionário as palavras sublinhadas na pág.58 do manual - Fazer os exercícios de compreensão gramatica e ortografia do texto da pág. 58 do manual. - Escrever um texto narrativo sobre a banda desenhada da pág,74 do manual - Leitura e estudo da informação gramatical da pág. 86 - Realização dos exercícios gramaticais da pág. 87 - Leitura do texto da pág. 18 do manual - Pesquisa no dicionário das palavras sublinhadas ou outras que conheças - Realização dos exercícios de interpretação e gramática do texto da pág. 18 - Reconto da fábula da pág. 19 	<p>Leituras: 10 Tarefas</p> <p>Exercícios de gramática: 7 Tarefas</p> <p>Interpretação de textos: 3 Tarefas</p> <p>Escrita de um texto: 5 Tarefas</p> <p>Estudar: 4 Tarefas</p> <p>Pesquisa no dicionário: 2 Tarefas</p>
Estudo do Meio	<ul style="list-style-type: none"> - Estudar e copiar informação sobre os ossos da cabeça, pág.9 - Estudar e copiar informação sobre o tronco, pag.9 - Estudar e copiar a informação sobre os membros na pág.10 - Ler/estudar a informação sobre os músculos, pág. 10 - Ler, estudar e copiar a informação sobre a a pele - Realizar exercícios de uma ficha a entregar á professora - Realizar exercícios de uma ficha a entregar á professora - Realizar exercícios de uma ficha a entregar á professora -Estudar matéria sobre os primeiros povos que habitaram a península ibérica - Estudar matéria de estudo do meio da pág. 40 à 44 - Estudar, matéria de estudo do meio da pág. 42 à 48 - Realizar exercícios de ficha a entregar pela professora 	<p>Leitura: 2 Tarefas</p> <p>Estudar: 8 Tarefas</p> <p>Copias: 4 Tarefas</p> <p>Realização de fichas: 4 Tarefas</p>
Matemática	<ul style="list-style-type: none"> - Copiar números ordinais da pág. 18 do manual -Efetua 964:3 e 754X64 - Efetua 845:4 e 958X53 - Realizar os exercícios os exercícios 1, 2 e 3 da pag.10 do livro de 	<p>Exercícios do</p>

	<p>fichas de matemática</p> <ul style="list-style-type: none"> - Realizar os exercícios 1 e 2 da pág. 10 dos livros de matemática - Realizar os exercícios da pág. 4 do livro de fichas - Realizar os exercícios 1, 2 da pág. 2 do livro de fichas - Realizar os exercícios 1,2 da pág. 6 do livro de fichas - Realizar os exercícios 5 da pág. 7 do livro de fichas - Realizar os exercícios 1,2 da pág. 6 do livro de fichas - Realizar os exercícios 3,4 da pág. 18 do livro de fichas - Realizar os exercícios da pág. 20 do livro de fichas - Realizar os exercícios pág. 16 do livro de fichas - Realizar os exercícios da pág. 28 do livro de fichas - Realizar os exercícios da pág. 21 do livro de fichas - Realizar os exercícios da pág. 29 do livro de fichas - Realizar os exercícios 1 e 2 da pág. 30 do livro de fichas - Realizar os exercícios 3 e 4 da pág. 31 do livro de fichas - Realizar os exercícios 5 e 6 da pág. 31 do livro de fichas - Realizar os exercícios 1 e 2 da pág. 32 do livro de fichas - Realizar os exercícios 3 e 4 da pág. 32 do livro de fichas - Realizar os exercícios 5 e 6 da pág. 32 do livro de fichas 	<p>manual: 18 Tarefas</p> <p>Cópias: 1 Tarefa</p> <p>Contas: 2 Tarefas</p>
--	---	---